

Paulinismo

A doutrina de Paulo
em oposição à de Jesus
(100 perguntas e respostas)

||
—

||
—

—
||

—
||

José Pinheiro de Souza

Paulinismo

A doutrina de Paulo
em oposição à de Jesus
(100 perguntas e respostas)

Fortaleza, 2010

Paulinismo: a doutrina de Paulo em oposição à de Jesus

©2010 Copyright by José Pinheiro de Souza

Contato com o autor:

E-mail: jpinheirosouza@uol.com.br

Site: www.professorpinheiro.com

Blog: www.jpinheirosouza.blog.uol.com.br

Capa: Mônica Costa

Diagramação: Franciana Pequeno

Ilustração da Capa: Carlos Henrique (Guabiras)

Revisão de Texto: Prof. José Alves Fernandes

S 719 c Souza, José Pinheiro de
Paulinismo: a doutrina de Paulo em oposição à de Jesus: (100 perguntas e respostas) / José Pinheiro de Souza. – Fortaleza: Gráfica LCR, 2010.
160p.
Inclui referências bibliográficas e apêndices.
Disponível no site: <http://www.professorpinheiro.com>
ISBN 978-85-7915-034-0
1. Religião – ecumenismo. 2. Diálogo inter-religioso. 3. Cristianismo. 4. Espiritismo. I. Título
CDU: 261.8

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| AGRADECIMENTOS | 11 |
| NÃO IMPORTA O CAMINHO | 12 |
| CREDO MACROECUMÊNICO | 13 |
| ABREVIATURAS E SIGLAS | 14 |
| PREFÁCIO | 15 |
| INTRODUÇÃO | 17 |
| AS 100 PERGUNTAS E RESPOSTAS | 21 |
| 1. O QUE É “PAULINISMO”? | 21 |
| 2. QUAL A DOCTRINA CENTRAL DO “PAULINISMO”? | 21 |
| 3. QUAL A DOCTRINA CENTRAL DE JESUS? | 21 |
| 4. QUAL A PRINCIPAL JUSTIFICATIVA PARA A DISTINÇÃO ENTRE O CRISTIANISMO DE PAULO E O DE JESUS? | 22 |
| 5. POR QUE A DOCTRINA DE PAULO É CHAMADA DE “CRISTIANISMO MÍTICO”? | 23 |
| 6. MAS O QUE É “MITO”? | 24 |
| 7. É CORRETO INTERPRETAR OS MITOS RELIGIOSOS LITERALMENTE? | 24 |
| 8. É VERDADE QUE O PAULINISMO CONFUNDE MITO COM VERDADE HISTÓRICA? | 25 |
| 9. O PAULINISMO INTERPRETA JESUS CRISTO LITERALMENTE COMO “DEUS” E “FILHO DE DEUS”? | 25 |
| 10. POR QUE FAZER DISTINÇÕES ENTRE O “CRISTO DA FÉ” E O “JESUS (OU CRISTO) HISTÓRICO”? JESUS NÃO É UM SÓ? .. | 27 |
| 11. POR QUE SE DIZ QUE FOI PAULO DE TARSO QUEM TRANSFORMOU O “JESUS HISTÓRICO” NO “CRISTO DA FÉ”? ... | 30 |
| 12. A TESE DE QUE PAULO É O VERDADEIRO FUNDADOR DO CRISTIANISMO DOGMÁTICO E MÍTICO É CONFIRMADA POR MUITOS ESTUDIOSOS DO CRISTIANISMO? | 30 |
| 13. QUAIS ERAM AS DUAS CORRENTES PRINCIPAIS EM QUE SE DIVIDIA O CRISTIANISMO ATÉ O SÉCULO IV? | 32 |
| 14. O JESUS HISTÓRICO DECLAROU SER DEUS? | 33 |
| 15. SER “FILHO DE DEUS” NA CULTURA HEBRAICA SIGNIFICAVA SER DEUS? | 33 |
| 16. COMO ENTENDER A “DIVINIZAÇÃO” QUE PAULO ATRIBUIU A JESUS? | 35 |

| | |
|--|----|
| 17. EM QUE PONTOS POLÊMICOS CONCENTRAM-SE AS PRINCIPAIS CRÍTICAS DA CORRENTE ANTIPAULINA? | 36 |
| 18. O JESUS HISTÓRICO FUNDOU UMA NOVA RELIGIÃO OU IGREJA? | 36 |
| 19. FOI PAULO MESMO QUEM FUNDOU O CRISTIANISMO TAL COMO O CONHECEMOS HOJE? | 39 |
| 20. A IGREJA CATÓLICA É DE ORIGEM PAGÃ? | 40 |
| 21. SEGUNDO O PAULINISMO, JESUS É O OU UM SALVADOR? | 42 |
| 22. COMO ENTENDER O ESCORREGÃO DE UM PARA O? | 43 |
| 23. FOI O ESCORREGAMENTO DE UM PARA O QUE GEROU O MITO DA UNICIDADE CRISTÃ? | 45 |
| 24. POR QUE O PAULINISMO NÃO É UMA RELIGIÃO “EXCLUSIVA”, “EXCEPCIONAL” E “ÚNICA”? | 48 |
| 25. O JESUS PAULINISTA NASCEU DE UM PARTO VIRGINAL? | 49 |
| 26. O MITO DE NASCIMENTOS VIRGINAIS É REALMENTE UMA CRENÇA ANTIQUÍSSIMA? | 51 |
| 27. O CONCEITO TRINITÁRIO DA DIVINDADE É UMA CRENÇA EXCLUSIVA DO CRISTIANISMO? | 54 |
| 28. COMO FOI CRIADO O CONCEITO TRINITÁRIO DA DIVINDADE NAS RELIGIÕES? | 55 |
| 29. QUAIS SÃO OS PRINCIPAIS ERROS DO DOGMA TRINITÁRIO CRISTÃO? | 55 |
| 30. SEGUNDO PAULO DE TARSO, A IGREJA CATÓLICA É A DONA DA VERDADE? | 58 |
| 31. O PAULINISMO É HOJE CRITICADO POR MUITOS RENOMADOS TEÓLOGOS E ESTUDIOSOS DO CRISTIANISMO? | 59 |
| 32. A DOCTRINA DA REDENÇÃO DOS PECADOS ATRAVÉS DA CRUZ É DE AUTORIA DE JESUS OU DE PAULO? | 60 |
| 33. O PAULINISMO É CONHECIDO COMO A RELIGIÃO DO MEDO? .. | 60 |
| 34. SEGUNDO A DOCTRINA DE PAULO, O HOMEM PODE ALCANÇAR A SALVAÇÃO, OU MELHOR, A LIBERTAÇÃO ESPIRITUAL, POR SI MESMO? | 61 |
| 35. O DEUS DE PAULO É IDÊNTICO AO DE JESUS? | 62 |
| 36. É VERDADE QUE O DEUS DE PAULO JÁ PREDESTINOU OS QUE VÃO SER SALVOS E OS QUE VÃO SER CONDENADOS? .. | 62 |
| 37. O JESUS DE PAULO É IDÊNTICO AO JESUS HISTÓRICO? | 63 |
| 38. O CREDO APOSTÓLICO REFERE-SE AO JESUS HISTÓRICO? ... | 64 |
| 39. SEGUNDO PAULO, MORREMOS POR CAUSA DO PECADO DE ADÃO? | 65 |
| 40. PAULO CONDENA OS HOMOSSEXUAIS? | 66 |
| 41. PAULO ACONSELHA AOS SOLTEIROS E ÀS VIÚVAS QUE NÃO SE CASEM? | 66 |

| | |
|--|----|
| 42. PAULO CONDENA OS JUDEUS? | 66 |
| 43. PAULO DISCRIMINA AS MULHERES? | 66 |
| 44. PAULO CONDENA QUEM NÃO AMA O SENHOR? | 66 |
| 45. SEGUNDO A MORAL PAULINA, MUITA GENTE PODERÁ SALVAR-SE? | 67 |
| 46. SEGUNDO PAULO, CRISTO MORREU POR NOSSOS PECADOS? . | 67 |
| 47. SEGUNDO PAULO, A IGREJA CATÓLICA É A “IGREJA DE DEUS”? . | 67 |
| 48. POR QUE PAULO É CONSIDERADO O “PAI” DOS FUNDAMENTALISTAS CRISTÃOS? | 68 |
| 49. MAS PAULO NÃO ENSINA, EM SUA PRIMEIRA CARTA AOS CORÍNTIOS, QUE O AMOR É MAIOR QUE A FÉ? | 70 |
| 50. AFINAL DE CONTAS, A SALVAÇÃO VEM MESMO PELA FÉ, OU PELAS OBRAS DE AMOR? | 72 |
| 51. QUAL A INFLUÊNCIA DA DOCTRINA DE PAULO NOS LIVROS DO NOVO TESTAMENTO? | 72 |
| 52. O QUE FOI PAULO? ELE FOI O APÓSTOLO DO AMOR? | 73 |
| 53. POR QUE PAULO ENDEUSOU E MITIFICOU JESUS? | 74 |
| 54. O PAULINISMO É UMA DOCTRINA CRISTÃ ORIGINAL OU É CÓPIA DE OUTRAS CRENÇAS PAGÃS MAIS ANTIGAS? | 77 |
| 55. EXISTEM MUITAS SEMELHANÇAS ENTRE O “CRISTO DA FÉ” E O “DEUS OSÍRIS” DO EGITO ANTIGO? | 77 |
| 56. É VERDADE QUE A CRUZ ERA UM SÍMBOLO IGUALMENTE USADO NA RELIGIÃO EGÍPCIA ANTIGA? | 78 |
| 57. É VERDADE QUE TANTO CRISTO QUANTO OSÍRIS SÃO JUÍZES DAS ALMAS DOS MORTOS, DEPOIS DA RESSURREIÇÃO? | 78 |
| 58. EXISTEM TAMBÉM MUITAS SEMELHANÇAS ENTRE O “CRISTO DA FÉ” E O “DEUS HÓRUS” DO EGITO ANTIGO? | 79 |
| 59. EXISTEM FORTES SEMELHANÇAS ENTRE O “CRISTO DA FÉ” E O “DEUS MITRA” DA PÉRSIA? | 80 |
| 60. EXISTEM MUITAS SEMELHANÇAS ENTRE KRISHNA E CRISTO? | 81 |
| 61. EXISTEM MUITAS SEMELHANÇAS ENTRE BUDA E JESUS? | 83 |
| 62. QUE OUTRAS COMPARAÇÕES SÃO FEITAS ENTRE BUDA E JESUS? | 84 |
| 63. O QUE COMPROVAM AS INEGÁVEIS SEMELHANÇAS ENTRE CRISTO E VÁRIAS OUTRAS DIVINDADES? | 87 |
| 64. PODE-SE CONCLUIR, ENTÃO, QUE O PAULINISMO É UMA RELIGIÃO ESSENCIALMENTE PAGÃ? | 87 |
| 65. POR QUE SE DIZ QUE LUTERO É A REENCARNAÇÃO DE PAULO? | 90 |
| 66. PAULO FOI MESMO “O HOMEM QUE INVENTOU CRISTO”? | 92 |
| 67. O MUNDO CRISTÃO SERIA O MESMO SEM O PAULINISMO? | 92 |

| | |
|---|-----|
| 68. QUAL A IMPORTÂNCIA DE PAULO NA FUNDAÇÃO DA IGREJA CRISTÃ PRIMITIVA? | 93 |
| 69. AFINAL, PAULO ESPALHOU OU DETURPOU OS ENSINAMENTOS DE JESUS CRISTO? | 93 |
| 70. QUAIS AS PRINCIPAIS CRÍTICAS DA CORRENTE ANTIPAULINA? | 94 |
| 71. EM QUE LIVRO DO NOVO TESTAMENTO SE ENCONTRA O PRINCIPAL RELATO SOBRE PAULO? | 94 |
| 72. PAULO ERA JUDEU, GREGO E ROMANO? | 94 |
| 73. A CIDADANIA ROMANA DE PAULO É UM PONTO CONTROVERSO? | 95 |
| 74. EM QUE ANO NASCEU PAULO? | 95 |
| 75. O QUE SINTETIZA E MOLDA A INFLUÊNCIA DE PAULO NA CONSOLIDAÇÃO DA DOCTRINA CRISTÃ? | 96 |
| 76. TODAS AS CARTAS ATRIBUÍDAS A PAULO FORAM ESCRITAS POR ELE? | 96 |
| 77. AS CARTAS DE PAULO SÃO TAMBÉM A PRINCIPAL CAUSA DE CONTROVÉRSIA SOBRE ELE? | 96 |
| 78. QUANDO AS IDEIAS DE PAULO FORAM DEFINITIVAMENTE INCORPORADAS À DOCTRINA CRISTÃ? | 97 |
| 79. SEGUNDO PAULO, TODA AUTORIDADE VEM DE DEUS? | 97 |
| 80. QUE OUTRO PETARDO É DISPARADO PELOS CRÍTICOS DE PAULO? | 97 |
| 81. SEM PAULO DE TARSO, A HISTÓRIA DA HUMANIDADE TERIA TOMADO OUTRO RUMO? | 97 |
| 82. SEGUNDO O CRISTIANISMO PAULINISTA, JESUS É O NOSSO “BODE EXPIATÓRIO”? | 98 |
| 83. É VERDADE QUE AS PASSAGENS DO “SERVO SOFREDOR” (ISAÍAS 53) REFEREM-SE AO SOFRIMENTO DE JESUS? | 100 |
| 84. O QUE É A DOCTRINA PAULINA DO “AUTOESVAZIAMENTO” DE DEUS NA PESSOA DE JESUS? | 102 |
| 85. PAULO DE TARSO FOI O PRINCIPAL “PREGADOR APOCALÍPTICO” DO NOVO TESTAMENTO? | 106 |
| 86. MAS O QUE ERA UM “PREGADOR APOCALÍPTICO”? | 106 |
| 87. POR QUE PAULO É CONSIDERADO O PRINCIPAL “PREGADOR APOCALÍPTICO”? | 106 |
| 88. SEGUNDO PAULO, POR QUE FICAMOS DOENTES, ENVELHECEMOS E MORREMOS? | 107 |
| 89. SEGUNDO PAULO, O FIM DOS TEMPOS ESTAVA PRESTES A OCORRER? | 107 |
| 90. PARA PAULO, QUANDO VIRÁ A SOLUÇÃO PARA O NOSSO SOFRIMENTO? | 107 |

| | |
|---|-----|
| 91. PARA PAULO, QUAL A PROVA DO FIM DOS TEMPOS? | 108 |
| 92. O JESUS MÍTICO DE PAULO TAMBÉM FOI UM “PROFETA APOCALÍPTICO”? | 108 |
| 93. QUE DISTINÇÃO EXISTE ENTRE “ESCATOLOGIA APOCALÍPTICA” E “ESCATOLOGIA SAPIENCIAL”? | 109 |
| 94. SEGUNDO CROSSAN, O QUE JESUS QUERIA DIZER COM A EXPRESSÃO O “REINO DE DEUS”? | 109 |
| 95. O “JESUS HISTÓRICO” FOI UM “PREGADOR APOCALÍPTICO”? | 110 |
| 96. ADORAR JESUS É UM CULTO PAULINISTA DE IDOLATRIA? | 110 |
| 97. SERÁ QUE DEUS ESTÁ MESMO PREOCUPADO COMO NÓS O CONCEBEMOS? | 111 |
| 98. ONDE SE ENCONTRA NA BÍBLIA A SÍNTESE DOS ENSINAMENTOS AUTÊNTICOS DE JESUS? | 113 |
| 99. POR QUE GANDHI AFIRMOU QUE NADA ESTARIA PERDIDO SE TODOS OS LIVROS RELIGIOSOS DA HUMANIDADE PERECESSEM E SÓ RESTASSE O SERMÃO DA MONTANHA? .. | 114 |
| 100. QUAL A SÍNTESE DO CÓDIGO DE MORAL (OU DE ÉTICA) UNIVERSAL ENSINADO POR JESUS NO SERMÃO DA MONTANHA? | 115 |
| CONCLUSÃO | 119 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 123 |
| APÊNDICE A: RESUMO DO “PAULINISMO” | 127 |
| APÊNDICE B: 12 ANOS NAS CASAS DE DOM BOSCO (JOSÉ PINHEIRO DE SOUZA) | 148 |
| APÊNDICE C: SUMÁRIO DAS MATÉRIAS PUBLICADAS NO BLOG DO PINHEIRO | 152 |



AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos às seguintes pessoas e/ou instituições:

CENTRO ESPÍRITA A CAMINHO DA LUZ, Fortaleza-Ceará, pelo convite que me fez para ministrar uma palestra sobre Paulo de Tarso, que gerou a produção deste livrinho.

Minha esposa, Iaci, por me haver inspirado com suas palavras e seu testemunho de vida a ideia maior de meus livros ecumênicos de que a verdadeira religião é a prática do amor.

Meus agradecimentos especiais ao Professor José Alves Fernandes (membro da Academia Cearense de Letras e da Academia Cearense da Língua Portuguesa), pela revisão textual desta obra.

Meu muito obrigado a Franciana Pequeno da Silva, pelo suporte na digitação eletrônica e diagramação deste livro (PageMaker), a Mônica Costa, pela elaboração da capa, e a Carlos Henrique (Guabiras), pela ilustração da capa.

Não posso esquecer-me de agradecer a Deus, a Jesus e a outros amigos espirituais, por terem me dado inspiração e coragem de escrever este livrinho, de natureza bastante polêmica, mas cujo objetivo último é contribuir para a verdadeira paz e fraternidade entre todas as pessoas, independentemente de suas crenças religiosas.

NÃO IMPORTA O CAMINHO

Um juiz passava por uma estrada e encontrou um preto velho enrolando seu cigarro de palha e cumprimentando a todos que por ali passavam, dizendo:

– “Deus te abençoe, meu filho! Deus te acompanhe! Deus te guie! Deus te proteja!”

O juiz, um tanto curioso, perguntou-lhe:

– “O Senhor sabe onde Deus está?”

E o preto velho respondeu-lhe:

– “O Senhor sabe onde Ele não está?”

O juiz, não satisfeito com a resposta, retrucou:

– “O Senhor deve ser muito religioso! Qual é a sua religião?”

E o preto velho respondeu-lhe:

– “Quando vou levar trigo à cidade, posso ir pela rodovia, pela montanha, ou pela estrada do rio, mas, quando chego lá, o patrão não quer saber por onde vim. Ele quer saber se o trigo é de boa qualidade!”

(Autor desconhecido)

Moral da história e sua aplicação a esta obra: Quando formos prestar contas a Deus de nossa vida, Ele não vai querer saber se professamos Religião A, B ou C, mas **se nossas obras foram de boa qualidade!** Ou seja, **para Deus, não importa a religião que se professa, mas o amor que se pratica!** Esta é a chamada tese pluralista da **equivalência funcional** (mas não **doutrinal**) de todas as religiões, defendida neste livro, em oposição aos pontos de vista religiosos que sustentam a exclusividade, unicidade e superioridade de **UM CAMINHO**, isto é, de uma religião em relação às demais. Por essa tese, o catolicismo é tão bom, válido e verdadeiro para os católicos, quanto o judaísmo o é para os judeus, o budismo para os budistas, o espiritismo para os espíritas e assim por diante. Essa tese não afirma, porém, que todas as religiões são igualmente verdadeiras do ponto de vista de suas crenças, de seus dogmas ou de seus mitos, uma vez que, em questões de doutrina, elas se contradizem em muitos pontos. Daí, a necessidade do diálogo religioso aberto e sincero para se saber quem está com a verdade em assuntos doutrinários.

CREDO MACROECUMÊNICO

CREMOS QUE SOMOS TODOS IRMÃOS,
FILHOS DO MESMO PAI.
CREMOS NO AMOR UNIVERSAL,
ENSINADO POR JESUS E POR TODOS
OS MENSAGEIROS DA PAZ,
ENVIADOS POR DEUS
AO LONGO DA HISTÓRIA HUMANA.
CREMOS QUE,
SOMENTE VIVENDO UNIDOS NO AMOR,
EVITANDO QUALQUER ATO DE VIOLÊNCIA
E DISCRIMINAÇÃO CONTRA QUEM QUER QUE SEJA,
PODEREMOS CONSTRUIR UM MUNDO MELHOR,
DE PAZ E FRATERNIDADE.
CREMOS QUE “NÃO IMPORTA O CAMINHO”, ISTO É,
QUE TODAS AS RELIGIÕES
SÃO CAMINHOS VÁLIDOS
NA BUSCA DA VERDADE,
DA PERFEIÇÃO
E DO CRESCIMENTO ESPIRITUAL.
CREMOS QUE
TODO REINO DIVIDIDO PERECERÁ.
CREMOS NO DIÁLOGO FRATERNAL
COMO MEIO DE ESCLARECIMENTO E DE
BUSCA COMUM DA VERDADE RELIGIOSA,
PARA QUE TODOS SEJAMOS UM.
AMÉM.

José Pinheiro de Souza

ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|----------|--|
| a.C. | Antes de Cristo |
| d.C. | Depois de Cristo |
| apud | Citado por (Junto a) |
| Cf. | Confira (ou confronte) |
| Ibid. | Ibidem (na mesma obra) |
| Id. | Idem (o mesmo autor ou a mesma autora) |
| Op. Cit. | Obra citada |
| AT | Antigo Testamento |
| NT | Novo Testamento |

DICIONÁRIOS DE RELIGIÕES

- DER *Dicionário Enciclopédico das Religiões* (de Hugo SCHLESINGER e Humberto PORTO, Volumes I e II. Petrópolis, Vozes, 1995.
- DRCO *Dicionário de Religiões, Crenças e Ocultismo* (de autoria de George A. MATHER e Larry A. NICHOLS. São Paulo, Vidas, 2000, publicado originalmente nos Estados Unidos, em 1993.

DICIONÁRIOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

- HOUAISS HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- AURÉLIO FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed., rev. aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Observação: As citações bíblicas contidas neste livro seguem o texto da *BÍBLIA DE JERUSALÉM*, São Paulo, Edições Paulinas, 1981.

PREFÁCIO

Sou professor universitário, aposentado da Universidade Estadual do Ceará e da Universidade Federal do Ceará, PhD em Linguística e Mestre no Ensino de Inglês como Língua Estrangeira pela Universidade de Illinois (USA).

Até meus 57 anos de idade, fui católico convicto, tendo estudado para padre no Seminário Salesiano, durante 12 anos (ver Apêndice B). Atualmente, sou espiritualista reencarnacionista ecumênico, simpatizante do espiritismo kardecista. Depois que me aposentei, procurei uma maneira de ocupar bem o meu tempo, estudando as religiões, com o objetivo principal de poder escrever algumas obras ecumênicas (e macroecumênicas), para incentivar a existência do cada vez mais necessário diálogo inter-religioso, em busca da verdade que nos liberta.

Como fruto de meus estudos, já escrevi as seguintes obras ecumênicas (e macroecumênicas):

1) Em 2005, escrevi e publiquei o livro *Entrevistas com Jesus: Reflexões Ecumênicas*, cuja 1ª edição foi lançada em junho de 2005, sua 2ª edição (revista e ampliada) foi publicada no meu antigo site (www.pinheiro.souza.nom.br), durante quatro anos (2008-2011), e a sua 3ª edição revista será brevemente publicada.

2) Em 2007, escrevi o livro *Mitos Cristãos: Desafios para o Diálogo Religioso*, publicado no mesmo ano pelo Grupo Espírita GEEC (Grupo Educação, Ética e Cidadania), de Divinópolis, MG.

3) Em 2008, criei o chamado **Blog do Pinheiro: Diálogo Inter-Religioso** (www.jpinheirosouza.blog.uol.com.br), o qual já recebeu mais de 25 mil visitas e no qual já publiquei mais de 200 matérias (ver Apêndice C).

4) Em 2009, escrevi o livro (*Catecismo Ecumênico: 200 perguntas e respostas à luz da “fé raciocinada”*), extraído e adaptado de algumas partes de minhas obras ecumênicas anteriores, lançado no dia 16 de abril deste ano, no Centro Espírita Simples Como a Fé (Fortaleza-CE).

5) Neste ano de 2010, escrevi o presente livrinho (*Paulinismo: a doutrina de Paulo em oposição à de Jesus*), extraído e adaptado de minhas obras ecumênicas anteriores, particularmente de meu livro “Catecismo Ecumênico”.

Sem querer agredir a fé cristã tradicional (a qual merece todo o nosso respeito), nem diminuir o valor histórico do cristianismo e da Igreja Católica, mas apenas contribuir para o conhecimento da verdade que nos liberta (“*Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará*”), defenderei nesta obra o ponto de vista segundo o qual a doutrina cristã tradicional, dogmática, não é de autoria de Jesus de Nazaré (do “Jesus histórico”), mas de Paulo de Tarso. Mais precisamente, o cristianismo, tal como o conhecemos hoje, nas palavras do teólogo alemão Holger Kersten, “não passa de uma vasta e artificial doutrina de regras e preceitos criados por Paulo de Tarso, e que pode ser melhor designado pelo nome de **Paulinismo**” (KERSTEN, 1986, p. 34) (negrito meu).

Fortaleza, 15 de agosto de 2010

José Pinheiro de Souza

INTRODUÇÃO

Paulo de Tarso é o mais antigo escritor cristão. Dos 27 livros do Novo Testamento, 13 são atribuídos a ele: 1) Carta aos Romanos (considerada a síntese do cristianismo dogmático); 2) Primeira Carta aos Coríntios; 3) Segunda Carta aos Coríntios; 4) Carta aos Gálatas; 5) Carta aos Efésios; 6) Carta aos Filipenses; 7) Carta aos Colossenses; 8) Primeira Carta aos Tessalonicenses; 9) Segunda Carta aos Tessalonicenses; 10) Primeira Carta a Timóteo; 11) Segunda Carta a Timóteo; 12) Carta a Tito e 13) Carta a Filemon.

Alguns pesquisadores suspeitam que as seguintes seis cartas não são de Paulo, mas de um discípulo (ou de discípulos) dele: 1) Carta aos Efésios; 2) Carta aos Colossenses; 3) Segunda Carta aos Tessalonicenses; 4) Primeira Carta a Timóteo; 5) Segunda Carta a Timóteo e 6) Carta a Tito (cf. EHRMAN, 2006, p. 33, nota 5).

A Primeira Carta aos Tessalonicenses, geralmente datada do ano 49 d.C., foi o primeiro escrito cristão, por sinal, a carta em que Paulo mais prega sua doutrina apocalíptica, segundo a qual Jesus estava perto de voltar dos céus para fazer o julgamento da Terra. Nas palavras do escritor Bart D. Ehrman,

o fim iminente de todas as coisas era uma fonte de fascinação constante para os primeiros cristãos, que de modo geral esperavam que Deus logo interviria nos assuntos do mundo para destruir as forças do mal e estabelecer seu reino, com Jesus à frente, aqui na Terra. (EHRMAN, 2006, p. 35).

Agora vamos refletir um pouco sobre o significado do termo “**paulinismo**”, título deste meu 4º livro ecumênico.

Paulinismo é o termo usado, desde o século passado, por diversos estudiosos do cristianismo, para expressar o ponto de vista segundo o qual a doutrina cristã defendida por Paulo de Tarso em suas cartas (ou em cartas a ele atribuídas) é radicalmente oposta aos ensinamentos originais e autênticos de Jesus. Por isso, vários estudiosos críticos do cristianismo julgam ser mais correto dizer que a religião ocidental dominante deste planeta, que existe há dois mil anos, é um “**PAULINISMO**”, e não um “**CRISTIANISMO**”.

A doutrina central de Paulo é a da salvação da humanidade pela fé em Cristo morto e ressuscitado: “Porque se confessares com tua boca que Jesus é Senhor e creres em teu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo” (Romanos 10,9). “O justo viverá pela fé” (Romanos 1,17). “Ninguém será justificado pelas obras da lei” (Romanos 3, 20). “Nós sustentamos que o homem é justificado pela fé, sem as obras da lei” (Romanos 3,28).

Jesus, ao contrário de Paulo, não pregava a salvação, ou melhor, a libertação ou evolução espiritual da humanidade, pela fé (pela crença), mas pelas boas ações, ou seja, mediante a prática de um código de moral (ou de ética) universal, resumido na lei do amor, como bem sintetizado no *Sermão da Montanha* (Mateus 5-7): a humildade, o desapego, a pureza da alma ou espírito, a mansidão, a caridade, a justiça, a paz, o sofrimento, o amor aos inimigos, a oração pelos perseguidores, a reconciliação, o perdão e a **reencarnação**.

A respeito da **reencarnação**, Jesus disse que “ninguém deixará de pagar até o último centavo” (Mateus 5,26; Lucas 12,59), ou seja, até o espírito se tornar purificado através de múltiplas (re)encarnações, ensinamento este que nega radicalmente os dogmas cristãos paulinistas da ressurreição dos mortos, do inferno eterno, da salvação pelo sangue de Cristo derramado na cruz, da crença na unicidade de nossa existência no plano físico e do sacramento católico da confissão, ou seja, do perdão gratuito de nossos pecados.

As principais críticas da corrente antipaulina concentram-se em pontos polêmicos das epístolas do apóstolo. Nelas, entre outras coisas, Paulo defende a obediência dos cristãos ao opressivo Império Romano (afirmando que toda autoridade vem de Deus), bem como o pagamento de impostos, faz apologia da escravidão, legitima a submissão feminina e esboça uma doutrina exclusivista e mítica da salvação, através da morte e ressurreição de Cristo, distinta daquela doutrina que, segundo os teólogos antipaulinos, foi defendida por Jesus (o Jesus histórico), ou seja, a nossa salvação, ou melhor, a nossa libertação (ou evolução espiritual) não é fruto da fé na morte e ressurreição de Cristo, mas de nossas obras de amor-caridade.

Mostrarei neste livrinho que Paulo transformou o “Jesus histórico” (**uma pessoa inteiramente humana**) no “Jesus mítico” (**uma**

peessoa totalmente divina), o próprio Deus encarnado, o único Filho de Deus, nascido por obra e graça do Espírito Santo, o único mediador entre Deus e os homens, também chamado de “Cristo confessional”, “Cristo da fé”, “Cristo cósmico”, “Jesus canônico” e “Jesus ou Cristo mítico”, uma figura celeste, o Filho Unigênito de Deus, o único salvador da humanidade pecadora (mediante sua morte e ressurreição), o único Messias, o único Senhor e o fundador de uma nova e verdadeira religião (ou igreja).

A partir do final do século XVIII, com o surgimento dos estudos histórico-críticos dos Evangelhos, tornou-se comum fazer uma distinção muito constrangedora para a maioria dos cristãos entre o **Cristo da fé** e o **Jesus (ou Cristo) histórico**. Os próprios cristãos pesquisadores, particularmente os protestantes liberais, começaram a postular, ao longo dos seus estudos, que se trata de dois personagens distintos, ou melhor, de **duas maneiras antagônicas de ver a mesma pessoa de Jesus**: o “Cristo da fé”, visto como uma figura celeste a quem se atribui um papel mítico, sendo o próprio Deus que se encarnou miraculosamente no ventre de Maria, para salvar a humanidade, que fundou uma nova religião e uma igreja exclusivistas, e o “Jesus histórico”, visto como um personagem real, uma pessoa inteiramente humana, um profeta (um sábio), que nunca atribuiu a si mesmo os títulos míticos e exclusivistas de único Deus encarnado ou de único salvador da humanidade, mas que veio ensinar ao homem uma forma de vida capaz de o libertar do mal e conquistar o Reino de Deus, **mediante a vivência de um código de leis morais universais**, resumido no chamado *Sermão da Montanha* (Mateus 5-7).

Diante das concepções contraditórias acerca da pessoa de Jesus, defendo a tese de que o **Jesus (ou Cristo) histórico (uma pessoa totalmente humana)** é o **Jesus real – o Verdadeiro Jesus de Nazaré** – um dentre os muitos mensageiros de Deus, enviado à Terra para pregar um código de moral (ou de ética) universal, resumido na lei do amor, a única forma de religiosidade capaz de unir todas as pessoas e todas as crenças, e cuja prática é realmente indispensável para a evolução espiritual da humanidade. Somente a prática do amor-caridade, repito, nos fará evoluir espiritualmente.

Abordarei neste livro, sobretudo, a maior polêmica cristã de todos os tempos, que sempre foi (e continua sendo) sobre a verdadei-

ra identidade (ou natureza) de Jesus. Nesse sentido, defendo a corrente cristológica segundo a qual **Jesus é só homem**, em contraposição à corrente cristã paulinista dogmática e mítica, segundo a qual **Jesus é Deus e homem**.

Este livrinho está estruturado em **100 perguntas e respostas**, à luz da filosofia espírita da “fé raciocinada” (“*aquela que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da Humanidade*”), enfocando meus atuais pontos de vista críticos sobre a doutrina de Paulo de Tarso (“**paulinismo**”), em oposição aos ensinamentos autênticos de Jesus de Nazaré.

Além das 100 perguntas e respostas, publico neste livrinho três Apêndices: no Apêndice A, escrevo (em 21 páginas) um resumo crítico do “PAULINISMO”, abordando seus principais erros teológicos e os pontos mais polêmicos da doutrina de Paulo; no Apêndice B, resumo brevemente os 12 anos que vivi nas casas de Dom Bosco e, no Apêndice C, escrevo o SUMÁRIO de 243 matérias que já publiquei em meu *blog*.

Como afirmo no Prefácio, não pretendo hostilizar ou agredir o cristianismo dogmático paulinista, mas apenas incentivar o diálogo inter-religioso em busca da verdade que nos liberta (“*Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará*”).

AS 100 PERGUNTAS E RESPOSTAS

1-O QUE É “PAULINISMO”?

“**Paulinismo**”, como foi dito na Introdução deste livrinho, é um termo usado (desde o século passado) por diversos estudiosos críticos do cristianismo, para expressar a doutrina cristã de Paulo de Tarso, a qual é frontalmente oposta aos ensinamentos autênticos de Jesus de Nazaré, ou seja, do “Jesus histórico” (em contraposição ao “Cristo da fé”). Em minhas obras ecumênicas, defendo o ponto de vista segundo o qual o cristianismo de Paulo de Tarso pouco ou nada tem a ver com o do Jesus histórico, mas é quase todo idêntico ao cristianismo tradicional (da Igreja Católica e das Igrejas Protestantes), como comprovaremos nesta obra.

2-QUAL A DOCTRINA CENTRAL DO “PAULINISMO”?

A doutrina central do “paulinismo”, como também foi dito na Introdução desta obra, é a da salvação pela fé em Cristo morto e ressuscitado: **“Porque se confessares com tua boca que Jesus é Senhor e creres em teu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo”** (Romanos 10,9) (negrito meu).

Essa frase, como afirma o monge beneditino Guido Kreppold, “pode ser considerada a síntese da pregação de Paulo” (KREPPOLD, 2009, p. 37).

3-QUAL A DOCTRINA CENTRAL DE JESUS?

A doutrina central de Jesus (do “Jesus histórico”) é a da salvação, ou melhor, de nossa libertação ou evolução espiritual, mediante **a prática de um código de moral (ou de ética) universal, resumido na lei do amor-caridade**: “Um Novo Mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros” (João 13,34). “Nisso conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros” (João 13,35). “Isto vos ordeno: amai-vos uns aos outros” (João 15,17). “Mestre, qual é o grande mandamento da Lei? Ele respondeu: *“Amarás ao Senhor teu Deus de todo o coração, de toda a alma e de todo*

o entendimento. O segundo é semelhante a esse: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Desses dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas” (Mateus 22, 36-40; ver também Lucas 10,27).

Esta foi a verdadeira religião pluralista ensinada e vivida pelo Jesus histórico: **uma religião essencialmente moral, moral religiosa, a qual foi substituída posteriormente pelos dogmas e mitos exclusivistas e divisionistas do cristianismo paulinista.**

O cristianismo de Jesus, repito, consiste num código de moral (ou de ética) universal, resumido na lei do amor, pluralista, unificador, no dizer de Allan Kardec, “o terreno onde todos os cultos podem se reencontrar, a bandeira sob a qual todos podem se abrigar, quaisquer que sejam suas crenças, porque jamais foi objeto de disputas religiosas, sempre e por toda parte levantadas pelas questões de dogma” (KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Introdução, 1º parágrafo), enquanto o cristianismo de Paulo é caracterizado, sobretudo, por um conjunto de dogmas (ou de mitos) exclusivistas e divisionistas, fragmentado em centenas de igrejas e seitas, objeto de inúmeras controvérsias e de numerosos conflitos ao longo de sua história.

4- QUAL A PRINCIPAL JUSTIFICATIVA PARA A DISTINÇÃO ENTRE O CRISTIANISMO DE PAULO E O DE JESUS?

A principal justificativa para a distinção entre esses dois cristianismos é que muitos princípios doutrinários exclusivistas do cristianismo de Paulo não se conformam absolutamente com a mensagem pluralista de amor e fraternidade universais ensinada pelo Jesus histórico. O **exclusivismo** do cristianismo paulinista tem, de fato, gerado muita violência e discriminação ao longo de dois mil anos, como expressa muito bem o teólogo Holger Kersten nos seguintes termos:

A luta pela supremacia de uma “fé verdadeira” exclusiva deixou um rastro de reveses, violência e sangue no caminho percorrido pelas igrejas. Luta sem tréguas, desde o tempo dos apóstolos até nossos dias, e que ainda constitui o maior empecilho à reconciliação entre os vários credos cristãos. É válido questionar as bases que alicerçam a legitimidade das instituições vigentes. Uma pessoa que frequenta uma igreja cristã não pode deixar de assumir uma postura crítica, frente à proliferação de obs-

curos artigos de fé, e dos deveres e obrigações que a envolvem. Sem termos tido conhecimentos, e por termos crescido sob a única e exclusiva influência do estabelecido, somos levados a acreditar que, por subsistirem há tanto tempo, devem, necessariamente, ser verdade (KERSTEN, p. 12).

5-POR QUE A DOCTRINA DE PAULO É CHAMADA DE “CRISTIANISMO MÍTICO”?

Porque ela é fundamentada em “mitos” e porque transformou o “Jesus histórico” (**uma pessoa inteiramente humana**) no “Jesus mítico” (**uma pessoa totalmente divina**).

Muitos mitólogos têm defendido, com muita razão, que o “Jesus mítico” foi um produto criado com elementos das antigas divindades mitológicas, como reflete, corretamente, o escritor vaticanista espanhol Juan Arias (ARIAS, 2001, p. 111-112) nos seguintes termos:

E se Jesus fosse apenas um mito construído com elementos das escatologias egípcias? É o que sustentaram, até o final do século XIX, não poucos mitólogos, como Albert Churchward e Joseph Welles. Os defensores da teoria mítica pensam que se tentou incorporar ao personagem Jesus [...] elementos de outros deuses ou personagens religiosos mitológicos de séculos anteriores a ele. Para esses autores, há coincidências interessantes entre o Jesus que os cristãos apresentam e os personagens e deuses anteriores, como Hórus, do Egito; Mitra, da Pérsia; e Krishna, da Índia. Todos nascem de uma virgem. Hórus e Mitra também nascem em 25 de dezembro. Todos fizeram milagres, todos tiveram 12 discípulos que corresponderiam aos 12 signos do zodíaco, todos ressuscitaram e subiram aos céus depois de morrer. Hórus e Mitra foram chamados Messias, Redentores e Filhos de Deus. Krishna foi considerado a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade e foi perseguido por um tirano que matou milhares de crianças inocentes. Além disso, Krishna também se transfigurou, como Jesus, diante de seus três discípulos preferidos, foi crucificado e subiu aos céus. Exatamente como o profeta de Nazaré. Os mitólogos se perguntam: “Precisamos de mais coincidência?”

Claro que não. Em face desses e de muitos outros dados históricos que serão apresentados neste livro, ninguém poderá mais duvidar de que o “Jesus mítico” é, de fato, uma incorporação de “ele-

mentos de outros deuses ou personagens mitológicos de séculos anteriores a ele” (ARIAS, *ibid.*).

Em minhas obras ecumênicas, mostro que o processo de transformação do “Jesus (ou Cristo) real” no “Jesus (ou Cristo) mítico”, do nascimento à paixão e à morte, vem sendo confirmado por todas as pesquisas contemporâneas, as quais comprovam que a imagem do “Jesus (ou Cristo) mítico” é apenas uma criação fantástica, elaborada no curso dos tempos (cf. DONINI, 1965, p. 283).

6- MAS O QUE É “MITO”?

A palavra “mito”, infelizmente, até hoje, ainda não possui uma definição de consenso universal na literatura sobre o assunto, embora os mitólogos afirmem que todas as religiões são baseadas em mitos. Há, de fato, vários sentidos para a palavra “mito”, dentre os quais destaco os quatro seguintes:

- 1) O sentido platônico de mito como mentira;
- 2) O conceito usual de mito como ficção, ilusão, lenda, fábula, invenção;
- 3) O sentido arcaico de mito como “tradição sagrada, revelação primordial, modelo exemplar” (ELIADE, 2006, p. 8); e
- 4) O conceito de mito como uma história (uma crença, uma doutrina) que pode ser *metaforicamente* verdadeira, mas que é *literalmente* falsa (cf. HICK, 1977, p. 178).

Adoto em minhas obras ecumênicas esses quatro sentidos de mito, uma vez que um sentido não exclui necessariamente o outro.

7- É CORRETO INTERPRETAR OS MITOS RELIGIOSOS LITERALMENTE?

De modo algum, uma vez que a interpretação literal dos mitos religiosos confunde-os com verdades históricas e com sentidos literais da linguagem humana. Assim, podemos dizer que um dos maiores erros dos religiosos dogmáticos, particularmente dos fundamentalistas, é interpretar *literalmente* suas crenças religiosas míticas como verdades históricas absolutas. **Os mitos devem ser interpretados simbolicamente, e não literalmente.**

Os mitos religiosos, quando interpretados simbólica e *metaforicamente*, têm um grande valor e merecem todo o nosso respeito, mas esses mesmos mitos, quando interpretados literalmente, como

verdades históricas absolutas, representam um grande mal para a sociedade e para o mundo e, por isso mesmo, precisam ser questionados e debatidos na mesa do diálogo inter-religioso.

8- É VERDADE QUE O PAULINISMO CONFUNDE MITO COM VERDADE HISTÓRICA?

Sim. O cristianismo paulinista foi o principal responsável pela **historicização dos mitos cristãos**, ou seja, pela transformação de verdades míticas em verdades históricas, passando a interpretar os mitos *literalmente* como verdades históricas absolutas e exclusivas do cristianismo. Esse foi (e continua sendo) um dos maiores erros do cristianismo paulinista dogmático, ou seja, o da **historicização e interpretação literal e exclusiva dos seus mitos**, os quais, como comprovaremos mais adiante neste livro, são comuns a várias outras religiões bem mais antigas do que o cristianismo.

Infelizmente, como sabemos, os cristãos paulinistas continuam interpretando literalmente uma série de crenças míticas, segundo as quais Jesus é o único Deus encarnado, o único Filho de Deus, nascido por obra e graça do Espírito Santo, o único que morreu na cruz para pagar nossos pecados, o único que ressuscitou dentre os mortos, o único Salvador da Humanidade, o único que retornará fisicamente um dia para julgar a humanidade, enviando os bons para o céu e os maus para o inferno eterno.

À luz da filosofia espírita da “fé raciocinada”, não podemos confundir mito com verdade histórica, nem sentido figurado/metafórico com sentido literal da linguagem humana.

9- O PAULINISMO INTERPRETA JESUS CRISTO LITERALMENTE COMO “DEUS” E “FILHO DE DEUS”?

Sim. Os cristãos paulinistas interpretam Cristo *literalmente* como “Deus” e “Filho de Deus” no sentido *natural*, e não no sentido *analógico* ou *metafórico*. Para eles, é dogma de fé, definitivamente proclamado no Concílio de Calcedônia (451), que **Jesus é Deus e homem (VERDADEIRO DEUS E VERDADEIRO HOMEM)**, isto é, uma *pessoa divina*, com *duas naturezas* (a *divina* e a *humana*).

Repito que não podemos confundir mito com realidade histórica, nem sentido figurado/metafórico com sentido literal da linguagem humana. Com base nessas distinções, Jesus não é *literalmente* Deus nem “Filho de Deus”, uma pessoa divina, com duas naturezas, como foi dogmatizado no Concílio de Niceia, no ano 325 da era cristã. Como pode Jesus ser *literalmente* “Filho de Deus”, se Deus também não é *literalmente* “Pai” de ninguém, no sentido *biológico*, a não ser no reino da mitologia?

Nesse contexto, é preciso saber que a linguagem religiosa para falar sobre Deus é tipicamente *analógica* ou *metafórica*, pois o ser humano só pode falar sobre Deus fazendo uso dos recursos limitados que sua linguagem lhe oferece: analogias, comparações, parábolas, alegorias, metáforas, imagens, símbolos etc., uma vez que Deus não pode ser *literalmente* definido por meio de nossos limitados conceitos humanos.

Mais explicitamente, como já diziam os filósofos e teólogos escolásticos, particularmente Santo Tomás de Aquino (cf. HICK, 1990, p. 83-84), toda linguagem humana sobre Deus é sempre *analógica* (fundada na “analogia”), ou seja, é a expressão do desconhecido e do inexprimível em termos do conhecido.

Por conseguinte, é somente por linguagem *analógica* (*metafórica, mitológica*) que dizemos que “Deus é nosso Pai”, ou que “Deus é um ser pessoal” etc. Mas Deus não é *literalmente* “nosso Pai”, ou *literalmente* “uma pessoa”, mesmo admitindo que ele possua, em altíssimo grau, atributos paternos e pessoais. E se Deus não é *literalmente* “nosso Pai”, ninguém pode ser *literalmente* “filho de Deus”. A palavra “filho” é muito usada em *sentido figurado*, particularmente na cultura judaica:

Na linguagem judaica, usa-se amiúde o termo “filho” para designar alguma semelhança. Por exemplo: “filho de touro” significa um homem forte; [...] “filho da gordura” significa “filho gordo”. Analogamente, **a expressão “Filho de Deus” significa um homem intimamente unido a Deus ou um pregador de Deus. É neste sentido que se atribui a Cristo o título de “Filho de Deus”, um título que o rei Davi também o tinha** (GRIESE, 1957, p. 28, nota 2) (negrito meu).

Logo, Jesus não pode ser interpretado como “Deus” e como “Filho de Deus” – no sentido *literal, natural* – como dogmatizaram os cristãos, fundamentados na mitologia de muitos povos antigos, principalmente na mitologia greco-romana, em que as encarnações e filiações divinas (no sentido natural/biológico) eram vistas como fenômenos normais.

Em suma, a interpretação literal da encarnação de Deus na pessoa de Jesus é, de fato, uma crença absurda. Simbolicamente (metaforicamente), Jesus pode ser interpretado como Deus encarnado, mas literalmente, não, pois Deus, sendo puro espírito, infinito, imaterial, não pode ter carne, nem sangue, nem corpo. Nesse contexto, tinham muita razão vários escritores dos primeiros séculos do cristianismo, como, entre outros, Celso (séc. I) e Porfírio (séc. II), os quais diziam: **“A Encarnação é um absurdo. Deus, o perfeito, o imutável, não pode rebaixar-se a ponto de se tornar uma criancinha”** (apud COMBY, 1996, p. 35) (negrito meu).

Mesmo supondo que algum dos gregos seja bastante obtuso para pensar que os deuses habitam nas estátuas, essa seria uma concepção mais pura que a de admitir que o Divino tenha descido no seio da Virgem Maria, que se tenha tornado embrião, que, após o seu nascimento, tenha sido envolvido em panos, todo sujo de sangue, de bÍlis e pior ainda [...] (PorfÍrio, apud COMBY, p. 37).

10-POR QUE FAZER DISTINÇÕES ENTRE O “CRISTO DA FÉ” E O “JESUS (OU CRISTO) HISTÓRICO”? JESUS NÃO É UM SÓ?

Com certeza, Jesus é um só, mas há maneiras diferentes de ver o mesmo Jesus. Como foi dito na Introdução deste livrinho, a partir do final do século XVIII, com o surgimento dos estudos histórico-críticos dos Evangelhos, tornou-se comum fazer uma distinção muito constrangedora para a maioria dos cristãos entre o “**Cristo da fé**” e o “**Jesus (ou Cristo) histórico**”. Os próprios cristãos pesquisadores, particularmente os protestantes liberais, começaram a postular, ao longo dos seus estudos, que se trata de dois personagens distintos, ou melhor, de **duas maneiras antagônicas de ver a mesma pessoa de Jesus**: o “Cristo da fé”, visto como uma figura celeste a quem se atribui um papel mítico, sendo o próprio Deus que se

encarnou miraculosamente no ventre de Maria, para salvar a humanidade, que fundou uma nova religião e uma igreja exclusivistas, e o “Jesus histórico”, visto como um personagem real, uma pessoa inteiramente humana, um profeta (um sábio), que nunca atribuiu a si mesmo os títulos míticos e exclusivistas de único Deus encarnado ou de único salvador da humanidade, mas que veio ensinar ao homem uma forma de vida capaz de o libertar do mal e conquistar o Reino de Deus, **mediante a vivência de um código de leis morais universais**, resumido no chamado *Sermão da Montanha* (Mateus 5-7).

Em meus livros, quando distingo o Jesus histórico do mítico, estou apenas querendo afirmar que há duas maneiras opostas de ver a mesma pessoa de Jesus: a histórica e a mítica, embora eu defenda que **o verdadeiro Jesus** (ou seja, o modo verdadeiro de ver Jesus) **é o histórico, e não o mítico**, pois o modo mítico exclusivista de ver Jesus tem causado muitos males na humanidade.

A respeito das diferentes maneiras de ver Jesus, mostro, em minhas obras ecumênicas, particularmente no livro *Entrevistas com Jesus: reflexões ecumênicas*, que o ‘Jesus’ de um grupo religioso ou filosófico pode ser bem diferente (isto é, pode ser visto de modo bem diferente) do ‘Jesus’ de outro. Assim, por exemplo, o ‘Jesus’ dos católicos é visto como o fundador da Igreja Católica, o qual entregou as chaves do Reino dos Céus somente a Pedro e aos seus legítimos sucessores (os papas), mas o ‘Jesus’ dos protestantes, embora seja visto como o fundador da religião cristã, não confiou exclusivamente a Pedro a chefia dessa instituição. O ‘Jesus’ da grande maioria dos cristãos é visto literalmente como Deus encarnado, enquanto o ‘Jesus’ dos protestantes liberais e/ou pluralistas é visto apenas poética e metaforicamente como uma divindade. O ‘Jesus’ da maioria dos cristãos é visto como altamente exclusivista, porquanto é o único caminho, o único mediador entre Deus e os homens, enquanto o ‘Jesus’ dos cristãos pluralistas é visto como um caminho ao lado de muitos outros. O ‘Jesus’ dos mórmons, das Testemunhas de Jeová e dos espíritas é visto como o maior profeta que já veio a este mundo, mas não é uma divindade. O ‘Jesus’ dos rosacruzes é visto como Filho de Deus, mas não o único Filho de Deus. O ‘Jesus’ dos hinduístas é visto como uma encarnação divina ao lado de muitas outras. O ‘Jesus’ dos muçulmanos é visto como um

grande profeta, mas é inferior a Maomé e não foi crucificado nem morto na cruz (cf. *O Alcorão*, sura 4, 157). Segundo alguns estudiosos, Jesus se casou e teve filhos. Enquanto o 'Jesus' da maioria dos cristãos é visto como o fundador de uma nova religião e uma igreja, o 'Jesus' de muitos outros grupos religiosos (como o Jesus defendido em meus livros ecumênicos) não é visto como o fundador de uma nova religião, nem de uma igreja, mas é visto apenas como o pregador de **um código de moral (ou de ética) universal, resumido na lei do amor**, capaz de unir a todos (emprego em meus livros os termos "moral" e "ética" no mesmo sentido de um conjunto de princípios universais de boa conduta humana).

Em face de tantas concepções contraditórias a respeito do personagem central do cristianismo, podemos e devemos realmente perguntar: **JESUS NÃO É UM SÓ? QUAL É, ENTÃO, O VERDADEIRO JESUS?**

Argumento que, embora o verdadeiro Jesus seja um só, é preciso distinguir os dois modos antagônicos de vê-lo: o modo histórico e o mítico. Ou seja, é preciso desvincular, de uma vez por todas, o "Jesus histórico" (**visto como uma pessoa inteiramente humana**) do "Jesus mítico" ou "Cristo da fé" (**uma pessoa totalmente divina**). Enquanto isso não for feito, continuarão a existir as brigas, as divisões, os preconceitos e as discriminações de toda ordem, em primeiro lugar, entre os seguidores de facções diferentes dentro do próprio cristianismo e, em segundo lugar, entre os cristãos dogmáticos e os adeptos de outras religiões ou filosofias, numa total inversão e distorção do verdadeiro cristianismo que o Jesus histórico pregou e viveu.

Diante das duas concepções contraditórias acerca da pessoa de Jesus, defendo a tese de que **o Jesus (ou Cristo) histórico é o Jesus real – o Verdadeiro Jesus de Nazaré – um** dentre os muitos mensageiros de Deus, enviado à Terra para pregar um código de moral (ou de ética) universal, resumido na lei do amor, a única forma de religiosidade capaz de unir todas as pessoas e todas as crenças, e cuja prática é realmente indispensável para a evolução espiritual da humanidade. Somente a prática do amor-caridade, repito, nos fará evoluir espiritualmente.

11-POR QUE SE DIZ QUE FOI PAULO DE TARSO QUEM TRANSFORMOU O “JESUS HISTÓRICO” NO “CRISTO DA FÉ”?

Mostro neste livrinho (e em minhas outras obras ecumênicas) que foi Paulo de Tarso mesmo quem transformou o “Jesus histórico” no “Cristo da fé” (também chamado de “Jesus mítico”, “Cristo confessional”, “Jesus canônico”, “Cristo cósmico”), o próprio Deus encarnado, o único Filho de Deus, nascido por obra e graça do Espírito Santo, o único mediador entre Deus e os homens, uma figura celeste, o Filho Unigênito de Deus, o único salvador da humanidade pecadora (mediante sua morte e ressurreição), o único Messias, o único Senhor e o fundador de uma nova e verdadeira religião (ou igreja).

12-A TESE DE QUE PAULO É O VERDADEIRO FUNDADOR DO CRISTIANISMO DOGMÁTICO E MÍTICO É CONFIRMADA POR MUITOS ESTUDIOSOS DO CRISTIANISMO?

Com certeza. Como afirma o renomado professor de História das Religiões Ambrogio Donini,

a fé no deus-redentor das religiões de mistério [=religiões de salvação] é absorvida no cristianismo por Paulo de Tarso, ao qual se deve notadamente a representação de Jesus como *salvador* (DONINI, 1965, p. 287).

Todos sabemos, contudo, que o cristianismo mítico, ao ser adotado, no século IV, como religião oficial do Império Romano, sofreu grande influência de outras tradições religiosas mais antigas, como veremos ao longo desta obra. Isso não nega a tese, defendida neste livro (e em muitas outras obras), de que foi Paulo de Tarso o verdadeiro fundador do cristianismo dogmático e mítico dos cristãos.

Por isso, muitos estudiosos críticos do cristianismo afirmam, com razão, que o termo mais apropriado para designar o “cristianismo dos cristãos”, em oposição ao “cristianismo de Jesus” (o “cristianismo das origens”), é mesmo **PAULINISMO**. A razão simples para essa alegação é que alguns dogmas (ou mitos) básicos do cristianismo tradicional, como o da divindade de Cristo, o da sua universalidade salvífica, o da sua ressurreição e o da redenção de todos os homens pelo seu sangue derramado na cruz, fazem parte integrante da teologia paulina. Concordo plenamente com esse ponto de vista.

Quero reafirmar que Paulo é, sem dúvida alguma, o verdadeiro fundador do “cristianismo mítico dos cristãos”, chamado mais corretamente de “paulinismo”, termo bem apropriado, usado por vários autores, entre os quais destacamos Yuri Vasconcelos, em seu excelente artigo “O Homem [Paulo] que Inventou Cristo” (VASCONCELOS, 2003; cf. também MIRANDA, 1988, p. 31, e KERSTEN, 1986, p. 34-35), enquanto o “Jesus histórico” simplesmente propôs o corretamente chamado “cristianismo de Jesus” (o “cristianismo das origens”), não uma nova religião (ou igreja) exclusivista, mas **uma comunidade de amor**, isto é, uma comunidade de pessoas que se comprometessem a pautar suas vidas pelo **código de moral (ou de ética) universal** que ele autenticamente pregou e viveu.

A tese de que Paulo é o verdadeiro fundador do cristianismo universal (exclusivista e mítico) é também confirmada pelo escritor Michael H. Hart, ao escrever que

Paulo, mais do que qualquer outro homem, foi o responsável pela transformação do cristianismo de seita judaica em religião universal. Suas ideias centrais sobre a divindade de Cristo e de justificação exclusiva pela fé mantiveram-se na condição de conceitos básicos do cristianismo durante todos os séculos. [...] **Na verdade, a influência das suas ideias foi tão grande, que alguns defendem o fato de que ele e não Jesus deveria ser considerado o principal fundador da religião cristã** (HART, 2005, p. 80-81) (negrito meu).

O mesmo pensamento é expresso pelo escritor vaticanista espanhol Juan Arias, ao considerar a hipótese segundo a qual

a Igreja possa ter nascido da fé dos primeiros cristãos e da concepção religiosa de **Paulo de Tarso, considerado por alguns autores o verdadeiro fundador do cristianismo, ao fazer com que o cristianismo primitivo se afastasse de suas originais raízes judaicas** (ARIAS, 2001, p. 128) (negrito meu).

A ideia de que **há dois cristianismos no Novo Testamento (o cristianismo do Jesus celeste e o do Jesus terrestre)**, e de que Paulo de Tarso é o principal fundador do cristianismo mítico do “Jesus celeste”, é também claramente expressa pelo escritor cristão James D. Tabor nos seguintes termos:

Há dois “cristianismos” inteiramente separados e distintos enraizados no Novo Testamento. Um deles é bem familiar e se tornou a versão da fé cristã conhecida por bilhões de pessoas ao longo dos dois últimos milênios. **Seu principal proponente foi o apóstolo Paulo.** Outro foi amplamente esquecido e, por volta da virada do primeiro século d.C., tinha sido efetivamente marginalizado e eliminado pelo outro. [...] Paulo ensinou que Jesus era um ser celestial divino preexistente, criado como o “primogênito” de toda a criação de Deus. Existia sob a “forma de Deus” e era “igual a Deus” (Filipenses 2,6). [...] **A história cristã dominante acabou, na verdade, baseando-se muito mais nas revelações de Paulo do que nos ensinamentos de Jesus.** [...] A mensagem que Paulo começou a pregar nos anos 40 e 50 d.C., como ele mesmo reiterou de maneira inflexível, não dependia de maneira alguma nem era derivada do grupo original dos apóstolos de Jesus dirigido por Tiago, em Jerusalém. Baseava-se antes em sua própria experiência visionária de um Cristo celestial (TABOR, 2006, p. 277-278; 321, 324) (negrito meu).

Em suma, nas palavras do teólogo alemão Holger Kersten,

o que conhecemos hoje como cristianismo não passa de uma vasta e artificial doutrina de regras e preceitos criados por Paulo, e que pode ser melhor designado pelo nome de “Paulinismo”. O historiador eclesiástico Wilhelm Nestle, comentando a questão, diz que “o cristianismo, nesse sentido, significa desvirtuamento e mesmo falsificação dos verdadeiros ensinamentos de Jesus por Paulo, que substituiu o Evangelho de Cristo por um Evangelho sobre Cristo”. Paulinismo, nesse sentido, significa desvirtuamento e mesmo falsificação dos verdadeiros ensinamentos de Jesus por Paulo. [...] Já no século 18, o filósofo inglês Lord Bolingbroke (1678-1751) reconhecia, no Novo Testamento, duas religiões completamente diferentes: a de Cristo e a de Paulo (KERSTEN, 1986, p. 34-35).

13- QUAIS ERAM AS DUAS CORRENTES PRINCIPAIS EM QUE SE DIVIDIA O CRISTIANISMO ATÉ O SÉCULO IV?

Até o século IV, o cristianismo dividia-se em duas correntes distintas, uma liderada pelos discípulos de Paulo e outra pelos seguidores dos apóstolos de Jesus. Quando, nesse mesmo século IV, o cristianismo tornou-se a religião oficial do Império Romano, a corrente paulina, ou melhor, **paulinista**, saiu-se vitoriosa. As ideias religiosas pagãs de Paulo, afáveis aos dominadores romanos, tornaram-se definitivamente o que hoje conhecemos como a religião cristã dogmática.

“**Paulinismo**”, convém repetir, é o termo usado por vários autores, desde o século passado, para referir-se ao “cristianismo dogmático dos cristãos”, fundado por Paulo de Tarso, em oposição ao “cristianismo de Jesus” (o “cristianismo das origens”). Esse termo é geralmente considerado pejorativo pelos cristãos dogmáticos, uma vez que carrega a implicação de que o cristianismo como é conhecido hoje é uma corrupção dos ensinamentos originais e autênticos de Jesus.

Argumento que a fé paulina, mesmo sendo radicalmente diferente dos ensinamentos autênticos de Jesus, é a fé cristã que vem dominando o mundo há dois mil anos. Por isso, vários pensadores contemporâneos julgam ser mais correto dizer que o que existe hoje é realmente um “**PAULINISMO**”, e não um “**CRISTIANISMO**”.

14-O JESUS HISTÓRICO DECLAROU SER DEUS?

Não. O Jesus histórico nunca declarou ser Deus. Ele foi endeusado sobretudo por Paulo de Tarso. O maior teólogo cristão pluralista do mundo, John Hick, por exemplo, afirma que o Jesus histórico não declarou ser Deus. Eis suas palavras:

O Jesus histórico não advogou para si ser Deus, Filho de Deus, segunda pessoa da Trindade, encarnado, e a doutrina da encarnação é uma criação da Igreja, apenas finalmente definida no Concílio de Calcedônia no ano 451, depois de mais de quatro séculos de muitas lutas e brigas entre as maiores lideranças do cristianismo primitivo (HICK, 1977, p. ix-x).

Jesus nunca declarou ser uma pessoa divina (no sentido literal da palavra). As passagens evangélicas que lhe atribuem tal declaração (por ex., Mateus 26,63-64; Marcos 14,62; João 10,30;14,9-10) foram criações dos evangelistas para enaltecer a sua pessoa e para dar credibilidade exclusiva ao cristianismo mítico dos cristãos.

15-SER “FILHO DE DEUS” NA CULTURA HEBRAICA SIGNIFICAVA SER DEUS?

Não. Ser “filho de Deus”, na cultura hebraica, não significava ser Deus, mas era um título honorífico aplicado geralmente aos reis por ocasião de suas coroações. Os judeus, sendo estritamente monoteístas, rejeitavam qualquer crença que tivesse sabor de politeísmo. Por isso, não podiam admitir que alguém pudesse ser

“filho de Deus”, no sentido natural/físico/biológico e, muito menos ainda, acreditar que Deus pudesse encarnar-se em forma humana. Já na cultura greco-romana, e em muitas outras culturas antigas, era muito comum a ideia mitológica de alguém importante ser considerado “filho de Deus”, no sentido natural (físico, biológico), através da concepção miraculosa entre uma divindade e uma mulher da Terra, ou entre uma deusa e um homem da Terra, como era igualmente comum a ideia de uma divindade encarnar-se (ou reencarnar-se) em forma humana (o chamado MITO DO DEUS ENCARNADO).

Assim, por exemplo, os chamados *heróis* na mitologia grega eram tidos como “filhos de um deus e de uma mortal” (COMMELIN, 1997, p. 215); Teseu, o décimo rei de Atenas, também é chamado, às vezes, de “filho de Netuno”, a grande divindade dos trezenienses (ibid.); Júpiter, o pai, o rei dos deuses e dos homens, também engravidou um grande número de mulheres da Terra, e delas nasceram muitos filhos, que foram todos colocados entre os deuses e semideuses (ibid., p. 21-22); “a deusa Vênus (‘Afrodite’, em grego) gerou Eneias e um grande número de mortais” (ibid., p. 60-61); o próprio Platão, nascido em Atenas em 429 a.C., era considerado um divino Filho de Deus, nascido de uma virgem pura chamada Perictione, segundo acreditava o povo em geral (cf. LEWIS, 1997, p. 78); o taumaturgo Apolônio de Tiana, contemporâneo dos primeiros cristãos, também nascera de uma mãe virgem, tendo sido concebido miraculosamente pela mãe terrena e um deus egípcio de nome Proteu (cf. RIFFARD, 1996, p. 405); na mitologia egípcia, o rei, chamado faraó, era considerado um *deus* vivente e dava-se-lhe o título de “Filho de Deus”; na mitologia da Pérsia, Zoroastro foi o primeiro dos redentores do mundo a ser aceito como nascido pela concepção entre um deus e uma virgem (cf. LEWIS, ibid., p. 76); Ciro, rei da Pérsia, também era tido como nascido de origem divina e era chamado de “Cristo” ou “Filho ungido de Deus” (ibid.).

Analogamente, o MITO DO DEUS ENCARNADO, isto é, a crença segundo a qual uma divindade se encarna numa pessoa humana, era (e continua sendo) muito comum. Assim, por exemplo, no hinduísmo, Krishna é considerado a oitava encarnação do deus hindu Vishnu; para os hinduístas, Buda é considerado a nona encarnação da mesma divindade (Vishnu); “O Dalai Lama do Tibete é considera-

do um avatar [= encarnação divina] de Avalokitezvara” (BLAVATSKY, 2000, p. 65); “A Sociedade Teosófica anunciou, como encarnação divina da época, em suas próprias fileiras a Krishnamurti” (ARMOND, 1999, p. 137); ainda hoje, em vários países, monarcas são considerados a reencarnação de um deus. O guru indiano Sathya Sai Baba é considerado uma encarnação da divindade (cf. HISLOP, 2003).

Diante de todos esses exemplos de supostas filiações e encarnações divinas na História de muitos povos, fica muito difícil aceitar a crença mítica e exclusivista do cristianismo paulinista, segundo a qual Jesus seria o único Filho de Deus e a única encarnação de Deus na História.

16-COMO ENTENDER A “DIVINIZAÇÃO” QUE PAULO ATRIBUIU A JESUS?

A “divinização” que Paulo e os demais cristãos atribuíram a Jesus tem explicação na velha estratégia mítica utilizada por todos os povos antigos de enaltecer as qualidades de uma pessoa que se destacava das demais por suas ações.

Assim, os reis, os imperadores, os heróis, os grandes profetas e os grandes líderes religiosos eram tão enaltecidos, a ponto de as pessoas os transformarem num “filho de Deus”, ou numa “encarnação da divindade”, não no sentido metafórico ou honorífico, mas no sentido *biológico* da palavra. Na verdade, ainda hoje, em alguns países, por exemplo, no Nepal, monarcas são considerados *literalmente* um “deus encarnado” ou um “filho de Deus”. Na Índia, como já foi dito, o grande mestre Sai Baba, também é visto por seus seguidores, como “Deus encarnado”.

Do mesmo modo, os escritores cristãos da Igreja primitiva (sobretudo Paulo e João), influenciados pela cultura mitológica dominante da época (a cultura greco-romana), onde era muito comum a crença em “encarnações divinas” e em “filiação divina”, não no sentido adotivo/metafórico/honorífico, mas no sentido *natural* (físico/biológico), para enaltecer ao máximo a pessoa de Jesus e as suas ações e, sobretudo, para dar credibilidade ao cristianismo nascente, absolutizaram-no, endeusando-o e fazendo-o superexclusivista, o

único “Filho de Deus”, o único Deus encarnado (no sentido *natural* dessas expressões), o único salvador da humanidade, o único mediador entre Deus e os homens, o único fundador da verdadeira religião, o único que verdadeiramente ressuscitou dos mortos etc.

17-EM QUE PONTOS POLÊMICOS CONCENTRAM-SE AS PRINCIPAIS CRÍTICAS DA CORRENTE ANTIPAULINA?

As principais críticas da corrente antipaulina concentram-se em pontos polêmicos das epístolas de Paulo. Nelas, entre outras coisas, Paulo defende a obediência dos cristãos ao opressivo Império Romano (afirmando que toda autoridade vem de Deus), bem como o pagamento de impostos, faz apologia da escravidão, legitima a submissão feminina e esboça uma doutrina exclusivista e mítica da salvação, através da morte e ressurreição de Cristo, distinta daquela doutrina que, segundo os teólogos antipaulinos, foi realmente defendida por Jesus (o Jesus histórico), ou seja, a doutrina segundo a qual a nossa salvação, ou melhor, a nossa libertação (ou evolução espiritual), não é fruto da fé na morte e ressurreição de Cristo, mas de nossas obras de amor-caridade, ao longo de múltiplas (re)encarnações no plano físico.

18-O JESUS HISTÓRICO FUNDOU UMA NOVA RELIGIÃO OU IGREJA?

Na visão cristã dogmática, sim; não, porém, na visão que defendo. A Igreja Católica sempre teve a convicção de ser a única religião (ou Igreja) fundada por Jesus Cristo. Essa pretensão católica tem sido questionada e até negada por muitos especialistas em história das origens do cristianismo (até mesmo por famosos teólogos católicos). Como escreve o escritor espanhol vaticanista Juan Arias,

uma das perguntas mais delicadas, comprometedoras e complexas sobre Jesus é se ele quis fundar uma nova Igreja e uma nova religião. Uma pergunta difícil, já que a Igreja Católica e, em geral, as igrejas cristãs jamais admitirão que não foram fundadas por Jesus [...]. Contudo, **não poucos especialistas se fizeram seriamente essa pergunta** (ARIAS, 2001, p. 127) (negrito meu).

O famoso teólogo católico Leonardo Boff, por exemplo, em seu livro *Igreja: Carisma e Poder*, publicado (pela Editora Vozes) em 1981, reconhece a existência dentro do próprio catolicismo de duas correntes opostas entre os teólogos: uma corrente afirmando que Jesus fundou a Igreja e outra afirmando que “a Igreja como instituição não estava nas cogitações do Jesus histórico...” (BOFF, *Igreja: Carisma e Poder*, edição revista, 2005, p. 425). Por causa dessa afirmação, Boff foi duramente criticado por Joseph Ratzinger (hoje o Papa Bento XVI), que o acusa nos seguintes termos, citando o próprio Boff:

Segundo suas próprias palavras, (L. Boff) coloca-se dentro de uma orientação na qual se afirma que “a Igreja como instituição não estava nas cogitações do Jesus histórico, surgindo, isto sim, como evolução posterior à ressurreição, particularmente com o processo progressivo de desescatologização” (p. 133) (RATZINGER, apud BOFF, *ibid.*).

A crença de que a Igreja Católica foi fundada por Jesus Cristo é baseada na seguinte passagem do Evangelho de Mateus:

Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei **minha Igreja**, e as portas do Inferno nunca prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do Reino dos céus e o que ligares na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus (Mateus 16,18-19) (negrito meu).

Essa passagem não se encontra em nenhum outro Evangelho e em nenhum outro escrito canônico ou apócrifo do Novo Testamento, o que já constitui uma das maiores provas de sua inautenticidade. Como argumenta o escritor espírita Hermínio C. Miranda, em seu livro *Cristianismo: a mensagem esquecida*,

é pouco provável, contudo, que Jesus tenha, por exemplo, instituído uma igreja, ou melhor, **a sua igreja**, conforme consta em Mateus 16:18. Essa é a única referência específica nos Evangelhos, ressaltando-se, naturalmente, que a palavra original grega – *ekklesia* – quer dizer comunidade, reunião de pessoas, religiosas ou não. É com essa conotação que começou a ser aplicada, nos Atos e nas Epístolas, ou seja, um local onde se reuniam os cristãos, não como uma igreja fundada e institucionalizada por Jesus, com a sua estrutura administrativa, ritualística, sacramental e doutrinária (MIRANDA, 1988, p. 168).

O mesmo autor prossegue em sua brilhante argumentação, à luz da “fé raciocinada”, mostrando que Jesus não fundou nenhuma igreja:

Em suma, Jesus não fundou **a Igreja** e nem mesmo **igrejas**, como Paulo e outros apóstolos. Pregou as suas ideias e deu seu testemunho. Não estava cogitando de templos de pedra nem de hierarquias sacerdotais, dogmas ou normas de direito canônico (ibid.).

Existem famosos teólogos cristãos (incluindo católicos) que negam, corretamente, que o Jesus histórico tenha, de fato, fundado uma igreja durante a sua vida terrena. Um famoso escritor católico que defende essa verdade é o ilustre teólogo Hans Küng, padre suíço, nomeado pelo Papa João XXIII como consultor teológico para o Concílio Vaticano II. Eis suas palavras:

Jesus não fundou uma igreja durante sua vida. [...] Hoje, até exegetas católicos aceitam que a famosa frase sobre Pedro como a pedra na qual Jesus construirá sua igreja (Mateus 16,18-19: a declaração está no futuro), e da qual os outros Evangelhos não têm conhecimento, não é uma frase do Jesus terreno, mas foi composta após a Páscoa pela comunidade palestina, ou mais tarde pela comunidade de Mateus (KÜNG, 2002, p. 28) (negrito meu).

Essa mesma tese, apoiada pelo historiador belga (teólogo e ex-padre católico) Eduardo Hoornaert, já havia sido defendida, no início do século XX, pelo padre francês Alfred Loisy, o qual, no dizer de Eduardo Hoornaert,

sofreu muito por causa desse seu posicionamento, foi humilhado e proibido de ensinar em instituições da Igreja. Morreu isolado de seus colegas. Mesmo assim, **sua tese é vitoriosa, hoje, pelo menos entre os estudiosos da história das origens do cristianismo** (HOORNAERT, 2006, p. 34) (negrito meu).

Concordo com a tese de que Jesus não fundou uma nova religião nem uma igreja. Ele formou, sim, uma **COMUNIDADE DE AMOR** (o “**cristianismo das origens**”), ou seja, uma **COMUNIDADE DE PESSOAS**, para viver e pregar os princípios do **código de moral (ou de ética) universal** que ele ensinou: **a paz, a união, a fraternidade, a justiça, a humildade, o perdão e o amor**, sem exclusivismos e divisionismos de nenhuma espécie. Como poderia o “cristianismo mítico” ter sido fundado por Jesus, se as centenas de igrejas que se

dizem “cristãos” vivem a desunião, a intolerância e o exclusivismo, fazendo guerras entre si? Não foi o Jesus histórico, portanto, quem fundou uma nova religião ou uma “igreja” (a sua “igreja”), mas foram os cristãos que o fizeram, a começar por **Paulo de Tarso**. Jesus ensinou e praticou não uma nova religião, mas A RELIGIÃO, A VERDADEIRA RELIGIÃO – A VIVÊNCIA DO AMOR!

19-FOI PAULO MESMO QUEM FUNDOU O CRISTIANISMO TAL COMO O CONHECEMOS HOJE?

Sim. Quem realmente fundou o que conhecemos hoje como “cristianismo” (incluindo obviamente a Igreja Católica e as Igrejas Protestantes), ou seja, quem fundou o chamado “cristianismo dos cristãos” (em oposição ao “cristianismo de Jesus”, também rotulado de o “cristianismo das origens”), não foi Jesus, nem Constantino, nem Teodósio, mas foi **Paulo de Tarso**. Quem está com a verdade? Somente através do diálogo religioso, baseado na “fé raciocinada” (e na história das origens do cristianismo), é que poderemos chegar ao conhecimento da verdade sobre quem realmente fundou o cristianismo tradicional.

Quero esclarecer, porém, que, quando argumento que a Igreja Católica e as Igrejas Protestantes não foram fundadas por Jesus, nem por Constantino ou por Teodósio, mas por Paulo de Tarso, estou apenas querendo dizer que a **DOCTRINA DOGMÁTICA CATÓLICA** (bem como a dos protestantes) é, essencialmente, a doutrina irracional, exclusivista, divisionista, fundamentalista, discriminatória e mítica de Paulo de Tarso, em contraposição à doutrina racional, pluralista e ecumênica de Jesus (do Jesus histórico), a qual não discrimina ninguém, pois se fundamenta não em mitos exclusivistas, mas na lei pluralista (ecumênica e macroecumênica) do amor ao próximo.

A tese protestante de que foi o imperador Constantino o fundador da Igreja Católica, através do Edito de Milão, do ano 313, é totalmente falsa, pois igrejas cristãs católicas, fundadas por Paulo de Tarso, já existiam antes da promulgação do referido Edito de Milão.

A tese de que foi o imperador Teodósio quem fundou a Igreja Católica também é falsa, pois o que esse imperador fez foi proclamar oficialmente a Igreja Católica como a única “Religião de Estado” do Império Romano (no ano 395).

É igualmente falsa a crença segundo a qual o fundador da Igreja Católica, ou melhor, da **doutrina católica (e protestante) dogmática** foi o próprio Jesus; isto se deveu por ação exclusiva de **Paulo de Tarso**, conforme venho argumentando constantemente em várias respostas da presente obra ecumênica.

20-A IGREJA CATÓLICA É DE ORIGEM PAGÃ?

Sim. A Igreja Católica, com sua doutrina dogmática e mítica, é quase toda de origem pagã, criada inicialmente por Paulo de Tarso e aceita posteriormente como a religião oficial do Império Romano.

Nenhum dogma da Igreja Católica, por exemplo, foi instituído e ensinado pelo Jesus histórico, o qual pregou e viveu um código de moral (ou de ética) universal, resumido na lei do amor, ensinando-nos que, para ser seu discípulo, seu seguidor, ou seja, para ser cristão, a condição necessária e suficiente é **AMAR O PRÓXIMO**: “Nisso conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros” (João 13,35). Em outros termos, o Jesus histórico resumiu todos os seus ensinamentos no **MANDAMENTO PLURALISTA DO AMOR AO PRÓXIMO**: “Isto vos ordeno; amai-vos uns aos outros” (João 15,17). Bastaria vivermos este mandamento pluralista – que une a todos – e o mundo cristão (e não cristão) seria bem diferente do que é hoje.

A Igreja Católica, porém, fundamentada no Paulinismo, atribui erroneamente a Jesus um conjunto de dogmas (ou de mitos) exclusivistas e divisionistas, os quais vêm causando inúmeros conflitos, guerras, ódio, intolerância, discriminação e divisões no próprio cristianismo e, mais ainda, entre cristãos e não cristãos, numa prova irrefutável de que o cristianismo exclusivista e mítico dos cristãos paulinistas jamais teve, e jamais terá, condições de unir a cristandade e a humanidade. Somente o cristianismo pluralista de Jesus é que nos une.

Paulo de Tarso, para dar credibilidade ao cristianismo primitivo e atrair seguidores de várias outras religiões do mundo pagão do Mediterrâneo, procurou converter os adeptos dessas religiões pagãs, utilizando a estratégia mítica de que Cristo também era uma divindade salvadora, vinda do céu, tendo nascido miraculosamente (como os demais deuses das religiões pagãs) mediante um parto

virginal, tendo sido morto e tendo ressuscitado para resgatar-nos de nossos pecados herdados do pecado de Adão e Eva.

O Paulinismo, como estamos comprovando nesta obra, é, de fato, cópia e/ou incorporação de crenças, de cultos e de ritos de várias religiões pagãs de épocas mais antigas do que o cristianismo, destacando-se o culto a Ísis, a Dioniso e a Mitra. Para atrair seguidores para o cristianismo, Paulo fez sincretismo com elementos de várias religiões e filosofias, particularmente com elementos das religiões de mistério do Egito, da Grécia, do paganismo greco-romano, da Índia e de várias outras culturas religiosas mais antigas:

As evidências da grande semelhança entre a religião cristã e outras crenças do mundo antigo são volumosas, detalhadas, extremamente específicas e incrivelmente vastas, estendendo-se desde a sabedoria védica na Índia aos mitos nórdicos da Escandinávia, às lendas dos incas e à espiritualidade original dos povos indígenas da América do Norte (HARPUR, 2008, p. 43).

Diversos são os teólogos modernos, incluindo famosos teólogos católicos, que não mais comungam com o pensamento tradicional e dogmático da Igreja Católica, segundo o qual a Igreja Católica é propriedade exclusiva do próprio Deus encarnado na pessoa de Jesus Cristo, morto e ressuscitado, que a comprou com o seu sangue derramado na cruz, e a instituiu oficialmente, por volta do ano 30 da era cristã, dando exclusivamente a Pedro e aos seus sucessores (os papas) o poder de dirigi-la, garantindo-lhes que tudo o que eles aprovassem ou rejeitassem na terra seria aprovado ou rejeitado no céu: *“Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja. E eu te darei as chaves do Reino dos céus. Tudo o que ligares na terra será ligado no céu. Tudo o que desligares na terra, será desligado no céu”* (Mateus 16, 18-19).

Será que esta é mesmo a verdadeira origem da Igreja Católica? De modo algum, como venho insistentemente argumentando, à luz da fé raciocinada e da história das religiões.

Convém repetir que a maior prova de que a Igreja Católica e as Igrejas Protestantes não foram originalmente fundadas por Jesus, mas por Paulo de Tarso, é a flagrante incompatibilidade entre os ensinamentos ético-morais universais e pluralistas de Jesus e os ensinamentos míticos, pagãos e exclusivistas do cristianismo

paulinista. Por exemplo, enquanto Jesus resumiu todos os seus ensinamentos no **MANDAMENTO PLURALISTA DO AMOR AO PRÓXIMO** (João 15,17), o cristianismo exclusivista (paulinista) prega que basta ter fé em Jesus morto e ressuscitado para nos salvarmos: **“Porque, se confessares com tua boca que Jesus é Senhor e creres em teu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo”** (Romanos 10,9) (negrito meu).

Em suma, o cristianismo paulinista é quase todo de origem pagã, tendo sofrido grande sincretismo com outras religiões bem mais antigas do que o cristianismo, tanto na época de Paulo como na época do imperador Constantino, o qual, acreditando que a religião cristã poderia unificar o Império Romano, que se encontrava muito dividido, resolveu promover uma mistura do cristianismo paulinista com o paganismo romano, o que resultou na posterior adoção do cristianismo como a religião oficial do Império Romano.

21-SEGUNDO O PAULINISMO, JESUS É O OU UM SALVADOR?

Para o paulinismo, Jesus é o único salvador da humanidade (**SÓ JESUS SALVA!**). Proclamar que Jesus é o único caminho de salvação é uma das crenças mais exclusivistas do cristianismo paulinista. O Jesus histórico, porém, nunca afirmou ser o único caminho de salvação. Tal atitude exclusivista de Jesus feriria frontalmente a base de sua doutrina pluralista, qual seja, a do amor ao próximo e a humildade, caracterizando arrogância espiritual, erguendo assim um muro intransponível entre o cristianismo e todas as demais religiões deste planeta. O Jesus histórico é um caminho ao lado de muitos outros, mas não o único caminho. Essa velha crença exclusivista do paulinismo precisa mudar. Do contrário, dificilmente poderá haver verdadeira fraternidade entre cristãos e não cristãos e, menos ainda, a existência do diálogo inter-religioso de igual para igual.

Simbólica e metaforicamente, contudo, não há nenhum problema em afirmar que Jesus é o Salvador, o Senhor, o Filho de Deus, o Caminho etc. O grande erro dos cristãos paulinistas, porém, é tomar essas expressões ao pé da letra, literalmente, de maneira exclusivista.

Dizer, por exemplo, que Jesus é o Salvador (e não um Salvador ao lado de outros), o Caminho (e não um Caminho ao lado de outros)

expressa apenas um ponto de vista (uma fé, uma crença) particular de uma determinada religião, no presente caso, o cristianismo dogmático paulinista, o qual merece todo o nosso respeito, mas expressões exclusivistas como essas a respeito de Jesus não devem ser tomadas ao pé da letra, como verdades históricas absolutas, mas apenas como verdades teológicas, particulares, relativas, simbólicas, míticas, do cristianismo ortodoxo.

Além disso, a interpretação literal desses títulos exclusivistas aplicados a Jesus e ao cristianismo ortodoxo como verdades históricas absolutas (por ex., **SÓ CRISTO SALVA!**) cria uma barreira intransponível entre o cristianismo dogmático e as outras religiões deste planeta, impedindo o cada vez mais necessário e urgente diálogo inter-religioso de igual para igual. Como os cristãos dogmáticos podem dialogar abertamente com os membros das outras religiões, se eles argumentam que suas crenças são verdades históricas absolutas e que somente eles têm verdades e os outros têm mentiras?

22-COMO ENTENDER O ESCORREGÃO DE UM PARA O?

A respeito do *escorregão* (ou *escorregamento*) inevitável de um para o ou de uma para a nas crenças religiosas (por ex., o escorregamento de “Jesus é um Caminho” para “Jesus é o Caminho”), reflitamos sobre o que escreveu o ex-padre católico John Dominic Crossan, em sua obra *Quem Matou Jesus?*:

Quando confesso que Jesus é divino, Cristo ou Senhor, é Cordeiro de Deus, Palavra de Deus, Filho do Homem, Filho de Davi ou Filho de Deus, não quero dizer que estes termos são essenciais ou substanciais, mas relacionais e interativos. [...] Dizer que Jesus é divino, por exemplo, significa para mim que *eu* vejo *Jesus* como a manifestação de *Deus*. Analogamente, como um historiador das origens cristãs, devo ser capaz de explicar, porque naquele primeiro século, algumas pessoas viram Jesus e disseram: “Vamos ignorá-lo”, outros disseram: “Vamos executá-lo”, e outros: “Vamos adorá-lo.” Para as perguntas da mídia e da audiência insistindo: “Sim, sim, mas ele era realmente *divino*”, eu respondo repetidas vezes que, tanto para o primeiro quanto para o vigésimo primeiro século, Jesus era e é divino para aqueles que experimentam nele **a** manifestação de Deus. Concentre-se, por um instante, nessa palavrinha, **a**. Ser humano é ser absolutamente particular, isto é, absolutamen-

te relativo ou relativamente absoluto. Em qualquer coisa que seja de suprema importância para nós, seja cônjuge ou família, passatempo ou paixão, trabalho ou profissão, língua ou país, há sempre um escorregamento inevitável de **uma** para **a**. [...] Se lhe mostram um recém-nascido e lhe perguntam: “Não é **o** bebê mais bonito do mundo?”, a resposta mais sábia é sempre a afirmativa. Mas, lá no canto de nossas cabeças, reconhecemos que **um** tornou-se **o**, e sabemos que isto é perfeitamente humano e não apresenta problema – *a menos que* seja tomado literalmente e os igualmente absolutos relativos dos outros sejam negados. Assim também, ou especialmente, com a fé ou com a religião de alguém. Deve ser experimentada como **a** manifestação do Sagrado, mas nunca devemos esquecer ou negar que é, na verdade, **uma** manifestação para mim e *para nós*. Ser humano é viver em **um** como **o**; ser desumano é negar aquele necessário escorregão. (John Dominic Crossan, *Quem Matou Jesus?*, p. 250-251) (negrito meu)

Esse mesmo autor, nos esclarece, com razão, que um ato de fé é *interpretação*, e não *fato histórico*, e que “os cristãos, como todos os outros seres humanos, vivem das profundezas dos mitos e das metáforas”:

Não aceito o argumento de que a própria fé cristã nos diz o que precisamos saber a respeito do Jesus histórico. A fé cristã nos diz como o Jesus histórico (fato) é a manifestação de Deus para nós aqui e agora (interpretação). Não se pode acreditar num fato, apenas numa interpretação. E nenhuma quantidade de fé pode transformar uma interpretação num fato. **Aqui ocorre um engano letal que, muitas vezes, transforma em selvagem o coração do cristianismo. Argumentamos que temos fatos e não interpretações, que temos história e não mito, que nós temos verdades e os outros têm mentiras. Isto não mais funciona, nem para nós nem para ninguém.** Precisamos comparar os mitos e as metáforas uns dos outros para vermos quão humana é a vida que eles engendram, mas não podemos negar que *todo mundo* constrói firmemente sobre tais fundações inevitáveis. **Os cristãos, como todos os outros seres humanos, vivem das profundezas dos mitos e das metáforas. Mas ainda permanece, especialmente agora, o desafio urgente de aceitar o nosso próprio mito fundacional sem vergonha ou negação, e os dos outros, sem ódio ou menosprezo.** (John Dominic Crossan, *Quem Matou Jesus?*, p. 252-253) (negrito meu)

Concordo plenamente com esse renomado teólogo e ex-padre católico, John Dominic Crossan (autor de 24 livros sobre o Jesus

histórico), a respeito do *escorregamento* inevitável que os seres humanos fazem de um para o ou de uma para a (por ex., o escorregão feito pelos cristãos de “Jesus é um Filho de Deus” para “Jesus é o Filho de Deus” ou de “Jesus é um Salvador” para “Jesus é o Salvador”), bem como com sua explicação de que um ato de fé é *interpretação*, e não *fato histórico*, e com sua declaração de que “os cristãos, como todos os outros seres humanos, vivem das profundezas dos mitos e das metáforas”, e devem enfrentar o desafio urgente de aceitar seu próprio mito fundacional sem vergonha ou negação, e os dos outros, sem ódio ou menosprezo.

23-FOI O ESCORREGAMENTO DE UM PARA O QUE GEROU O MITO DA UNICIDADE CRISTÃ?

Exatamente! Com base no escorregamento de um para o (ou de uma para a), os cristãos paulinistas criaram o **mito errôneo da unicidade cristã**, ou seja, o mito segundo o qual Jesus não é um, mas o (único) salvador da Humanidade (**SÓ JESUS SALVA!**), “**pois não há sob o céu outro nome dado aos homens pelo qual devamos ser salvos**” (Atos 4, 12) (negrito meu).

Segundo esse mesmo escorregamento humano dos cristãos, Jesus não é um, mas o (único) caminho e a (única) verdade (cf. João 14,6); Jesus não é um, mas o único “mediador entre Deus e os homens” (1Timóteo 2,6), com ele se encerrou definitivamente toda a Revelação divina, a religião supostamente fundada por ele é a única religião verdadeira e a igreja também supostamente fundada por ele é a única igreja verdadeira etc.

Em outros termos, o escorregamento de um para o (ou de uma para a) gerou o grande erro do exclusivismo cristão, o chamado **mito da unicidade cristã**, o qual discrimina todas as outras religiões e todos os outros líderes religiosos do mundo, além de impedir o cada vez mais necessário diálogo inter-religioso de igual para igual.

É indiscutível que esse mito não se coaduna absolutamente com o **código de moral (ou de ética) universal**, pluralista, resumido na lei do **amor**, pregado e vivenciado pelo Jesus histórico. Como é, então, que podemos afirmar *literalmente* que Jesus é o (e não um) salvador, que **SÓ JESUS SALVA**, se ele resumiu todos os seus ensinamentos no **MANDAMENTO PLURALISTA DO AMOR**? “Isto

vos ordeno: amai-vos uns aos outros” (João 15,17). Jesus, de fato, pregou e viveu o amor, o perdão, a caridade, a fraternidade, a paz e a humildade, sem discriminar ninguém.

É preciso esclarecer também, com base em muitos estudiosos críticos da Bíblia, como os integrantes do Seminário de Jesus (cf. FUNK & THE JESUS SEMINAR, p. 419), que o famoso versículo joanino, segundo o qual Jesus teria afirmado ser “o Caminho, a Verdade e a Vida” (João 14, 6), não é de autoria do Jesus histórico, mas do evangelista João, que certamente o copiou da literatura sagrada de outras religiões mais antigas do que o cristianismo, por exemplo, do hinduísmo, onde Krishna, o filho de Deus, o verbo encarnado, o primeiro salvador do mundo, nascido miraculosamente (de um parto virginal), cerca de quatro mil anos antes de Cristo, também declarava ser **O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA: “Eu sou o caminho [...]; eu sou a vida [...]; sou eu mesmo a luz da Verdade [...]”** (ROHDEN, *Bhagavad Gita*, p. 92, n. 18-19; p. 101, n. 11). Hórus (divindade egípcia) também declarava ser **A LUZ DO MUNDO, O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA** (cf. HARPUR, 2008, p. 93).

Vemos assim, por conseguinte, que o escorregamento de um para o (ou de uma para a), não é exclusividade do cristianismo, mas também do hinduísmo e, diria eu, de todas as demais religiões. O exclusivismo é um fenômeno comum a todas as crenças, uma vez que cada religião se considera a única verdadeira.

Em minhas publicações ecumênicas, argumento que o versículo joanino (João 14,6), um dos mais citados em toda a literatura cristã, é superexclusivista. Por isso, faço um forte alerta macroecumênico a respeito desse famoso versículo joanino, segundo o qual Jesus teria afirmado ser O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA. Imaginem quanta discriminação por parte dos cristãos, ao longo de toda a sua história, contra as outras religiões, exatamente com base em interpretações literalistas e exclusivistas dos escritores do Novo Testamento (NT), a respeito de palavras inautênticas atribuídas a Jesus, como as desse famoso versículo joanino.

Se Jesus é literalmente o caminho, não há outro caminho, ou seja, ficam excluídas automaticamente todas as pessoas que seguem outros líderes religiosos e outras religiões. Nesse sentido, o *slogan* tão repetido em meus livros ecumênicos (**NÃO IMPORTA O CAMI-**

NHO!) perde totalmente o seu sentido pluralista, em favor de uma interpretação altamente exclusivista a respeito da pessoa de Jesus.

Imaginem que dois terços da humanidade (hoje mais de 4 bilhões de seres humanos não cristãos) ficariam todos excluídos, caso passagens evangélicas exclusivistas como essa fossem realmente autênticas. Em outras palavras, para os cristãos exclusivistas, baseados num Evangelho também superexclusivista, como o de João, só há um caminho e uma só religião. Se Jesus é a verdade, todos os outros caminhos tornam-se automaticamente “falsos”. Se Jesus é a vida, quem não o segue está “morto”, está “perdido” e “condenado” às penas eternas, conforme a interpretação da maioria dos cristãos. É mais do que evidente que o Jesus histórico, pluralista, ecumênico e macroecumênico jamais tenha sido o autor desse versículo joanino exclusivista.

Esse famoso versículo foi (e continua sendo) a grande lógica para o *slogan* exclusivista: FORA DE CRISTO, NÃO HÁ SALVAÇÃO (ou, mais restritamente, FORA DA IGREJA, NÃO HÁ SALVAÇÃO), uma vez que Jesus não apenas seria o caminho, a verdade e a vida, e ninguém iria ao Pai a não ser por ele, mas também teria fundado uma Igreja e entregue exclusivamente a Pedro as chaves do Reino dos Céus (cf. Mateus 16,18-19). A interpretação exclusivista desse versículo joanino tem apoiado a pretensão do cristianismo institucional de ser “a única fé verdadeira para toda a humanidade” (DRCO, verbete **cristianismo**), todas as demais religiões sendo automaticamente classificadas como “marginais” ou “falsas” (cf. DRCO, p. 379).

Em suma, a conhecidíssima crença cristã, segundo a qual Jesus é literalmente o único Salvador da humanidade – **SÓ JESUS SALVA!** – é um dos maiores erros do cristianismo dogmático, porque exclui e discrimina todas as outras religiões e todos os outros líderes religiosos do mundo.

O mesmo se diga de outras crenças cristãs exclusivistas, tais como: Jesus é o único Filho de Deus, o único Deus encarnado, o único Mediador entre Deus e os homens, o único que nasceu miraculosamente, o único que ressuscitou dos mortos, o único caminho, a única verdade, ninguém vai ao Pai a não ser por Ele etc.

É indiscutível que essas crenças cristãs, interpretadas literalmente (e não metaforicamente), não se coadunam absolutamente com a lei do amor, com a fraternidade, com a paz, porque elas geram muitos preconceitos, exclusivismos e divisões entre o cristianismo paulinista e as outras religiões deste planeta. Quantas brigas, divisões e guerras catastróficas entre cristãos e não cristãos ao longo da História, exatamente por causa das crenças exclusivistas e míticas dos cristãos. Quantas pessoas que foram discriminadas e até mortas, dentro do próprio cristianismo, por não concordarem com a crença literal nos dogmas ou mitos cristãos referentes à pessoa de Cristo. Quem discrimina o próximo não o ama.

Se é literalmente verdade que só Jesus salva, então todas as outras religiões estão erradas e têm que aceitar Jesus como o único Salvador, pois, do contrário, não poderão salvar-se. Esse, repito, é o chamado **mito da unicidade cristã**, um dos mais combatidos em minhas obras ecumênicas, porque é radicalmente incompatível com o amor, a paz, a fraternidade, a união, o pluralismo e o diálogo inter-religioso de igual para igual. Nesse contexto, recomendo a leitura do livro *The Myth of Christian Uniqueness* ('O Mito da Unicidade Cristã'), organizado pelos TEÓLOGOS PLURALISTAS John Hick – protestante – e Paul Knitter – católico (HICK & KNITTER, 1987).

24-POR QUE O PAULINISMO NÃO É UMA RELIGIÃO “EXCLUSIVA”, “EXCEPCIONAL” E “ÚNICA”?

Porque, como estamos comprovando nesta obra, ele tem muito em comum com todas as outras religiões pagãs deste planeta. Logo, ele não pode considerar-se uma religião “exclusiva”, “excepcional” e “única”, como bem expressa o historiador italiano Ambrogio Donini na seguinte citação:

Fala-se ainda hoje do cristianismo como de uma religião em si, para a qual confluíram e encontraram a sua sistematização motivos antiquíssimos, até representar algo de “excepcional” e de “único”. É necessário despir-se deste hábito dogmático e, se me permitem a expressão, presunçoso (DONINI, 1965, p. 198).

Em minhas obras ecumênicas, mostro muitas evidências históricas a favor dessa tese de Ambrogio Donini, esclarecendo ao leitor que o

cristianismo tradicional (**paulinismo**), longe de ser algo de “excepcional” e “único”, tem muito em comum com todas as outras religiões: os mesmos ritos, os mesmos mitos, as mesmas lendas etc.

25-O JESUS PAULINISTA NASCEU DE UM PARTO VIRGINAL?

Historicamente, não. A crença no nascimento virginal de Jesus, mesmo tendo grande significação espiritual para os cristãos paulinistas, não é um fato histórico, de acordo com as pesquisas atuais de todos os estudiosos críticos do cristianismo. Historicamente, Jesus nasceu do mesmo modo natural como qualquer um de nós. Afirmar que ele nasceu miraculosamente, por obra e graça do Espírito Santo, é uma verdade mítica que tem um grande valor espiritual para alimentar a fé dogmática e mítica dos cristãos, mas não é uma verdade histórica e, além disso, gera muita discriminação entre os cristãos dogmáticos e os membros de outras religiões.

Em meu livro *Mitos Cristãos: Desafios para o Diálogo Religioso* (p. 135-136), cito vários especialistas em história do cristianismo, os quais afirmam que o mito do parto virginal é antiquíssimo, encontrando-se em muitas religiões anteriores ao cristianismo e que, segundo os historiadores das religiões, nascer de uma mãe virgem significava, na antiguidade, que a criança seria um personagem importante. Por isso, os evangelistas, tendo que anunciar aos primeiros cristãos que Jesus era o Messias prometido pelos profetas ao povo de Israel, explicaram-no dizendo que ele nascera de uma mulher virgem.

Algum leitor cristão paulinista poderia rebater meus argumentos, com base na famosa profecia de Isaías (Isaías 7,14): “A virgem ficará grávida e dará à luz um filho, e o chamará Emanuel [= Deus conosco]” (ver também Mateus, 1,23).

Quanto a essa famosa profecia de Isaías, que Mateus quis ver cumprida no suposto nascimento virginal de Jesus, esclareço, com o teólogo e ex-padre católico Franz Griesse (GRIESE, 1957, p. 237-240), que essa profecia não se refere a Jesus, nem à sua mãe, mas ao próprio Isaías, que se casou com uma *jovem* (“almah” na versão original hebraica de Isaías), e não com uma *virgem* (como na tradução errada da versão grega dos Setenta de Isaías), da qual teve um filho, cujo nome, **Maer-Salal-Has-Baz** (que significa “Pronto-saque-próxima-pilhagem”), foi dado pelo próprio **Javé** (cf. Isaías 8,3), tam-

bém chamado pelo profeta Isaías de **Emanuel** (= **Deus conosco**) (cf. Isaías 8,8 e 8,10). Além disso, a tradução de Mateus, “... e o chamarão com o nome de Emanuel” (Mateus 1,23), está totalmente errada, pois, no texto grego mais antigo de Isaías, como se encontra no Códice Sinaítico, a frase correta é esta: “**kai kalesei to onoma Immanuel**”, que significa: “**E Emanuel [=Javé] por-lhe-á o nome**”, com a forma verbal (**kalesei**) na 3ª pessoa do singular, e não na 3ª pessoa do plural (**kalesousin**), como erroneamente alterado e traduzido por Mateus, para provar que a referida profecia se referia a Jesus, nascido de um parto virginal e, por isso, chamado de **Emanuel** (= **Deus conosco**), invertendo assim completamente o sentido do texto grego original de Isaías. Esse é, portanto, um exemplo clássico de texto bíblico mal traduzido e alterado para contemplar interesses cristãos (negritos meus).

Mateus, para defender o mito do nascimento virginal de Jesus, bem como o mito de sua divindade (Deus encarnado, **Deus conosco**), traduziu erroneamente a famosa profecia do profeta Isaías (Isaías 7,14): “A virgem ficará grávida e dará à luz um filho, e o chamará Emanuel”.

Eis a passagem de Mateus em que ele traduz e comenta erroneamente esse texto de Isaías:

“Tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor havia dito pelo profeta: *Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e o chamarão com o nome de Emanuel*, o que traduzido significa: “Deus está conosco.” (Mateus 1,22-23)

Na Bíblia de Jerusalém, o versículo de Isaías (Isaías 7,14) é este: “Eis que **a jovem** concebeu e dará à luz um filho e por-lhe-á o nome de Emanuel” (negrito meu).

Nessa versão da Bíblia de Jerusalém, não aparece mais a palavra “virgem” da versão grega de Isaías (o texto dos Setenta), a qual já é uma tradução errada da versão original hebraica “almah”, que significa “moça”, “jovem”, “donzela”, o que significa dizer que o texto hebraico de Isaías não usa a palavra “virgem”, mas a palavra “almah”, que significa simplesmente “uma jovem”, sem nenhuma implicação de virgindade. O dogma do nascimento virginal de Jesus

é, portanto, produto desta tradução errada do termo “almah”, bem como dos outros erros cometidos por Mateus.

26-O MITO DE NASCIMENTOS VIRGINAIS É REALMENTE UMA CRENÇA ANTIQUÍSSIMA?

Com certeza. O mito de nascimentos virginais é uma crença antiquíssima, ocorrente em muitas religiões anteriores ao cristianismo, como exemplificarei a seguir.

“Segundo os historiadores das religiões, nascer de uma mãe virgem significava, na antiguidade, que a criança seria um personagem importante” (ARIAS, 2001, p. 52).

Por isso, os evangelistas, tendo que anunciar aos primeiros cristãos que Jesus era o Messias prometido pelos profetas ao povo de Israel, explicaram-no dizendo que ele nascera de uma mulher virgem.

Como esclarece o escritor espiritualista Ramacháraka,

a ideia do Nascimento Virginal não foi uma Doutrina Cristã original, porém foi introduzida nos Ensinos, cem anos mais ou menos depois do começo da Era Cristã (apud JOMANO, 2001, p. 170-171).

O escritor italiano Ambrogio Donini, grande especialista em História das Religiões, também afirma, com razão, que “o mito do nascimento milagroso de um salvador, ligado a um parto virginal, encontra-se na religião grega, em muitos cultos orientais, na literatura persa, nos textos hindus e na hagiografia budista” (DONINI. Ambrogio, 1965, p. 240, nota 22).

Cerinto, considerado um dos primeiros “hereges” do cristianismo primitivo, por negar a divindade de Jesus, já ensinava, corretamente, que Jesus não nascera miraculosamente de uma Virgem, mas fora filho de seus pais por uma geração semelhante à de todos os outros homens.

Também a “doutrina adocionista”, comum a vários grupos cristãos dos séculos II e III, afirmava, corretamente, que Jesus não era um ser literalmente divino, mas um ser puramente humano e que, portanto, não nascera miraculosamente de uma Virgem, mas nascera da união sexual normal de seus pais, como qualquer outra pessoa.

Outra explicação que se pode dar para o mito de partos virginais é que, nas culturas antigas, uma das condições necessárias para alguém ser “salvador” era ter nascido miraculosamente, sendo ao mesmo tempo **homem e deus (e filho de um deus)**.

Ora, se nas culturas antigas, uma das condições necessárias para alguém ser “salvador” era ter nascido miraculosamente, sendo ao mesmo tempo **homem e deus (e filho de um deus)**, fica mais fácil entender o argumento de muitos pesquisadores críticos dos evangelhos, segundo o qual foram os cristãos (**a começar por Paulo de Tarso**) que “divinizaram” Jesus, fazendo com que ele possuísse o caráter **humano e divino** de qualquer salvador.

O renomado escritor rosa-cruz H. Spencer Lewis, em sua obra *A Vida Mística de Jesus*, nos fornece os seguintes dados históricos convincentes sobre o fato de que “Jesus não foi o primeiro dos grandes mestres mensageiros de Deus a nascer de uma virgem, ou a ser concebido pelo Princípio divino” (LEWIS, 1997, p. 73):

É tão verdadeiro que Nascimento Divino e Concepções Divinas eram fatos aceitos pelos antigos que, sempre que eles ouviam falar numa pessoa que se distinguiu notavelmente nos assuntos humanos, imediatamente a classificavam como uma pessoa nascida de linhagem sobrenatural. Mesmo nas religiões pagãs, supunha-se que vários deuses haviam descido do Céu e se encarnado como homens. O erudito Thomas Maurice, em seu singular livro *Indian Antiquities*, chega a declarar que “em todas as eras e em quase todas as religiões do mundo asiático, parece haver florescido uma tradição uniforme e imemorial segundo a qual um deus, por toda a eternidade, tinha *gerado outro deus*”.

Posso acrescentar que nossos próprios registros de tradições antigas e escrituras sagradas contêm muitas referências a movimentos religiosos da antiguidade, cujo grande líder era considerado “O Filho de Deus”.

A Índia teve um grande número de Avatares ou Mensageiros divinos, Encarnados por Concepção Divina, tendo dois deles levado o nome de “Chrishna” ou “Chrishna o Salvador”. Consta que Chrishna nasceu de uma virgem casta chamada Devaki que, por sua pureza, fora escolhida para se tornar a mãe de Deus. Neste exemplo, encontramos a antiga história de uma virgem dando à luz um mensageiro de Deus divinamente concebido.

Buda foi considerado por todos os seus seguidores como *gerado por Deus* e nascido de uma virgem chamada Maya ou Maria. Nas antigas histórias sobre o nascimento de Buda, tais como são compreendidas por todos os orientais e como são encontradas em seus escritos sagrados muito anteriores à Era Cristã, vemos como **o poder Divino, chamado o Espírito Santo, desceu sobre a virgem Maya.** (Negrito meu)

Os siameses tinham igualmente um deus e salvador nascido de uma virgem e que eles chamaram Codom. Nesta velha história, a bela e jovem virgem fora informada com antecedência de que se tornaria mãe de um grande mensageiro de Deus e, um dia, enquanto fazia seu período usual de meditação, concebeu através de raios de sol de natureza Divina. O menino nasceu e cresceu de maneira singular e notável, tornou-se um protegido da sabedoria e fez milagres.

Quando os primeiros europeus visitaram o Cabo Comorin, na extremidade sul da península do Indostão, surpreenderam-se ao encontrar os naturais do lugar, que nunca haviam tido contato com as raças brancas, cultuando um Senhor e *Salvador* que fora divinamente concebido e nascera de uma virgem.

E quando os primeiros missionários jesuítas visitaram a China, escreveram em seus relatórios que haviam ficado consternados por encontrarem na religião pagã daquela terra **a história de um mestre redentor que nascera de uma virgem por concepção divina.** (Negrito meu) [...]

No Egito, bem antes do advento do cristianismo e muito antes do nascimento dos autores da Bíblia ou de qualquer doutrina concebida como cristã, o povo egípcio já tivera vários mensageiros de Deus nascidos de virgens por Concepção Divina. Hórus, segundo o sabiam todos os antigos egípcios, havia nascido da virgem Ísis. [...] Outro deus egípcio, Ra, nascera de uma virgem. Examinei uma das paredes de um antigo templo na margem do Nilo, onde há um belo quadro esculpido representando o deus Tot – o mensageiro de Deus – dizendo à jovem Rainha Mautmes que daria à luz um Divino *Filho de Deus*, que seria o rei e Redentor de seu povo.

Ao nos voltarmos para a Pérsia descobrimos que Zoroastro foi o primeiro dos redentores do mundo a ser aceito como nascido em plena inocência, pela concepção de uma virgem. [...] **Ciro, rei da Pérsia, também era tido como nascido de origem divina, e nos registros de seu tempo ele é chamado de *Cristo* ou *Filho ungido de Deus* e considerado mensageiro de Deus.** (LEWIS, 1997, p. 73-76) (Negrito meu)

Concluindo a resposta da presente pergunta, reafirmo, á luz das evidências apresentadas, que é, de fato, um grande erro dos cristãos paulinistas acreditar que o Cristo da fé foi supostamente o único personagem que nasceu miraculosamente de uma virgem, por obra e graça do Espírito Santo. Essa crença, repito, é literalmente falsa, pois a história das religiões, como estamos vendo neste livro, comprova que o mito de nascimentos virginais é antiquíssimo, ocorrente em muitas religiões anteriores ao cristianismo. Além disso, nenhum dos Avatares ou Mensageiros divinos (incluindo Jesus) nasceu, de fato, miraculosamente, através de um parto virginal. Todos eles nasceram normalmente como qualquer um de nós. Repito, com Juan Arias, que, "segundo os historiadores das religiões, nascer de uma mãe virgem significava, na antiguidade, que a criança seria um personagem importante" (ARIAS, op. cit., p. 52).

27-O CONCEITO TRINITÁRIO DA DIVINDADE É UMA CRENÇA EXCLUSIVA DO CRISTIANISMO PAULINISTA?

De modo algum. O conceito trinitário da divindade não é uma crença exclusiva do cristianismo, uma vez que é uma crença comum a muitas outras religiões, bem mais antigas do que o cristianismo, como nos seguintes exemplos, quase todos extraídos do livro de Reis Chaves (cf. CHAVES, 2006, p. 132):

- 1) Pai, Filho e Espírito Santo (Cristianismo).
- 2) Buda, Darma e Sanga (Budismo do Sul).
- 3) Amithaba, Avalokitesshvara e Manddjusri (Budismo do Norte).
- 4) Tulac, Fan e Mollac (Druidas).
- 5) Anu, Ea e Bel (Caldeus).
- 6) Odim, Freva e Thor (Mitologia Escandinava).
- 7) Osíris, Ísis e Hórus (Egito Antigo).
- 8) Ptah, Sekhmet e Nefestum (Egito Antigo: Mênfis).
- 9) Amon, Mut e Khonsu (Egito Antigo: Tebas).
- 10) Brama, Vishnu e Shiva (Hinduísmo).
- 11) Brama, Krishna (encarnação de Vishnu) e Shiva (Hinduísmo).

28-COMO FOI CRIADO O CONCEITO TRINITÁRIO DA DIVINDADE NAS RELIGIÕES?

O conceito trinitário da divindade nas religiões foi criado por analogia com a trindade da família humana: **pai, mãe, filho**. Como quase todas as religiões antigas possuíam conceitos antropomórficos de suas divindades, isto é, concebiam suas divindades de maneira humana, elas cultuavam e adoravam um deus uno e trino, ou seja, um deus em três pessoas: **deus-pai, deus-mãe e deus-filho**, por exemplo, os egípcios antigos cultuavam e adoravam a seguinte trindade divina: Osíris, Ísis e Hórus (deus-pai, deus-mãe e deus-filho). Em algumas religiões, por exemplo, no hinduísmo e no cristianismo, em vez da trindade deus-pai, deus-mãe e deus-filho, cultua-se uma trindade constituída de Deus-Pai, Deus-Filho e Deus-Espírito Santo. Assim, na principal trindade indiana, o filho de Deus chama-se “Vishnu ou Krishna”, o pai chama-se “Brama” e o Espírito Santo chama-se “Shiva”.

Pelo dogma da Trindade Cristã, os Concílios Ecumênicos proclamaram que Deus é *literalmente* uno e trino: Deus-Pai, Deus-Filho e Deus-Espírito Santo, três pessoas distintas, mas ao mesmo tempo iguais, constituindo um só Deus.

29-QUAIS SÃO OS PRINCIPAIS ERROS DO DOGMA TRINITÁRIO CRISTÃO?

Esse dogma, interpretado *literalmente* (e não *metaforicamente*), contém diversos erros, como veremos a seguir.

Em meu livro *Mitos Cristãos: Desafios para o Diálogo Religioso* (p. 120-121), apresento os seguintes dez erros do dogma trinitário cristão:

- 1) O primeiro erro é interpretar Deus (literal e antropomorficamente) como *pessoa*, ou melhor, como três pessoas distintas, pois Deus não é literalmente *pessoa*, embora Ele possua *aspectos* ou **atributos pessoais**, uma vez que Ele nos conhece, nos ouve, nos vê, nos entende e nos ama. Conceituar Deus literalmente como *pessoa* é, como já vimos, um *antropomorfismo*, ou seja, é conceber Deus na forma de um ser humano.

- 2) O segundo erro é proclamar a *igualdade das três pessoas divinas*, o que não é verdade, pois a própria Bíblia expressa uma aberta inferioridade e subordinação do Filho em relação ao Pai, e do Espírito Santo em relação ao Filho: o Filho é enviado à Terra pelo Pai e o Espírito Santo é enviado à Terra pelo Filho; ora, todo enviado é obviamente inferior ao que o enviou. Logo, as três pessoas da Trindade cristã não são iguais.
- 3) O terceiro erro é declarar que Jesus não é uma *pessoa humana*, mas uma *pessoa inteiramente divina*, quando sabemos que Jesus é uma pessoa histórica e humana, como qualquer outro ser humano que já habitou neste planeta.
- 4) O quarto erro é proclamar que Jesus é *literal e antropomorficamente* “Filho de Deus”, tendo sido “gerado” (e não “criado”) pelo Pai. Ora, afirmar que Deus “gerou” alguém é pura linguagem metafórica, mitológica e antropomórfica. Por conseguinte, Jesus é “Filho de Deus” (como todos nós também o somos), mas apenas em sentido figurado/metafórico.
- 5) O quinto erro, como nos esclarece o escritor José Reis Chaves, é afirmar que nós não podemos questionar esse dogma, porque ele é “um mistério de Deus”. “Na verdade, isso é mistério dos teólogos e não de Deus” (CHAVES, 2006, p. 133).
- 6) O sexto erro diz respeito à dogmatização da divindade do “Espírito Santo” da Santíssima Trindade, no fim do século IV, no Concílio de Constantinopla (ano 381), no qual Jesus e o Espírito Santo foram transformados, respectivamente, na segunda e terceira pessoas divinas da Trindade Cristã.
- 7) O sétimo erro é afirmar que Jesus foi *gerado* pelo Pai e que o Espírito Santo foi *gerado* do amor entre o Pai e o Filho. Essa história de Deus “gerar” *literalmente* um filho ou de o Espírito Santo ser *literalmente* “gerado” do amor mútuo entre o Pai e o Filho é pura linguagem mitológica e antropomórfica sobre Deus.
- 8) O oitavo erro refere-se à transformação da expressão bíblica “um espírito santo” (para designar a “alma” ou o “espírito” individual de alguém), por exemplo, “Nosso corpo é santuário de um espírito santo” (1Coríntios 6,19), na expressão “o Espírito Santo” da Trindade Cristã, o que resultou na seguinte tradução errada do presente versículo Paulino: “Nosso corpo é santuário do Espírito Santo”. Nesse versículo, Paulo empregou a expressão original “um espírito santo” (e não “o Espírito Santo”), para designar a alma ou o espírito individual (“santo”) que habita em nosso corpo.

Em suma, depois da proclamação do dogma da Santíssima Trindade (ano 381), quase todas as passagens bíblicas que continham a expressão “um espírito santo” (para designar a “alma” ou o “espírito” individual de alguém), foram transformadas no Espírito Santo da Santíssima Trindade.

- 9) O nono erro dos teólogos cristãos, para a formulação exata do dogma trinitário, foi o uso que fizeram da filosofia grega, com respeito à distinção entre os termos *ousía* (essência, natureza) e *hypóstasis* (pessoa), utilizando-se do seguinte tipo de “fé cega racionalizada”: “A *ousía* (a essência, a natureza, a Divindade) é única; as pessoas, porém, são três, sem esfacelar nem retalhar a natureza divina, como são três os ângulos de um triângulo sem esfacelar a superfície do triângulo” (DER, verbete **Trindade**).
- 10) O décimo erro dos teólogos cristãos, no primeiro Concílio Ecumênico do cristianismo, realizado em Niceia (Ásia Menor), no ano 325, diz respeito à redação de uma profissão de “fé cega racionalizada”, cujo texto “acentua a identidade de substância do Pai e do Filho para afirmar que **o Filho não foi criado** (quem cria tira do nada), **mas gerado** (quem gera se prolonga no filho gerado); o Filho é Deus de Deus, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro” (DER, verbete **Trindade**) (negrito meu). Essa teologia cristã emprega, erroneamente, os termos “Filho” e “gerar” no sentido real, literal, enquanto sabemos, pela interpretação do versículo bíblico “Tu és meu Filho, eu hoje te gerei” (Salmo 2,7), que nem o nome “Filho”, nem o verbo “gerar” devem ser tomados nesse contexto em sentido real, literal, mas em sentido espiritual, figurado, metafórico.

Em resumo, se Deus não é literalmente *pessoa* e Jesus não é igual ao Pai (nem é Deus), cai por terra o dogma (ou mito) da Trindade Cristã, segundo o qual em Deus há *três pessoas distintas*, mas ao mesmo tempo *iguais*. O Espírito Santo é, por conseguinte, à luz da “fé raciocinada”, pura ficção, criação mítica dos teólogos cristãos, naturalmente influenciados por várias religiões bem mais antigas do que o cristianismo (por exemplo, o hinduísmo), que também adoravam um Deus uno e trino. Assim, no hinduísmo, convém repetir, termos: “**Brama**” = Deus-Pai; “**Vishnu** ou **Krishna**” = Deus-Filho e “**Shiva**” = Deus-Espírito Santo.

30-SEGUNDO PAULO DE TARSO, A IGREJA CATÓLICA É A DONA DA VERDADE?

Sim. Em sua primeira carta a Timóteo, ele diz que **“a Igreja é a coluna e o fundamento da verdade”** (1Timóteo 3,15) (negrito meu). Por isso, a Igreja Católica considera-se a dona absoluta e exclusiva da verdade religiosa, defendendo a tese exclusivista e absurda da salvação somente pelo conhecimento da verdade católica:

Deus quer a salvação de todos pelo conhecimento da verdade. A salvação está na verdade. Os que obedecem à moção do Espírito de verdade já estão no caminho da salvação; mas a Igreja, a quem esta verdade foi confiada, deve ir ao encontro de seu anseio, levando-lhes a mesma verdade. (*Catecismo da Igreja Católica*, parágrafo 851) (negrito meu)

Que tese absurda! Jesus, no Sermão da Montanha, o cerne de sua doutrina autêntica, não ensina que é preciso aderir às verdades de determinada religião para “salvar-se”, ou seja, para alcançar o Reino de Deus.

Em oposição a essa crença exclusivista e errônea do cristianismo paulinista, refletimos sobre o seguinte pensamento pluralista de um dos maiores líderes religiosos do século XX, o hinduísta Mahatma Gandhi:

Se, porém, houver alguma suspeita em sua mente de que apenas uma religião pode ser a verdadeira e todas as outras são falsas, **você pode rejeitar a doutrina da fraternidade**. Então, estaremos alimentando um processo contínuo de exclusão e fundando a nossa fraternidade sobre alicerces de exclusivismos (apud ELSBERG, 1996, p. 128) (Negrito meu).

O exclusivismo religioso também conduz facilmente à intolerância e aos conflitos religiosos, como bem esclarece o famoso teólogo católico Leonardo Boff na seguinte citação:

Quem se sente portador de uma verdade absoluta não pode tolerar outra verdade, e seu destino é a intolerância. E a intolerância gera o desprezo do outro, e o desprezo, a agressividade, e a agressividade, a guerra contra o erro a ser combatido e exterminado. Irrompem conflitos religiosos com incontáveis vítimas (BOFF, 2002, p. 25).

Como afirma Frances Young, o exclusivismo religioso também gera facilmente atitudes de **arrogância**: “É arrogância espiritual a convicção de que só a nossa crença é verdadeira e todas as outras são falsas” (YOUNG, 1977, p. 39).

Semelhante pensamento é expresso por Waldemar Boff, ao afirmar que “é leviandade e arrogância afirmar que somente a minha lâmpada ilumina realmente a aldeia e que somente pelo seu caminho se chega ao oceano de Deus” (apud PEDREIRA, 1999, p. 123).

Em minhas obras ecumênicas, adoto o *slogan* pluralista **NÃO IMPORTA O CAMINHO!**, para expressar a **equivalência funcional (mas não doutrinal)** das religiões, ou seja, todas as religiões são **funcionalmente equivalentes**, isto é, todas são diferentes caminhos que conduzem ao mesmo destino. Logo, é um erro afirmar que existe um único caminho ideal para todos, isto é, uma única religião ideal para todos. Há diversos caminhos, cada um podendo ser considerado relativamente o melhor para (e por) aqueles que o escolheram, mas ninguém deve achar que o seu caminho, por ser considerado o melhor para si, é também o melhor para todas as outras pessoas do mundo, ou o único caminho verdadeiro para toda a humanidade.

É chegada a hora, portanto, de dar um basta a essa velha história de “religião exclusiva” e dizer, com Pablo Barrera, que “religião exclusiva é coisa do passado” (BARRERA, 2003, p. 438).

Nessa mesma linha de pensamento, tem muita razão o Espírito São Luís, ao dar a Allan Kardec a seguinte instrução: “Desconfiai dos que pretendem estar na posse da exclusiva e única verdade” (KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. 21, n. 8).

31-O PAULINISMO É HOJE CRITICADO POR MUITOS RENOMADOS TEÓLOGOS E ESTUDIOSOS DO CRISTIANISMO?

Sim.

O historiador eclesiástico Wilhelm Nestle, comentando a questão, diz que “o cristianismo foi a religião fundada por Paulo, que substituiu o Evangelho de Cristo por um Evangelho sobre Cristo”. Paulinismo, nesse sentido, significa desvirtuamento e mesmo falsificação dos verdadeiros ensinamentos de Jesus por Paulo. [...] Já no século 18, o filósofo inglês

Lord Bolingbroke (1678-1751) reconhecia, no Novo Testamento, duas religiões completamente diferentes: a de Cristo e a de Paulo. Kant, Lessing, Fichte e Schelling também faziam distinção entre os ensinamentos de Jesus e os de seus “discípulos”. Um grande número de renomados teólogos modernos aceitam e defendem essa tese (KERSTEN, p. 34-35).

32-A DOCTRINA DA REDENÇÃO DOS PECADOS ATRAVÉS DA CRUZ É DE AUTORIA DE JESUS OU DE PAULO?

De Paulo.

Esta doutrina tradicional é a de Paulo e não a de Jesus. Foi Paulo quem centralizou a atividade de Jesus em sua morte, mostrando que é através dela que o homem de fé se liberta de seus pecados, das misérias do mundo e do poder de satanás. Há muito tempo, os teólogos modernos e os estudiosos de história da Igreja vêm afirmando abertamente que o cristianismo da Igreja organizada, cuja questão central é a compreensão da salvação como fruto da morte e do sofrimento de Jesus, se apoiou em fundamentos incorretos. “Tudo o que há de bom no cristianismo provém de Jesus e tudo o que há de mau, de Paulo”, escreveu o teólogo Overbeck. **Associando a morte do Unigênito de Deus à redenção de nossos pecados, Paulo retrocedeu às primitivas religiões semíticas, em que os pais deviam imolar seus primogênitos.** Paulo também é o responsável pelos dogmas do pecado original e da trindade, posteriormente incorporados pela Igreja (KERSTEN, *ibid.*) (negrito meu).

33-O PAULINISMO É CONHECIDO COMO A RELIGIÃO DO MEDO?

Sim.

Em suas cartas, Paulo não escreveu uma única palavra sobre o ensinamento real de Jesus, nem menciona qualquer de suas parábolas; o que ele faz é apresentar sua própria filosofia e suas próprias ideias. Paulo tende a apresentar todas as pessoas como filhos da ira, isto é, como sujeitos à ira de Deus (ver Efésios 2,3). Tudo, sem exceção, está perdido (ex. Romanos 5,18; 1Coríntios 15,18), sem esperança e sem Deus (Efésios 2,12), pois satanás subjuga a todos sem exceção (ex. Romanos 3,9; Gálatas 3,22; Colossenses 2,14). A sentença de condenação paira sobre o povo como uma espada de Dâmocles (ex. Romanos 5,16). Assim Paulo transformou as “boas novas” em “novas terríveis”, dando a entender que “somente ele” podia mostrar o caminho da salvação. Claro que,

diante dessa postura, é muito difícil chegar a uma concepção natural da morte, pois **a morte passou a representar uma solução para os pecados**. Em nenhuma outra religião, além do cristianismo de Paulo, nos deparamos com este culto do medo. Com Paulo, os cristãos, dominados pelo medo, docilmente se curvam ao peso de ameaças. **A religião perdeu o conceito do Deus amoroso, toda bondade e todo perdão anunciado por Jesus, retrocedendo às crueldades do Deus vingativo do Antigo Testamento, ressuscitado nas palavras de Paulo** (KERSTEN, p. 238-239) (negrito meu).

34-SEGUNDO A DOCTRINA DE PAULO, O HOMEM PODE ALCANÇAR A SALVAÇÃO, OU MELHOR, A LIBERTAÇÃO ESPIRITUAL, POR SI MESMO?

De modo algum.

Paulo diz claramente que o homem não pode, por si mesmo, alcançar a salvação (cf. Romanos 3,24; 3,28; 9,11; 9,16; 1Coríntios 1,29; Gálatas 2,16), pois a salvação depende, única e exclusivamente, da graça de Deus (Efésios 2,8-9). Assim, a doutrina da salvação de Paulo torna-se um ato unilateral, diante da qual a humanidade se encontra de mãos atadas (cf. Romanos 3,24; 4,16; Efésios 2,5; 2,8-9; 2Timóteo 1,9; Tito 3,5-7). Esta mensagem de Paulo é pouco atraente, pois não traz conforto. Quem faz parte do rebanho está “automaticamente” salvo. Não há necessidade de um esforço individual para se atingir o principal objetivo da vida, pois todo cristão é salvo através da morte de Jesus, na cruz, no Gólgota. Em outras palavras, o cristão deve apenas “associar-se”, tornar-se um membro da “instituição”, pagar a “taxa de sócio” e eis que lhe está garantido um lugar eterno no paraíso. Esta doutrina, pela facilidade apresentada, conquistou muitos adeptos e se difundiu rapidamente. É, sem dúvida, muito prático acreditar que, através de um simples ato de conversão, um pecador é redimido, transformado em filho de Deus e em um novo ser. De acordo com essa doutrina, qualquer tentativa que o indivíduo faz isoladamente, em prol de sua própria salvação, representa uma afronta a Jesus, constituindo, pois, *pecado mortal*. Assim, por mais exemplar que tenha sido a vida de uma pessoa, se ela não acreditar nos ensinamentos de Paulo, de que sua salvação está diretamente ligada ao sacrifício do Gólgota, é condenada por essa mesma doutrina. A grande maioria dos cristãos acredita que a grandeza incomparável do cristianismo reside na verdade desses ensinamentos; porém, quando examinados mais de perto, revelam-se bem distantes da verdadeira doutrina en-

sinada por Jesus. Não encontramos nos Evangelhos o menor vestígio da assim chamada doutrina cristã da salvação; nem mesmo no Sermão da Montanha – a quintessência da mensagem de Jesus – ou no Pai-Nosso ou nas parábolas! Se fosse realmente tão importante, Jesus deixaria algum indício de que sua morte na cruz devia ser entendida como o meio de salvação da humanidade. Desconhecer esta postura de Jesus é ir contra sua ética vivencial. Jesus não teorizou sobre sua missão e sobre sua mensagem, a fim de servirem de substrato a curiosidades acadêmicas. Ele viveu a doutrina que pregou, uma doutrina de tolerância, amor ao próximo, doação e partilha, a capacidade de carregar nos próprios ombros o peso dos outros; em outras palavras, um amor e uma ação ilimitados para com o ser humano. Este o caminho de salvação que nos mostrou! (KERSTEN, *ibid.*).

35-O DEUS DE PAULO É IDÊNTICO AO DE JESUS?

Não. O ‘Deus’ de Paulo está bem distante do ‘Deus de Amor’ descrito por Jesus no Novo Testamento:

Sua concepção ainda é a de um Deus bíblico zangado, cuja ira se manifesta implacavelmente contra os ímpios e pecadores que não têm como escapar do seu severo juízo, tal como se lê na Epístola aos Romanos (MIRANDA, 1988, p. 31).

O ‘Deus’ de Paulo, literalmente interpretado, é semelhante ao ‘Deus’ Javé do Antigo Testamento: um ser superexclusivista, zangado, intolerante e vingativo, cuja ira se manifesta implacavelmente contra os ímpios e pecadores, que não têm como escapar do seu severo juízo final, tal como se lê na Epístola aos Romanos. Este não é, repito, o Deus de Amor, revelado por Jesus no Novo Testamento.

36-É VERDADE QUE O DEUS DE PAULO JÁ PREDESTINOUS OS QUE VÃO SER SALVOS E OS QUE VÃO SER CONDENADOS?

Sim. O “Deus” paulino também já predestinou os que vão ser salvos e os que vão ser condenados:

“Porque os que de antemão ele [Deus] conheceu, esses também predestinou a serem conformes a imagem de seu Filho... E os que predestinou, também os chamou; e os que chamou, também os justificou, e os que justificou, também os glorificou. [...] De modo que ele faz

misericórdia a quem quer e endurece a quem ele quer” (Romanos 8,29-30; 9,18).

Ora (pergunto eu), se Deus já predestinou os que irão ser salvos e os que irão ser condenados, como é que Ele envia seu Filho para morrer e salvar todos os que nele creem?

37-O JESUS DE PAULO É IDÊNTICO AO JESUS HISTÓRICO?

De modo algum. O ‘Jesus’ de Paulo é totalmente diferente do “Jesus histórico” (o “Jesus real”, **o Jesus que é só homem**). Paulo, de fato, não mostra interesse algum pelo “Jesus histórico”; seu maior interesse está em defender o “Cristo da fé” (o “Jesus celeste/mítico”, **o Jesus-Deus**). Como declara Günth Bornkamm, Paulo

não cuida de expor os ensinamentos do Jesus histórico, não fala de seus milagres, do Sermão da Montanha, das parábolas, dos seus encontros com os escribas e fariseus, nem do Pai-Nosso (apud MIRANDA, 1988, p. 31).

O Jesus de Paulo é também chamado de “Cristo cósmico”:

um salvador sobre-humano, destinado desde o princípio do mundo a desempenhar um papel cósmico. [...] O Cristo de Paulo não era Jesus de Nazaré (HARPUR, 2008, p. 180).

Segundo o Evangelho de João, o Cristo cósmico é o **Logos (Verbo)** que, no princípio, estava com Deus e pelo qual foram feitas todas as coisas. Para o apóstolo Paulo (cf. Colossenses 1, 15-20), o Cristo cósmico é o “primogênito de toda criatura”, tanto do mundo visível como do invisível, anterior aos homens e aos anjos, porque por ele e para ele foram feitas todas as coisas.

É por isso que muitos autores vêm fazendo, desde o século 18, uma justa distinção entre o “Jesus histórico” (**uma pessoa inteiramente humana**) e o “Cristo da fé”, o ‘Jesus’ de Paulo (= o “Jesus celeste/mítico/cósmico”, **uma pessoa inteiramente divina**).

O Jesus de Paulo, repito, não é o Jesus histórico, mas o mítico, um ser celestial, cósmico, literalmente divino, criado como o “primogênito” de toda a criação de Deus. Existia sob a “forma de Deus” e era “igual a Deus” (Filipenses 2,6).

38-O CREDO APOSTÓLICO REFERE-SE AO JESUS HISTÓRICO?

Antes de responder a esta pergunta, leiamos o **Credo Apostólico** (a profissão de fé mais antiga que sintetiza os principais dogmas ou mitos cristãos paulinistas):

CREDO APOSTÓLICO

CREIO EM DEUS PAI,
TODO-PODEROSO,
CRIADOR DO CÉU E DA TERRA,
E EM JESUS CRISTO,
SEU ÚNICO FILHO,
NOSSO SENHOR;
QUE FOI CONCEBIDO PELO PODER DO ESPÍRITO SANTO;
NASCEU DA VIRGEM MARIA;
PADECEU SOB PÔNCIO PILATOS;
FOI CRUCIFICADO,
MORTO E SEPULTADO;
DESCEU À MANSÃO DOS MORTOS;
RESSUSCITOU AO TERCEIRO DIA;
SUBIU AOS CÉUS;
ESTÁ SENTADO À DIREITA DE DEUS PAI,
TODO-PODEROSO,
DE ONDE HÁ DE VIR A JULGAR OS VIVOS E OS MORTOS.
CREIO NO ESPÍRITO SANTO, NA SANTA IGREJA CATÓLICA,
NA COMUNHÃO DOS SANTOS,
NA REMISSÃO DOS PECADOS,
NA RESSURREIÇÃO DA CARNE,
NA VIDA ETERNA.
AMÉM.

(Extraído de TABOR, 2006, p. 336)

Pela leitura desse **Credo Apostólico, derivado da visão paulina**, já podemos responder ao leitor deste livro que ele se refere quase todo ao “Cristo da fé” (também chamado de “Cristo confessional”, “Jesus canônico”, “Jesus celeste”, “Jesus mítico”, “uma pessoa totalmente divina”), e não ao “Jesus histórico” (o “Jesus real”, o “verdadeiro Jesus de Nazaré”, “uma pessoa inteiramente humana”).

Mais explicitamente, no dizer dos pesquisadores do Seminário de Jesus,

o personagem deste Credo é uma figura celeste ou mítica, cuja ligação com o sábio de Nazaré limita-se ao seu sofrimento e morte sob Pôncio Pilatos. Nada entre o seu nascimento e sua morte parece ser essencial à sua missão ou à fé da Igreja. Assim, os Evangelhos podem ser compreendidos como correções deste desequilíbrio de fé, **que foi indubitavelmente derivado da visão adotada pelo apóstolo Paulo, que não conheceu o Jesus histórico. Para Paulo, Cristo devia ser entendido como um Senhor, morto e ressuscitado, simbolizado no batismo (enterrado com ele, ressuscitado com ele), do tipo que ele conhecia das religiões de mistério do mundo greco-romano. No esquema teológico de Paulo, o Homem Jesus não exerceu nenhum papel essencial.** (FUNK, Robert W.; HOOVER, Roy W., and THE JESUS SEMINAR, 1993, p. 7.) (Negrito meu)

Na minha opinião (e na de outros autores), esse Credo Apostólico é uma prova incontestável da distinção, feita particularmente a partir do século 18, entre **o Jesus histórico e o mítico**, ou seja, entre o “Jesus da História” (**um personagem real, uma pessoa inteiramente humana**) e o “Cristo da fé” (**um personagem celeste, uma pessoa totalmente divina**).

Essa distinção entre **o Jesus histórico e o Cristo da fé** sempre foi (e continua sendo) a principal causa de conflitos e divisões entre os próprios cristãos e, mais ainda, entre cristãos e não cristãos.

Até quando os cristãos vão continuar com esses conflitos e divisões a respeito da **verdadeira identidade (ou natureza) de Jesus**? Só Deus sabe!

39-SEGUNDO PAULO, MORREMOS POR CAUSA DO PECADO DE ADÃO?

Sim. Paulo também defende a tese absurda de que morremos por causa do pecado de Adão: “Eis porque, como por meio de um só homem o pecado entrou no mundo e, pelo pecado, a morte, e assim a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram” (Romanos 5,12). “O salário do pecado é a morte...” (Romanos 6,23). Ora, Adão, como o primeiro homem deste planeta, nunca existiu, e a “morte”, ou melhor, o “desencarne”, é um fenômeno natural, que sempre existiu e existirá para todos aqueles que estiverem (re)encarnados na Terra.

40- PAULO CONDENA OS HOMOSSEXUAIS?

Sim. “Os efeminados não herdarão o Reino de Deus” (1Coríntios 6,10).

41- PAULO ACONSELHA AOS SOLTEIROS E ÀS VIÚVAS QUE NÃO SE CASEM?

Sim. “É bom ao homem não tocar em mulher” (1Coríntios 7,1). “Digo às pessoas solteiras e às viúvas que é bom ficarem como eu. Mas, se não podem guardar a continência, casem-se...” (1Coríntios 7,8-9). Talvez, essa passagem tenha influenciado o celibato eclesial e a ojeriza da Igreja Católica ao sexo.

42- PAULO CONDENA OS JUDEUS?

Sim. “Que a ira de Deus acabe por cair sobre eles” [os judeus] (1Tessalonicenses 2,16). O Jesus mítico, nas palavras do evangelista Mateus, também condena os judeus: “Mas eu vos digo que virão muitos do oriente e do ocidente e se assentarão à mesa no Reino dos Céus, com Abraão, Isaac e Jacó, enquanto os filhos do Reino [isto é, os judeus] serão postos para fora, nas trevas, onde haverá choro e ranger de dentes” (Mateus 8,11-12). O Jesus histórico, o Jesus pluralista, o Jesus do amor, jamais faria uma condenação como esta que lhe foi falsamente atribuída pelo evangelista Mateus e por Paulo de Tarso.

43- PAULO DISCRIMINA AS MULHERES?

Sim. “A cabeça das mulheres é o homem” (1Coríntios 11,3); “Como acontece em todas as igrejas dos santos, estejam caladas as mulheres nas assembleias, pois não lhes é permitido tomar a palavra. Devem ficar submissas, como diz também a Lei” (1Coríntios 14,34). “As mulheres estejam sujeitas aos seus maridos... Como a Igreja está sujeita a Cristo, estejam as mulheres em tudo sujeitas aos seus maridos” (Efésios, 5,22-24).

44- PAULO CONDENA QUEM NÃO AMA O SENHOR?

Sim. “Se alguém não ama o Senhor, seja anátema” (1Coríntios 16,22).

45-SEGUNDO A MORAL PAULINA, MUITA GENTE PODERÁ SALVAR-SE?

Não. Segundo a moral paulina, pouca gente poderá salvar-se, pois ele especifica “os que não herdarão o Reino de Deus: os que praticam a fornicação, impureza, libertinagem, idolatria, feitiçaria, ódio, rixas, ciúmes, ira, discussões, discórdia, divisões, invejas, bebedeiras, orgias e coisas semelhantes a estas... Os que praticam tais coisas, não herdarão o Reino de Deus” (Gálatas 5,19-21). Eu pergunto: Será que existe alguém neste planeta que não pratique nenhuma dessas ações? Por conseguinte, se essa moral paulina for verdadeira, pouquíssimas pessoas poderão salvar-se.

46-SEGUNDO PAULO, CRISTO MORREU POR NOSSOS PECADOS?

Sim. Segundo Paulo, “Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras. Foi sepultado, ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras” (1Coríntios 15,3-4). “Se Cristo não ressuscitou, vazia é a nossa pregação, vazia também é a vossa fé” (1Coríntios 15,14). Segundo o ponto de vista espiritualista que defendo, Cristo não morreu por nossos pecados. Aliás, Cristo nem “morreu” nem “ressuscitou” (*fisicamente*), porque ninguém “morre”. O ser humano, na sua essência – que é alma ou espírito – é imortal. O que “morre” (ou melhor, o que se transforma) é apenas o corpo físico. Segundo esse nosso ponto de vista, o dogma cristão da “ressurreição da carne” é fundamentado numa fé totalmente vazia e “cega”, pois contradiz a razão, a ciência, o bom senso e a “fé raciocinada”.

47-SEGUNDO PAULO, A IGREJA CATÓLICA É A “IGREJA DE DEUS”?

Sim. Nos Atos dos Apóstolos, Paulo faz uma clara referência à Igreja Católica como “**a Igreja de Deus, que ele adquiriu para si pelo sangue de seu próprio Filho**” (Atos dos Apóstolos, 20,28) (negrito meu). Na visão que defendo, há, pelo menos, três erros nessa teologia paulina: (1) Deus não fundou nenhuma religião ou igreja; (2) Jesus não é literalmente “Filho de Deus” nem “Deus encarnado” e (3) se Deus quisesse fundar uma religião ou igreja, Ele não precisaria do sangue derramado de ninguém, pois o verdadeiro Deus não é “masoquista”, ou seja, não tem prazer com o próprio sofrimento. Paulo

também afirma, como já foi dito, que “a Igreja [Católica] é a coluna e o fundamento da verdade” (1Timóteo 3,15).

48-POR QUE PAULO É CONSIDERADO O “PAI” DOS FUNDAMENTALISTAS CRISTÃOS?

Paulo de Tarso é considerado o “pai” dos fundamentalistas cristãos porque ele é superexclusivista: “Se alguém ensinar uma outra doutrina... é porque é cego, nada entende, é um doente à procura de controvérsias e discussões de palavras” (1Timóteo 16,3-4). Para Paulo, “não há outro Evangelho além do que ele atribui ao Cristo da fé (cf. Gálatas 1, 6-9) e nenhuma outra doutrina verdadeira além da que ele lhe atribui, sentenciando inclusive com “anátema” (ou seja, com excomunhão, maldição ou condenação) a quem aderir a outro Evangelho ou a outra verdade. Uma das suas preocupações constantes em quase todas as suas epístolas é defender a “sã doutrina” (ou seja, a doutrina cristã exclusivista e mítica que ele mesmo criou e atribuiu ao Cristo da fé) e refutar aqueles que a contradizem (os “falsos profetas”, na linguagem de Mateus 7,15; 24, 11-12, 24).

Na sua visão exclusivista, fundamentalista e mítica, não há, portanto, espaço algum para o debate ou diálogo em torno da suposta “sã doutrina” que ele atribui a Jesus – não obviamente a doutrina do “Jesus histórico”, resumida na lei do amor, mas a doutrina mítica do “Cristo da fé”, o Jesus exclusivista, único salvador da humanidade pelo seu sangue derramado na cruz. Para comprovar essa tese, vejamos mais passagens extraídas de suas cartas, ou melhor, de epístolas a ele atribuídas:

“Admiro-me que tão depressa abandoneis aquele que vos chamou pela graça de Cristo, e passeis a outro Evangelho. Não que haja outro, mas há alguns que vos estão perturbando e querendo corromper o Evangelho de Cristo. Entretanto, se alguém – ainda que nós mesmos ou um anjo do céu – vos anunciar um Evangelho diferente do que vos anunciamos, seja anátema.” (Gálatas 1, 6-9)

“Tomai cuidado para que ninguém vos escravize por vãs e enganosas especulações da “filosofia”, segundo a tradição dos homens, segundo os elementos do mundo, e não segundo Cristo.” (Colossenses 2, 8)

“... é preciso evitar as discussões de palavras: elas não servem para nada, a não ser para a perdição dos que as ouvem.” (2Timóteo 2, 14)

“Pois virá um tempo em que alguns não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, segundo os seus próprios desejos, como que sentindo comichão nos ouvidos, se rodearão de mestres. Desviarão os seus ouvidos da verdade, orientando-os para as fábulas.” (2Timóteo 4, 3-4)

“Seja, de tal modo fiel na exposição da palavra para que seja capaz de ensinar a sã doutrina como também de refutar os que a contradizem.” (Tito 1, 8-9)

“... não fiquem dando ouvidos a fábulas judaicas ou a mandamentos de homens desviados da verdade.” (Tito 1, 14)

“Evita controvérsias insensatas, genealogias, discussões e debates sobre a Lei, porque para nada adiantam, e são fúteis.” (Tito 3, 9)

“Sê tu mesmo um exemplo de conduta, íntegro e grave na exposição da verdade, exprimindo-te numa linguagem digna e irrepreensível, para que o adversário, nada tendo que dizer contra nós, fique envergonhado”. (Tito 2, 7-8)

“Pois Deus é um só, e um só também o Mediador entre Deus e os homens: esse homem, que é Cristo Jesus, que se entregou à morte para resgatar a todos.” (1Timóteo 2,6)

“Pela graça fostes salvos, por meio da fé, e isso não vem de vós, é dom de Deus: não vem das obras, para que ninguém se encha de orgulho.” (Efésios 2,8)

“Por conseguinte, **assim como pela falta de um só [Adão] resultou a condenação de todos os homens, do mesmo modo, da obra de justiça de um só [Cristo], resultou para todos os homens a justificação que traz a vida. De modo que, como pela desobediência de um só, todos se tornaram pecadores, assim, pela obediência de um só, todos se tornarão justos.**” (Romanos 5,18-19) (negrito meu)

“...justiça de Deus que opera pela fé em Jesus Cristo, em favor de todos os que creem – pois não há diferença, sendo que todos pecaram e todos estão privados da glória de Deus – e são justificados gratuitamente, por sua graça, em virtude da redenção realizada por Cristo Jesus: **Deus o expôs como instrumento de propiciação, por seu próprio sangue, mediante a fé.**” (Romanos 5,22-25) (negrito meu)

“Porquanto nós sustentamos que o homem é justificado pela fé, sem as obras da Lei.” (Romanos 3,28) (negrito meu)

“... sabendo, entretanto, que o homem não se justifica pelas obras da Lei mas, pela fé em Jesus Cristo, nós também cremos em Cristo Jesus para sermos justificados pela fé de Cristo e não pelas obras da Lei, porque pelas obras da Lei *ninguém será justificado.*” (Gálatas 2,16) (negrito meu)

De acordo, portanto, com essa doutrina cristã paulinista fundamentalista, nossa salvação depende inteiramente do sacrifício de Jesus no Gólgota, e quem não crê nessa doutrina está condenado. Infelizmente, a grande maioria dos cristãos ainda acredita nessa crença ingênua, mítica, repugnante e falsa, cópia ou plágio da literatura sagrada de outras tradições religiosas pagãs muito mais antigas do que o cristianismo, em total oposição à verdadeira doutrina de amor ao próximo, autenticamente ensinada pelo Jesus histórico. Não encontramos nos Evangelhos o menor vestígio dessa chamada doutrina cristã central da salvação pelo sangue de Cristo derramado na cruz.

49- MAS PAULO NÃO ENSINA, EM SUA PRIMEIRA CARTA AOS CORÍNTIOS, QUE O AMOR É MAIOR QUE A FÉ?

Sim. Em sua Primeira Epístola aos Coríntios (1Coríntios 13,13), Paulo afirma que o amor é maior que a fé, embora ele defenda, insistentemente, em seus escritos, que não é o amor que nos salva, mas sua doutrina mítica da fé em Cristo morto e ressuscitado. Por conseguinte, o cristianismo de Paulo (**paulinismo**), não me cansarei de repetir, muito pouco ou nada tem a ver com o de Jesus.

Jesus viveu a doutrina que pregou, uma doutrina de tolerância, amor ao próximo, doação e partilha, a capacidade de carregar nos próprios ombros o peso dos outros; em outras palavras, um amor e uma ação ilimitados para com o ser humano. Este o caminho de salvação que ele autenticamente nos mostrou (KERSTEN, p. 239).

O capítulo 13 da Primeira Carta aos Coríntios é, de fato, uma bela descrição do amor, um verdadeiro **hino ao amor eterno**: **“O amor jamais acabará”** (1Coríntios 13,8), e termina realmente afirmando, com muita razão, que **o amor é maior que a fé** (cf. 1Coríntios 13,13).

Mas se **o amor é eterno e é maior que a fé**, como, de fato, o é, por que Paulo, em suas cartas, defende muito mais a **salvação pela fé** do que a **salvação pelas obras de amor**? O que ele realmente defende constantemente em suas cartas, principalmente na Carta aos Romanos, é que **não são as obras da Lei (incluindo naturalmente a Lei de amor a Deus e ao próximo) que nos salvam, e sim a fé em Cristo morto e ressuscitado**. Para comprovar essa sua doutrina da salvação pela fé, e não pelas obras, leiamos vários versículos de sua **Carta aos Romanos (considerada por muitos como a SÍNTESE do cristianismo dogmático)**:

“Eu não me envergonho do Evangelho: ele é a força de Deus para a salvação de todo aquele que crê... **O justo viverá pela fé**” (Romanos 1,16-17). “...diante dele [de Deus] **ninguém será justificado pelas obras da Lei**, pois da Lei vem só o conhecimento do pecado” (Romanos 3,20). “Agora, porém, independentemente da Lei, se manifestou a justiça de Deus, ... justiça de Deus que opera pela fé em Jesus Cristo, em favor de todos os que creem... e são justificados gratuitamente, por sua graça, em virtude da redenção realizada em Cristo Jesus: **Deus o expôs como instrumento de propiciação, por seu próprio sangue, mediante a fé**” (Romanos 3,21-25). “**Porquanto nós sustentamos que o homem é justificado pela fé, sem as obras da Lei**. ...pois há um só Deus, que justifica os circuncisos pela fé e também os incircuncisos através da fé” (Romanos 3,28-31). “Para nós que acreditamos naquele que ressuscitou dos mortos Jesus, Nosso Senhor, o qual foi entregue pelas nossas faltas e ressuscitado para a nossa justificação” (Romanos 4,24-25). “Tendo sido, pois, justificados pela fé, estamos em paz com Deus por Nosso Senhor Jesus Cristo, por quem tivemos acesso, pela fé, a esta graça, na qual estamos firmes e nos gloriamos na esperança da glória de Deus” (Romanos 5,1-2). “**Porque, se confessares com tua boca que Jesus é Senhor e creres em teu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo**” (Romanos 10,9-10) (negrito meu).

Convém notar, entretanto, que Paulo contradiz essa sua doutrina da **salvação pela fé**, em algumas de suas cartas, ao defender a doutrina oposta da **salvação pelas obras**: Deus “retribuirá a cada um segundo suas obras” (Romanos 2,6). “Porquanto todos nós teremos de comparecer manifestamente perante o tribunal de Cristo, a fim de que cada um receba a retribuição do que tiver feito durante a sua vida no corpo, seja para o bem, seja para o mal” (1Coríntios

5,10). “O Senhor lhe retribuirá segundo as suas obras” (2Timóteo 4,14). “O que o homem semear, isso colherá” (Gálatas 6,7). Como entender essa aberta contradição nas cartas de Paulo? Martinho Lutero, fundador do protestantismo, optou por defender unicamente a doutrina paulina da salvação pela fé.

50-AFINAL DE CONTAS, A SALVAÇÃO VEM MESMO PELA FÉ, OU PELAS OBRAS DE AMOR?

Enquanto para Paulo (e para o cristianismo paulinista), a salvação vem pela fé, para o apóstolo Tiago (e para Jesus), a salvação vem pelas obras de amor. Paulo é, indiscutivelmente, o principal autor do cristianismo da salvação pela fé, nos livros do Novo Testamento (NT). A ele são atribuídos 13 dos 27 livros do NT. Além disso, os quatro Evangelhos canônicos (Mateus, Marcos, Lucas e João), bem como os Atos dos Apóstolos, são baseados na sua doutrina exclusivista e mítica da salvação pela fé, em contraposição à doutrina pluralista de Jesus (e de Tiago) da salvação pelas obras de caridade. **Todo o NT é fundamentado sobretudo nas cartas de Paulo, escritas nos anos 40 e 50 d.C. “Ele é a testemunha mais antiga entre todos os autores da Bíblia, o mais próximo de Jesus em tempo real. As suas antigas cartas são anteriores ao aparecimento de Marcos por no mínimo uma geração”** (HARPUR, p. 174-175) (negrito meu).

51-QUAL A INFLUÊNCIA DA DOCTRINA DE PAULO NOS LIVROS DO NOVO TESTAMENTO?

Sobre a indiscutível influência da doutrina de Paulo nos livros do Novo Testamento, reflitamos um pouco sobre o que escreve James D. Tabor:

A dificuldade com que nos defrontamos é a onipresente influência de Paulo nos cânones dos documentos do Novo Testamento. Diria mesmo que o próprio Novo Testamento é, fundamentalmente, um legado literário do apóstolo Paulo, citado como autor de 13 dos 27 “livros” do Novo Testamento. O livro dos Atos é, na quase totalidade, uma defesa de seu lugar central como o “décimo terceiro” apóstolo. O de Marcos foi escrito por volta de 70 d.C. após a morte de Paulo, e é um primeiro transmissor da mensagem pregada por Paulo, projetada retroativamente sobre

a vida de Jesus. Então, tanto Mateus quanto Lucas, que usaram Marcos como sua principal fonte narrativa, passaram adiante o núcleo da mensagem de Marcos [pregada antes por Paulo]. O Evangelho de João, pelo menos em teologia, também reflete a essência da concepção que Paulo tinha de Jesus: Cristo como divino e preexistente Filho de Deus, que assumiu a forma humana, morreu na cruz pelos pecados do mundo e ressuscitou para a glória celestial à direita de Deus, tornou-se a mensagem cristã. (TABOR, 2006, p. 287-288)

52-O QUE FOI PAULO? ELE FOI O APÓSTOLO DO AMOR?

Paulo, contrariamente ao seu hino do amor (descrito no capítulo 13 de 1Coríntios), bem como às demais passagens de suas cartas referentes à salvação pelas obras, não foi, contudo, o apóstolo do amor, mas da fé (da “fé cega”), conforme podemos comprovar em quase todas as suas cartas, como nos esclarecem muitos estudiosos de sua obra.

Nesse sentido, reflitamos um pouco sobre a resposta à pergunta **O QUE FOI PAULO?**, dada pelo famoso escritor racionalista, do século 19, Ernest Renan, no capítulo 22 (**Breve exame da obra de Paulo**), de seu livro: *Paulo: o 13º Apóstolo* (RENAN, 2004, p. 381-382):

O que foi Paulo? Não foi um santo. Não é a bondade o traço dominante de seu caráter. Foi altivo, áspero, volúvel; defendia-se, afirmava-se (como se diz hoje); disse palavras duras; acreditou ter absolutamente razão; é intransigente nas suas opiniões; encontra-se a cada passo envolvido em intrigas com várias pessoas. Não foi um sábio; pode mesmo dizer-se que ofendeu muito a ciência pelo seu desprezo paradoxal da razão, pelo seu elogio da loucura aparente, pela sua apoteose do absurdo transcendental. Nunca foi um poeta. Os seus escritos, obras da mais alta originalidade, não têm encanto; a forma é áspera e quase sempre despida de graça. Que foi ele então? [...]

Paulo foi um homem de ação, uma alma forte, avassaladora, entusiasmada, um conquistador, um missionário, um propagandista, tanto mais ardente quanto ter ele, até ali, desperdiçado o seu fanatismo num sentido oposto. [...]

Não é a *Epístola aos Romanos* o resumo do cristianismo, e sim o *Sermão da Montanha*. O verdadeiro cristianismo, que há de durar eternamente, vem dos Evangelhos, não das Epístolas de Paulo.

Os textos de Paulo foram um perigo e um obstáculo, a causa dos principais erros da teologia cristã; Paulo é o pai do sutil Agostinho, do árido Tomás de Aquino, do sombrio calvinista, do imperitante jansenista, da teologia irada que danifica e perverte. [...] O personagem histórico que mais semelhança apresenta com Paulo é Lutero. Em um ou em outro existe a mesma violência na linguagem, a mesma paixão, a mesma energia, a mesma nobre independência, o mesmo agarrar-se, frenético, a uma tese considerada como a verdade absoluta. (Negrito meu)

[...] Considero que na criação do cristianismo, a parte de Paulo deve ter sido muito inferior à de Jesus. Em minha opinião deve-se situar Paulo abaixo de Francisco de Assis e do autor da *Imitação*, que conheceram Jesus perfeitamente (RENAN, p. 381-382).

Em suma, reafirmo que Paulo não foi o apóstolo do amor, mas da fé (cega). Ele não foi também o fundador do verdadeiro cristianismo. Como afirma o ilustre escritor Ernest Renan, “**o verdadeiro cristianismo, que há de durar eternamente, vem dos Evangelhos, não das Epístolas de Paulo. Os textos de Paulo foram um perigo e um obstáculo, a causa dos principais erros da teologia cristã**” (RENAN, op. cit., p. 382) (negrito meu).

53-POR QUE PAULO ENDEUSOU E MITIFICOU JESUS?

Paulo endeusou e mitificou Jesus principalmente para satisfazer interesses romanos (uma vez que ele era cidadão romano) e também para igualar Jesus a outras divindades cultuadas por religiões mais antigas do que o cristianismo, sobretudo pelas chamadas religiões de mistério do Egito, da Índia, da Pérsia, da Grécia e de Roma. Mas a verdade mesmo é que Paulo endeusou e mitificou o Jesus histórico sobretudo para igualar Jesus às divindades cultuadas pelos romanos, como o deus Sol, o deus Mitra(s) e o deus César. Esse ponto de vista é muito bem expresso por diversos estudiosos do cristianismo, por exemplo, pelos renomados escritores Michael Baigent, Richard Leigh e Henry Lincoln, na obra *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, livro *best-seller* que já teve 17 edições na Inglaterra:

A nova religião [o cristianismo] era basicamente orientada para uma audiência romana. Assim, o papel de Roma na morte de Jesus foi, por

necessidade, suprimido, e a culpa transferida para os judeus. Mas esta não foi a única liberdade tomada em relação aos fatos, para torná-los mais assimiláveis no mundo romano. Pois o mundo romano estava acostumado a endear seus governantes, e César já havia sido oficialmente estabelecido como um deus. **Para competir, Jesus – a quem ninguém antes havia considerado divino – tinha que ser endeusado também. Ele o foi pelas mãos de Paulo** (BAIGENT, LEIGH & LINCOLN, 1993, p. 303) (negrito meu).

Não há a menor dúvida de que foi Paulo de Tarso mesmo quem endeusou e mitificou Jesus, ou seja, foi ele quem transformou o Jesus histórico no Jesus mítico e foi ele quem fundou o “cristianismo mítico dos cristãos” (hoje conhecido como catolicismo e protestantismo), chamado mais corretamente de **“paulinismo”**, enquanto o verdadeiro Jesus histórico simplesmente propôs o corretamente chamado “cristianismo de Jesus”, não uma nova religião (ou igreja) exclusivista, mas **uma comunidade de amor**, isto é, uma comunidade de pessoas que se comprometessem a pautar suas vidas pelo **código de moral (ou de ética) universal** que ele pregou e viveu, resumido na lei do **amor a Deus e ao próximo**.

Aprofundarei um pouco mais, a seguir, as razões que levaram Paulo de Tarso a mitificar Jesus, ou seja, a transformar o “Jesus histórico” (**o Jesus que é só homem**) no “Jesus mítico” (**o Jesus que é literalmente interpretado como Deus e homem**), nascido de um parto virginal, que veio salvar a humanidade através de sua morte e ressurreição.

Convém repetir que Paulo mitificou Jesus, particularmente através de seu endeusamento, para que Jesus fosse aceito, no mundo do Império Romano daquela época, não como um simples profeta mortal, mas como uma divindade. Nesse sentido, refletamos sobre o conteúdo da seguinte citação:

Antes de o cristianismo ser disseminado com sucesso – desde a Palestina até a Síria, Ásia Menor, Grécia, Egito, Roma e Europa Ocidental –, a nova religião tinha que ser adaptada para ser aceita pelos povos dessas regiões. E tinha que ser capaz de se firmar contra os credos já estabelecidos. Em suma, o novo deus [Jesus] tinha que ser comparável em poder, em majestade, em repertório de milagres, àqueles que ele deveria substituir. Para ganhar um terreno sólido no mundo romano de sua épo-

ca, Jesus teria que se tornar um deus no sentido mais completo do termo. Não um Messias no velho sentido do termo, não um rei-sacerdote, mas um deus encarnado – que, como seus oponentes sírio, fenício, egípcio e clássico, passou pelo submundo e pelo tormento do inferno e emergiu, rejuvenescido, com a primavera. Foi aí que a ideia de ressurreição assumiu tal importância, por uma razão óbvia: colocar Jesus no nível de Tamuz, Adônis, Átis, Osíris e todos os outros deuses que, morrendo e revivendo, povoaram o mundo e a consciência de seu tempo. Pela mesma razão, precisamente, foi promulgada a doutrina do nascimento virgem. E o festival da Páscoa – festival da morte e da ressurreição – foi elaborado para coincidir com os rituais da primavera de outros cultos e escolas de mistério contemporâneos (BAIGENT, LEIGH & LINCOLN, p. 303-304).

Resumindo, para endeusar e mitificar Jesus, Paulo de Tarso sofreu grande influência da cultura greco-romana, bem como de outras culturas pagãs mais antigas. Ele era um judeu detentor de cidadania romana, criado em um ambiente culturalmente grego, profundo conhecedor dos cultos pagãos das religiões de mistério do Egito, da Índia, da Grécia e de Roma, como bem esclarece Tom Harpur, em seu livro *O Cristo dos Pagãos* (HARPUR, 2008).

Conforme argumento em minhas obras ecumênicas, é bem verdade que o mito da “divinização” (ou “deificação” ou “endeusamento”) de Jesus foi sobretudo produto da cultura greco-romana, e não da cultura judaica, pois tal divinização, como elucidam os teólogos pluralistas, seria impossível no contexto do judaísmo monoteísta. Apenas o ambiente pagão sincretista (como o dos gregos e o dos romanos) pode explicar essa deificação de Jesus, uma vez que a ideia de um Deus encarnado era uma ofensa para o pensamento judaico, mas era uma ideia comum no pensamento greco-romano e em muitas outras culturas.

O cristianismo, ao ser apoiado pelo imperador Constantino, sofreu grande influência de outras tradições religiosas mais antigas, sobretudo do culto ao **Sol Invictus** (O SOL INVENCÍVEL), divindade adorada pelos romanos, e do culto a **Mitra**, divindade indo-irani-ana (também cultuada em Roma). Por isso, grande foi o sincretismo religioso que ocorreu entre o cristianismo e essas religiões pagãs, particularmente o **endeusamento de Jesus**, transformado em dogma

de fé, por Constantino, no ano 325 de nossa era, no 1º Concílio Ecumênico, realizado em Niceia, para que houvesse maior semelhança entre o cristianismo paulinista e as outras religiões que adoravam uma divindade.

54-O PAULINISMO É UMA DOCTRINA CRISTÃ ORIGINAL OU É CÓPIA DE OUTRAS CRENÇAS PAGÃS MAIS ANTIGAS?

Convém esclarecer que o paulinismo não é uma doutrina cristã original, criada por Paulo de Tarso, mas é cópia de outras crenças pagãs bem mais antigas do que o cristianismo, como veremos nas respostas das próximas oito perguntas.

55-EXISTEM MUITAS SEMELHANÇAS ENTRE O “CRISTO DA FÉ” E O “DEUS OSÍRIS” DO EGITO ANTIGO?

Sim. O escritor Richard Russell Cassaro mostra, por exemplo, que há profundas semelhanças entre Cristo (o “Cristo da fé”, a divindade cristã) e **Osíris**, a divindade egípcia mais importante de todas e **a primeira de que se tem registro como tendo sido ressuscitada dos mortos**, o que comprova claramente que o **paulinismo não é uma doutrina cristã original, mas é cópia de outras crenças pagãs bem mais antigas, particularmente do Egito antigo.**

Conforme esclarece Richard Russell Cassaro, **Osíris** era o personagem central da antiga religião egípcia e os principais fundamentos do seu culto eram (do mesmo modo como no culto paulinista ao “Cristo da fé”) a crença na sua **divindade, morte e ressurreição.**

Caixões representando a imagem de Osíris também exibem um cajado de pastor na mão esquerda, um símbolo inconfundivelmente cristão – Jesus atribuiu a si mesmo o papel de Bom Pastor do rebanho humano e imagens de Cristo mostram-no segurando o cajado de pastor. Objetos de arte egípcios incluem o cajado de pastor nas mãos de Osíris. (Richard Russell Cassaro. *O Paralelismo com Osíris*. In: KENYON, J. Douglas (org.). *O que a Bíblia não nos contou: a história secreta sobre as heresias da religião ocidental*. São Paulo: Pensamento, 2008, p. 30.)

56- É VERDADE QUE A CRUZ ERA UM SÍMBOLO IGUALMENTE USADO NA RELIGIÃO EGÍPCIA ANTIGA?

Sim. Segundo Richard Russell Cassaro, outro símbolo igualmente usado tanto na religião egípcia antiga como no cristianismo paulinista é a cruz:

Os estudiosos dos símbolos veem na cruz egípcia o esboço de um homem crucificado: o círculo superior representa a cabeça; a linha horizontal, os braços; e a linha vertical as pernas pregadas juntas à cruz (id., *ibid.*, p. 31).

57- É VERDADE QUE TANTO CRISTO QUANTO OSÍRIS SÃO JUÍZES DAS ALMAS DOS MORTOS, DEPOIS DA RESSURREIÇÃO?

Sim. Outra importante semelhança entre Cristo e Osíris diz respeito às representações de ambos como **juízes das almas dos mortos, depois da ressurreição**:

Depois da ressurreição, Osíris torna-se o juiz das almas dos mortos, com o poder de conceder a vida no céu para aqueles que se comportaram honradamente na Terra. Wallis Budge explica: “Tão antiga quanto a civilização dinástica no Egito era a crença em que Osíris seria o juiz imparcial das ações e palavras humanas, recompensando os íntegros e castigando os maus, e governando um céu em que só ingressavam os seres sem pecado, e que ele tinha o poder de fazer essas coisas porque vivera na Terra, e sofrera a morte, tendo ressuscitado dos mortos”.

De maneira semelhante, o Dia do Juízo é uma doutrina fundamental da religião cristã. As almas dos mortos devem se postar diante do tribunal de Cristo para ser julgadas. Aqueles que seguiram os seus ensinamentos durante a vida serão julgados íntegros e admitidos ao céu. Em II Coríntios 5:10, as escrituras declaram: “Porque importa que todos nós compareçamos perante o *tribunal* [grifo meu] de Cristo, para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo”.

As representações de Cristo e Osíris como juízes são notavelmente semelhantes. O quadro de Michelangelo, *O Juízo Final*, tem muitas características em comum com o Dia do Juízo gravado em papiros egípcios e esculpido nas paredes dos túmulos. [...] Como juiz, Osíris era retratado na posição sentada, uma postura que é semelhante à caracterização do tribunal de Cristo nas escrituras cristãs.

O que fazer com essas semelhanças notáveis? Os estudiosos cristãos simplesmente tomaram emprestadas as imagens e os símbolos de Osíris da religião egípcia? Ou essas evidências revelam um fenômeno profundo e até agora não admitido que teria influenciado o sentido da civilização humana? Ao revelar as semelhanças comuns entre as religiões egípcia e cristã, na realidade estaríamos redescobrimos os planos sagrados de uma tradição messiânica antiga que apressou o desenvolvimento cultural e espiritual humano desde o princípio da história? (Id., *ibid.*, p. 31-32.)

58-EXISTEM TAMBÉM MUITAS SEMELHANÇAS ENTRE O “CRISTO DA FÉ” E O “DEUS HÓRUS” DO EGITO ANTIGO?

Com certeza. Como o Cristo da fé, também Hórus era visto como Deus encarnado, o Filho de Deus, o Salvador do mundo, nascido de um parto virginal e filho de uma mãe divina. Como o Cristo da fé, também Hórus era “o Senhor da Luz” [...], “o Caminho, a Verdade e a Vida” (HARPUR, p. 88 e 93). No dizer desse mesmo autor,

a história de Jesus não é original como nos parece nos Evangelhos do Novo Testamento. Gerald Massey isolou 180 exemplos de semelhança muito próxima ou identidade real entre Hórus, o Cristo do velho Egito, e o Jesus do Evangelho. [...] O Egito foi verdadeiramente o berço da figura do Jesus dos Evangelhos. Ali já existia a história de como o filho divino “deixou as cortes celestiais”, conforme Massey descreve, e desceu à terra como o bebê Hórus. Nascido de uma virgem (por meio de quem ele “se fez carne”, ou entrou na matéria), ele depois se torna um substituto da humanidade, desceu ao Hades como o ressuscitador dos mortos, capaz de perdoá-los e redimi-los, “os primeiros frutos”, e líder da ressurreição para a vida futura. [...] Depois que ocorreu a historicização e a literalização do personagem central no mito de Jesus, e que começaram como uma série de dramatizações baseadas em um redentor simbólico ou mítico fortemente cristalizadas nos quatro Evangelhos como histórias **reais** de um deus disfarçado, as acusações dos inimigos pagãos e dos críticos do cristianismo se fizeram ouvir. Vocês roubaram todas as nossas crenças e os nossos ritos, clamaram eles, e ao transformá-los em eventos concretos, históricos, os reivindicaram como seus. O que vocês escreveram nos seus Evangelhos já estava tudo escrito antes pelos sábios e semideuses a que reverenciamos. Na minha opinião, esse veredicto dos chamados pagãos é hoje inatacável. Quando se lê, por exemplo, sobre o personagem salvador de Hórus fazendo explicita-

mente afirmações do tipo “Eu sou”, que os cristãos conservadores ensinam enfaticamente como pertinentes integral e exclusivamente a Jesus – em especial no Evangelho de João –, percebe-se o que aqueles críticos pagãos estavam dizendo. Pense no seguinte: Hórus (O Ritual: O Livro dos Mortos egípcio, c. 78) diz: “Eu sou Hórus em glória”; “Eu sou o Senhor da Luz”; “Eu sou o vitorioso (...) Eu sou o herdeiro do tempo eterno”; “Eu, eu mesmo, sou aquele que conhece os caminhos para o céu”. Essas frases todas fortemente remanescentes (ou melhor, talvez se devesse dizer proféticas) das palavras de Jesus: “Eu sou a luz do mundo”, e novamente, “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”. [...] A “vida” de Jesus nos Evangelhos já estava escrita, em essência, pelo menos 5 mil anos antes da vinda dele. Um Jesus egípcio ressuscitou dos mortos um Lázaro egípcio em uma Betânia egípcia, na presença de uma Maria e uma Marta egípcias, nas inscrições daquela terra antiga pelo menos 5 mil anos antes da era cristã. (HARPUR, p. 86-89) .

59- EXISTEM FORTES SEMELHANÇAS ENTRE O “CRISTO DA FÉ” E O “DEUS MITRA” DA PÉRSIA?

Sim. Como o “Cristo da fé”, o deus Mitra (ou Mitras) também é o “Salvador” da humanidade e também é “logos”, ou seja, “emanado de Deus”, “palavra de Deus”, “verbo de Deus”. Como o Jesus mítico, Mitra também nasce milagrosamente de um parto virginal, nasce (como Cristo) no dia 25 de dezembro e, ao nascer, os pastores vieram adorá-lo. Mitra é o porto e a âncora da salvação e, terminada sua missão terrestre, morre, ressuscita e volta ao Céu, permanecendo lá como Protetor Soberano. Os seus adoradores devem servi-lo com absoluta pureza, recebendo **sete sacramentos**, entre os quais figuram o **batismo**, a **confirmação** e a **comunhão: pão e vinho consagrados** por fórmulas rituais. **Depois da morte, os fiéis devem comparecer diante de Mitra e, se tiverem sido bons, gozarão a eterna felicidade e, se tiverem sido maus, irão para o inferno eterno. No fim do mundo, virá Mitra para o Juízo Final. Linha por linha, encontramos aqui o cristianismo do Jesus mítico (não, porém, o cristianismo do Jesus histórico).** O culto a Mitra chegou a Roma com uma força tão grande, nos primeiros três séculos depois de Cristo, de tal modo que, se não tivesse ocorrido a vitória de Constantino, o mundo, no dizer de Renan, “teria se tornado mitriano, em vez de cristão” (apud GRIESE, p. 117) (negrito meu).

60-EXISTEM MUITAS SEMELHANÇAS ENTRE KRISHNA E CRISTO?

Com certeza. Apresento a seguir muitas semelhanças entre Krishna (deus hindu) e Cristo (deus cristão), quase todas extraídas da obra *Krishna*, de Édouard Schuré (SCHURÉ, 1986):

1. Krishna, como Cristo, também era filho de Deus.
2. Krishna, como Cristo, também era Deus encarnado.
3. Krishna, como Cristo, também era a Segunda Pessoa da Trindade.
4. Krishna, como Cristo, também era considerado o único Salvador do mundo.
5. Krishna, como Cristo, também era o Verbo Criador.
6. Krishna, como Cristo, também nasceu miraculosamente (de um parto virginal).
7. Krishna, como Cristo, também era filho de Deus com uma mulher da Terra.
8. A mãe de Krishna, como a mãe de Cristo, foi fecundada por uma divindade, e não por um homem da Terra.
9. A mãe de Krishna, como a mãe de Cristo, foi concebida sem pecado.
10. Krishna, como Cristo, também se transfigurou.
11. Krishna, como Cristo, também era considerado o Messias.
12. Krishna, como Cristo, também era a Palavra de Deus.
13. Krishna, como Cristo, também fazia muitas curas e milagres.
14. Krishna, como Cristo, também declarava ser **O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA**: “**Eu sou o caminho [...]; eu sou a vida [...]; sou eu mesmo a luz da Verdade [...]**” (ROHDEN, *Bhagavad Gita*, p. 92, n. 18-19; p. 101, n. 11) (negrito meu).
15. Cinco mil anos antes de Cristo ensinar que o conhecimento da verdade liberta o homem, “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (João 8, 32), no *Bhagavad Gita* dos hindus – correspondente ao Evangelho dos cristãos – Krishna já ensinava que, “se alguém se apoderar da Verdade, entrará na mansão da suprema beatitude e repousará na paz da divindade. [...] Quem se integra no Ser Supremo e nele repousa está livre da incerteza e trilha caminho luminoso, do qual não há retorno, porque **a luz da verdade o libertou do mal**” (apud ROHDEN, *Bhagavad Gita*, p. 57, 62) (negrito meu).

16. A mesma verdade religiosa supostamente expressa por Cristo no Apocalipse cristão, “Eu sou o princípio e o fim, o Alfa e o Ômega (cf. Apocalipse 1,8), já havia sido expressa por Krishna no *Bhagavad Gita*: “Eu sou o princípio dos mundos e sou o seu fim” (ROHDEN, *ibid.*, p. 78).
17. Cinco mil anos antes de Cristo ensinar a chamada “regra de ouro”: “Tudo aquilo, portanto que quereis que os homens vos façam, fazei-o vós a eles...” (Mateus 7, 12), Krishna já ensinava essa mesma “regra de ouro”, nos seguintes termos: “Não faças aos outros aquilo que, se a ti fosse feito, causar-te-ia dor” (apud RAMATÍS, 1996, p. 9).
18. Existem semelhanças incontestáveis entre as narrativas evangélicas sobre o suposto nascimento miraculoso de Cristo pela Virgem Maria e as antigas lendas indianas sobre o nascimento extraordinário de Krishna pela Virgem Devanaki, a saudação à Virgem Devanaki por um eremita e a saudação à Virgem Maria por Isabel, o nome de Krishna e o de Cristo etc. Vejamos, por exemplo, o seguinte texto da literatura védica, comparável a algumas passagens do Evangelho de Lucas (cf. Lucas 1, 26-35):
Vishnu, de acordo com as mais antigas fontes, apareceu sob a forma de homem em 4.000 a.C. à virgem Devanaki (= mulher criada para Deus) que pertencia à casa real. Devanaki caiu em êxtase, ofuscada pelo espírito de Deus, que se uniu a ela em divino e majestoso esplendor. Devanaki concebeu uma criança. Uma profecia no Atharva-Veda narra o acontecimento da seguinte forma: “Bendita és tu, Devanaki, entre todas as mulheres, e bem-vinda sejas entre os sagrados Rishis. Foste escolhida para a obra da salvação [...]. Ele virá com uma coroa de luz e o céu e a terra se encherão de júbilo [...]. Virgem e mãe, nós te saudamos, como a mãe de todos nós, pois darás à luz ao nosso salvador, a quem darás o nome de Krishna” (KERSTEN, 1986, p. 136-137).
19. Krishna, semelhante a Cristo, também foi assassinado por soldados e morreu trespassado por uma seta.
20. Após a morte de Krishna, como após a morte de Cristo, o sol sumiu, um grande vento surgiu de repente e uma tempestade de neve tombou no Himávat sobre a terra. O céu escureceu, um turbilhão negro varreu as montanhas.
21. Krishna, como Cristo, também apareceu ressuscitado aos seus discípulos.

22. Krishna, como Cristo, também subiu aos céus.
23. Krishna, como Cristo, também selou a sua obra com o sacrifício de sua vida.
24. O nome “Krishna” tem a mesma raiz que “Cristo”, palavra derivada do grego *chrestos* que significa “ungido com óleo”. A palavra Cristo remonta ao sânscrito Krsna (Krishna quer dizer “o que tudo atrai”). Este ser, capaz de tudo atrair, é a mais alta personificação de Deus (cf. KERSTEN, p. 137).
25. O Krishna histórico, como o Cristo (ou Jesus) histórico, pregava, acima de tudo, a caridade para com o próximo.
26. O Krishna histórico, como o Cristo (ou Jesus) histórico, também ensinava um código de moral (ou de ética) universal, resumido na lei do amor: a bondade, a retidão, o amor ao próximo (até mesmo ao inimigo), a retribuição do mal com o bem, o desapego, a caridade, a humildade, a esperança, o perdão, a renúncia das riquezas, a união com Deus etc. (cf. SCHURÉ, 1986, p. 54-58).

Essa comparação entre Krishna e Cristo comprova claramente que o Cristo mítico foi também criado com base na figura igualmente mítica de Krishna, o deus Salvador do hinduísmo. Mas vale ressaltar também que os ensinamentos ético-morais do Krishna histórico são idênticos aos do Cristo (ou Jesus) histórico, o que realmente importa para a evolução espiritual da humanidade.

61-EXISTEM MUITAS SEMELHANÇAS ENTRE BUDA E JESUS?

Sim. Do mesmo modo como existem muitas semelhanças, como vimos, entre Osíris e Cristo, Hórus e Jesus, Mitra e Cristo, Krishna e Cristo, do mesmo modo há muitas semelhanças entre Buda e Jesus, embora essas semelhanças sejam normalmente negadas pelos cristãos paulinistas, os quais ainda acreditam no **mito exclusivista da unicidade cristã**, segundo o qual o cristianismo é uma religião, “exclusiva”, “excepcional” e “única”.

A palavra “Buda” é um título que significa “o Desperto” ou “o Iluminado”:

Esse título passou a definir a condição de Sidarta Gautama e ficou ligado ao seu nome, da mesma maneira como o título de “Cristo” (“Salvador”) associou-se ao nome de Jesus (PAULA, 2002, p. 40).

É preciso esclarecer que, do mesmo modo como precisamos distinguir o Jesus histórico do Jesus mítico, é preciso também distinguir o Buda histórico do Buda mítico, com a consequente distinção entre duas modalidades antagônicas de budismo: o das origens e o mítico.

62- QUE OUTRAS COMPARAÇÕES SÃO FEITAS ENTRE BUDA E JESUS?

Apresentarei, a seguir, mais evidências acerca da indiscutível semelhança entre Buda e Jesus, esses dois personagens que marcaram profundamente a história religiosa da humanidade. Os dados foram quase todos extraídos e adaptados do livro *Jesus Viveu na Índia: a desconhecida história de Cristo antes e depois da Crucificação*, de autoria do teólogo alemão Holger Kersten. De acordo com esse autor, “encontramos [nos Evangelhos] mais de ‘cem passagens’ claramente enraizadas na antiga tradição budista” (KERSTEN, 1986, p. 83). O teólogo e ex-padre católico Franz GRIESE informa-nos que, pelos menos 4 textos do Novo Testamento são cópias do budismo: Simeão no Templo, a tentação do diabo, o milagre da multiplicação de pães e a caminhada de Pedro sobre o mar (GRIESE, 1957, p. 115). Agora vejamos, resumidamente, a comparação entre Buda e Jesus feita pelo famoso teólogo Holger Kersten (cf. KERSTEN, 1986, p. 85-93):

1. Como o Cristo bíblico, Buda nasceu de maneira miraculosa. Foi anunciado por anjos como o salvador.
2. Existe, também, um Simeão budista, que profetizou o nascimento de Buda, de forma semelhante àquela com que o velho e santo Simeão profetizou a vinda do Messias.
3. Mais ou menos com a idade de 30 anos, isto é, com a mesma idade de Jesus, Buda inicia sua carreira espiritual.
4. Durante um jejum e penitência, Buda é tentado pelo mal da mesma forma como Jesus o foi pelo diabo, após 40 dias e 40 noites de abstinência.
5. Como Jesus, Buda perambula com seus discípulos, na mais completa pobreza, expressando-se através de máximas, imagens e parábolas.
6. Como o Cristo bíblico, também Buda tem doze discípulos.

7. Os primeiros seguidores de Buda são também dois irmãos, exatamente como aconteceu com Jesus.
8. Os primeiros seguidores de Buda estão sentados sob uma figueira (um símbolo do Budismo) quando são chamados. Jesus também encontra um de seus primeiros apóstolos sob uma figueira.
9. Como Jesus, Buda também tem um discípulo favorito e um traidor.
10. Do mesmo modo como Jesus critica os fariseus, Buda critica os brâmanes.
11. A grande afinidade existente entre os ensinamentos éticos de Buda e de Jesus é bem conhecida: Ambos proíbem matar, roubar, mentir e ter relações sexuais ilícitas. Ambos mandam respeitar os mais velhos. Ambos louvam a paz interior. Ambos querem pagar o mal com o bem, e recomendam amar os inimigos, não acumular riquezas supérfluas, e optar pela misericórdia em vez do sacrifício.
12. Buda e Jesus apresentam-se como “Filho do Homem”.
13. Buda e Jesus eram chamados de “Profeta”, “Mestre” e “Senhor”.
14. As denominações de Buda, “Olho do Mundo” e “Luz Inigualável”, correspondem àquelas de Jesus: “Luz do Mundo” e “Luz Verdadeira”.
15. O conhecimento que Buda tinha de si mesmo e de sua missão é muito próximo àquele de Cristo.
16. Assim diz Buda: “Aqueles que acreditam em mim e me amam serão certamente recebidos no paraíso. Aqueles que acreditam em mim serão salvos”. No Evangelho de João, as palavras são incrivelmente similares: “Quem ouve minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna...” (João 5, 24). E mais: “Quem crê em mim, viverá” (João 11,25).
17. Buda [como Jesus] diz a seus discípulos: “Quem tiver ouvidos para ouvir, que ouça”. Por sua intercessão acontecem milagres, os doentes são curados, os cegos voltam a ver, os surdos ouvem, os aleijados começam a andar.
18. Buda cruza o rio Ganges, como Jesus cruzou o lago de Genezaré.
19. Se os discípulos de Jesus fazem milagres, o mesmo aconteceu com os discípulos de Buda.
20. Antes de São Pedro, também um discípulo de Buda andou sobre as águas; nesse episódio Pedro afunda quando sua fé começa a ser abalada e o mesmo acontece com o discípulo de Buda ao despertar de uma profunda meditação sobre seu Mestre. São Pedro foi salvo pelo Senhor; o discípulo de Buda, pela renovação

de sua confiança no Mestre. É claro que o Novo Testamento importou esses particulares de fora, uma vez que o fenômeno de caminhar sobre as águas era totalmente estranho aos judeus, ao passo que era muito comum na Índia.

21. Buda, como Jesus, nunca realizou milagres para provocar sensacionalismo. Porém, mais tarde, no budismo Mahayana (o budismo mítico, como no cristianismo mítico e no islamismo), o milagre passou a ocupar um lugar de relevo. Em todas as religiões, as massas estão mais inclinadas à magia, aos milagres e garantias materiais que à essência espiritual, ao *ethos*.
22. Um dos mais surpreendentes paralelos entre as escrituras budistas e o Novo Testamento é **a parábola da viúva pobre** (cf. Marcos 12, 41-44). Essa parábola foi copiada da literatura budista.
23. As analogias entre o budismo e o cristianismo continuaram depois da morte de Buda e de Jesus. Mitos e lendas idealizaram estes personagens. Buda e Jesus foram endeusados e colocados acima de todos os deuses. Surgiu uma busca, sem limites, de milagres. Em ambos os credos, a princípio não existe uma igreja organizada mas apenas uma comunidade de simpatizantes. Logo nasceu uma disputa doutrinal entre os conservadores extremistas e adeptos progressistas. Em ambos os casos, reuniu-se um concílio de discípulos, um em Jerusalém e outro em Rajagriha.
24. E, assim como os budistas ortodoxos estabeleceram seus dogmas no Concílio de Pataliputra (241 a.C.), cerca de 250 anos após a morte de Buda, os ortodoxos cristãos determinaram os seus no Concílio de Niceia (325), 300 anos após o desaparecimento de Jesus.

Pelas inegáveis semelhanças entre Osíris e Cristo, Buda e Jesus, Hórus e Cristo, Mitra e Jesus, Krishna e Cristo, podemos concluir a resposta da presente pergunta reafirmando que o cristianismo dogmático e mítico dos cristãos (**paulinismo**) é, de fato, uma religião altamente sincretista, uma vez que é o resultado da fusão de diversas crenças e mitos. Essa verdade histórica deveria diminuir (ou mesmo eliminar) as pretensões exclusivistas e

espiritualmente arrogantes da grande maioria dos cristãos em torno do **mito da unicidade cristã**.

63-O QUE COMPROVAM AS INEGÁVEIS SEMELHANÇAS ENTRE CRISTO E VÁRIAS OUTRAS DIVINDADES?

As evidências da grande semelhança entre Cristo e várias outras divindades, como Osíris, Hórus, Krishna, Buda, Mitra e outras, comprovam, repito, que **o cristianismo paulinista não é uma religião exclusiva, excepcional e única, mas uma religião ao lado de muitas outras, com as mesmas crenças, os mesmos ritos e os mesmos mitos**. Como nos esclarece o escritor e ex-pastor anglicano Tom Harpur,

muito tempo antes do advento de Jesus Cristo, os egípcios e outros povos acreditavam na vinda de um messias, numa virgem santa com o seu filho, na concepção por uma virgem e na encarnação do Espírito na carne. A Igreja cristã primitiva adotou essas verdades antigas como os próprios dogmas da religião cristã, mas repudiou as suas origens. O que começou como um sistema de crenças universal, baseado em mitos e alegorias, acabou se transformando numa instituição ritualista, encabeçada por literalistas ultraconservadores. (HARPUR, 2007, quarta capa.)
(negrito meu)

64-PODE-SE CONCLUIR, ENTÃO, QUE O PAULINISMO É UMA RELIGIÃO ESSENCIALMENTE PAGÃ?

Com certeza. Pelas evidências mostradas em minhas obras ecumênicas, pode-se concluir, à luz da “fé raciocinada”, que **o cristianismo paulinista, exclusivista e mítico, não difere essencialmente do paganismo**. Como já dizia o escritor anticatólico Celso (séc. II), “a religião cristã nada contém exceto o que os cristãos têm em comum com os pagãos; nada novo” (apud HARPUR, op. cit., p. 43) (negrito meu).

Os estudos comparativos das religiões revelam que quase todas as crenças tradicionais do mundo repousam em uma história central do filho de um rei celestial que desce para um mundo de trevas inferior, sofrendo, morrendo e ressuscitando, antes de voltar ao seu mundo superior de

origem. Representada em um ritual dramático tocante, multifacetado, a história nos diz como esse rei/deus conquista a vitória sobre seus inimigos, tem um cortejo triunfante e é entronizado nas alturas. Os pesquisadores dedicados ao estudo comparativo das religiões fizeram listas de trinta a cinquenta desses avatares ou salvadores, incluindo Osíris, Hórus, Krishna, Baco, Orfeu, Hermes, Balder, Adônis, Hércules, Átis, Mitra, Tamuz da Síria, Tor (filho de Odin), Bedru do Japão, Deva Tat do Sião, e muitos outros (HARPUR, p. 50-51) (negrito meu).

Duas das divindades mais populares da Grécia antiga, cuja história, seus ritos e suas festas antecipam efetivamente, sob muitos aspectos, a religião cristã, são precisamente “Deméter” (a “mãe” de Deus) e “Dioniso” (o “filho” de Deus). Aliás, o termo “Dioniso” (da língua trácio-frígia – “**dioniso**”) significa etimologicamente “filho de deus” – “**dio-niso**” (cf. DONINI, p. 145, nota 26). A história de Dioniso, o deus libertador, o “filho de deus”, é muito semelhante à história do “Cristo da fé”, o Filho de Deus e o libertador (salvador) da humanidade, conforme o cristianismo paulinista.

Em suma, o cristianismo dogmático e mítico (**paulinismo**) é todo de origem pagã, uma vez que é cópia, repetição ou plágio de temas ou ideias estabelecidas ao longo de muitos séculos ou milênios antes de Cristo, como comprova o escritor Tom Harpur (ex-pastor anglicano), em sua obra *O Cristo dos Pagãos: a sabedoria antiga e o significado espiritual da Bíblia e da história de Jesus* (HARPUR, 2008).

Embora eu discorde desse autor, por ele rejeitar o “Jesus histórico” (como visto pelos pesquisadores do Seminário de Jesus), concordo com as inúmeras evidências apresentadas por ele em seu referido livro referentes à origem pagã do cristianismo dogmático e mítico fundado por Paulo de Tarso (**paulinismo**).

Tom Harpur esclarece, como já vimos, mas convém repetir, que, como o Cristo da fé, também Hórus (do Egito) era visto como Deus encarnado, o Filho de Deus, o Salvador do mundo, nascido de um parto virginal e filho de uma mãe divina. Como o Cristo mítico, também Hórus era “o Senhor da Luz” [...], “o Caminho, a Verdade e a Vida” (HARPUR, p. 88 e 93).

Reflitamos a seguir sobre muitas comparações apresentadas por Tom Harpur entre o cristianismo mítico e as religiões pagãs, particularmente a religião egípcia antiga:

Sigmund Freud, fundador da psiquiatria moderna, já dizia que a Bíblia judaico-cristã era um “plágio total” das mitologias sumérias e egípcias (HARPUR, p. 19). Segundo a Doutora Anna Bônus Kingsford, “os livros sagrados hebraicos são todos de origem egípcia” (id., ibid.). **Havia até mesmo um Jesus mítico nas tradições egípcias muitos milhares de anos antes de Cristo. O nome dele era lusu, ou lusa, com o significado de “o Filho divino que virá para curar ou salvar”** (id., ibid.) (negrito meu).

O Khristós egípcio, ou Cristo, era chamado Hórus, filho do deus Osíris e da deusa Ísis. Hórus e sua mãe, Ísis, foram os predecessores da Madona com o Filho dos cristãos e juntos constituíam uma imagem dominante na religião egípcia por milênios antes dos Evangelhos (p. 20). Esse Hórus mítico antecipou por milhares de anos a maior parte das palavras e dos milagres de Jesus Cristo; Hórus também fora concebido sem pecado e em um dos seus papéis fora “um pescador de homens com doze seguidores” (id., ibid.). “Marta e Maria figuravam em uma história sobre a ressurreição de El-Asar, ou Lázaro, dentre os mortos, em uma Betânia egípcia cerca de 4 mil anos atrás. O “milagre” descrito no evangelho de João nunca foi um acontecimento histórico; ao contrário, era um símbolo recorrente, profundamente arquetípico e amplamente usado do poder de Deus de promover a ressurreição dos mortos” (ibid.).

As letras KRST que aparecem em caixões de múmias egípcias antigas séculos antes de Cristo... significam na realidade Karast ou Krist, significando Cristo” (ibid.). “O fundamento da doutrina cristã no início, a encarnação do espírito na carne humana ou matéria em cada um de nós, é na realidade o mito mais antigo e universal conhecido das religiões. Era comum na religião de Osíris pelo menos 4 mil anos antes da era cristã” (ibid.).

“A Igreja atual encontra-se numa encruzilhada. Muitos dos seus melhores pensadores advertem que pode haver apenas mais uma geração antes da extinção, por causa de seu fracasso em comunicar-se eficazmente com a época pós-moderna. Richard Holloway, ex-primaz da Igreja Episcopal Escocesa... diz:

O fim da religião cristã está próximo porque há um sistema solapando a tradicional “economia da salvação”, que mais se preocupa em preservar o seu poder do que em discutir a verdade. (Apud HARPUR, p. 22)

“As religiões judaica e cristã realmente devem as suas origens a raízes egípcias” (id., ibid.).

Tudo – da estrela no oriente até a caminhada de Jesus sobre as águas, do pronunciamento do anjo até o massacre dos inocentes por Herodes, da tentação no deserto à conversão da água em vinho – já existia nas fontes egípcias. O Egito e o seu povo já se ajoelhavam ante a visão da Madona com o Filho, Ísis e Hórus, por muitos longos séculos antes de qualquer Maria presumidamente histórica amparar nos braços o seu Jesus supostamente histórico. [...] Há provas irrefutáveis de que nenhuma doutrina, rito, princípio ou uso isolado na religião cristã tenha sido na realidade uma contribuição nova ao universo religioso. [...] **Todo o corpo da doutrina cristã é simplesmente um egipcismo adaptado e mutilado** (p. 24) (negrito meu).

Por esses dados históricos, podemos reafirmar que o cristianismo mítico dos cristãos (**paulinismo**) é, de fato, uma religião altamente sincretista e pagã, uma vez que é o resultado da fusão de mitos pagãos.

Para concluir a resposta desta pergunta, reafirmo que concordo plenamente com todas as evidências da grande semelhança entre o Cristo mítico e os outros avatares (ou salvadores do mundo), mas continuo acreditando na existência do “Jesus histórico”, um personagem não mítico, totalmente humano, não exclusivista (mas pluralista e ecumênico), que veio historicamente a este mundo com a missão especial de nos ensinar e viver (como nenhum outro) **a verdadeira religião, a religião do amor-caridade, A RELIGIÃO DE DEUS, FORA DA QUAL NÃO HÁ SALVAÇÃO!**

65- POR QUE SE DIZ QUE LUTERO É A REENCARNAÇÃO DE PAULO?

Porque, como foi dito na resposta da Pergunta nº 52,

o personagem histórico que mais semelhança apresenta com Paulo é Lutero. Em um ou em outro existe a mesma violência na linguagem, a mesma paixão, a mesma energia, a mesma nobre independência, o mesmo agarrar-se, frenético, a uma tese considerada como a verdade absoluta (RENAN, 2004, p. 382).

A doutrina de Lutero é, de fato, idêntica à de Paulo. Ambos desprezam muito a razão, guiando-se exclusivamente pela “fé cega” (a que não admite interferência da razão). Como foi dito na resposta da Pergunta nº 22, de meu livro “Catecismo Ecumênico”, para Lutero,

a razão é o maior inimigo que a fé possui; ela nunca aparece para contribuir com as coisas espirituais, mas com frequência entra em confronto com a Palavra divina, tratando com desdém tudo o que emana de Deus. Quem quiser ser cristão deve arrancar os olhos da razão. A razão deve ser destruída em todos os cristãos” (apud DAWKINS, 2007, p. 251).

Assim, tanto para Paulo como para Lutero, a fé está acima da razão e das obras de caridade. Especialmente para Lutero, a salvação é obtida somente pela fé (*sola fides*), em contraposição à doutrina autêntica de Jesus e de Tiago da salvação pelas obras de caridade. Nas palavras do apóstolo Tiago, **“a fé sem obras é morta”** (Tiago 2,26) (negrito meu).

Devemos, realmente, defender, com o apóstolo Tiago (e o Jesus histórico), a tese de que **“a fé sem obras é morta”** (Tiago 2,26). Por outro lado, **as obras (de amor) sem a fé têm imenso valor**. Sei que **Lutero** (visto corretamente por alguns médiuns espíritas como **a reencarnação de Paulo**), para defender sua tese da **justificação somente pela fé** (*sola fides*), chegou mesmo a rejeitar a Epístola do apóstolo Tiago – radicalmente oposta à sua tese – considerando-a como anticristã ou pseudocristã, mas a verdade acerca desse tema polêmico está mesmo com Tiago, ao afirmar que **“se alguém disser que tem fé, mas não tem obras, que lhe aproveitará isso? Acaso a fé poderá salvá-lo”** (Tiago 2,14)? Em suma, **a fé com obras (de caridade) tem grande valor**, mas **a fé sem obras não “salva” (não liberta) ninguém**.

Em termos mais claros ainda, o que é indispensável para obter-se a **“salvação”**, ou melhor, a **“libertação”**, ou **“evolução espiritual”**, são **as obras de amor, de caridade, de justiça e de perdão**, como Jesus expressou sobretudo no *Sermão da Montanha* (Matheus 5-7). É, no feliz dizer do escritor espírita (e ex-pastor evangélico) Jayme Andrade,

encher o coração de amor e sair repartindo com o próximo, sem excetuar nem mesmo os que nos façam mal, é perdoar e esquecer as ofensas, é fazer aos outros aquilo que gostaríamos que nos fizessem, é socorrer os pobres em suas necessidades, enfim, é usar de misericórdia com todos (ANDRADE, 1995, p. 90).

A “verdadeira religião”, como argumento insistentemente em minhas obras ecumênicas, não consiste essencialmente em “crenças”, mas na “vivência do amor-caridade”:

A religião pura e sem mácula diante de Deus, nosso Pai, consiste nisto: em assistir os órfãos e as viúvas em suas tribulações e em guardar-se livre da corrupção do mundo (Tiago 1, 27).

Esta, não me cansarei de repetir, é **a religião**, a verdadeira religião universal. Quem a praticar estará “salvo”. Essa verdadeira religião não necessita de rótulo, não precisa de nome, mas da **vivência do amor em favor do próximo**, sobretudo do próximo excluído e abandonado (personificado na passagem bíblica acima por “órfãos e viúvas”).

66- PAULO FOI MESMO “O HOMEM QUE INVENTOU CRISTO”?

Com certeza. “O homem que inventou Cristo” é o título de um artigo polêmico, escrito pelo jornalista Yuri Vasconcelos, publicado na Revista SUPER Interessante, edição 195, dezembro de 2003 (disponível atualmente na Internet). Em minhas obras ecumênicas, faço muitas referências a este artigo, porque ele é bastante convincente, para mim, sobre a crucial distinção que já vem sendo feita, há muitos anos, por muitos historiadores e teólogos, entre os verdadeiros ensinamentos de Jesus (do Jesus histórico) e a doutrina exclusivista e mítica de Paulo de Tarso, “**paulinismo**”. Os defensores desta distinção afirmam, como já sabemos, que o cristianismo que sobreviveu ao longo de dois mil anos não tem sua origem em Jesus de Nazaré, mas em Paulo de Tarso. Por isso, as respostas das próximas 15 perguntas deste livro (respostas das perguntas 67-81) foram todas extraídas de partes desse elucidativo artigo de Yuri Vasconcelos.

67-O MUNDO CRISTÃO SERIA O MESMO SEM O PAULINISMO?

O mundo cristão não seria o mesmo sem a mensagem que São Paulo transmitiu ao Império Romano. Para conquistar fiéis, ele fez concessões que desagradaram aos discípulos de Jesus – e ainda despertam acirradas discussões entre pensadores e religiosos. **Afinal, Paulo es-**

palhou ou deturpou a palavra de Cristo? [...] (VASCONCELOS, ibid.)
(negrito meu)

... **a conversão de Paulo mudou para sempre os rumos da religião cristã.** Para muitos teólogos, Paulo foi um personagem fundamental nos primeiros anos do cristianismo. Seu trabalho de evangelização foi, em grande parte, responsável pelo caráter universal da doutrina cristã, e **sua mensagem, expressa em cartas enviadas às comunidades que fundava, ainda hoje é considerada o alicerce da jurisprudência, da moral e da filosofia modernas do Ocidente.** Enquanto a maioria dos apóstolos que conviveram com Jesus restringiram sua pregação à Palestina, Paulo levou a palavra de Cristo para lugares distantes, como a Grécia e Roma. (Id., ibid.) (negrito meu)

68-QUAL A IMPORTÂNCIA DE PAULO NA FUNDAÇÃO DA IGREJA CRISTÃ PRIMITIVA?

Sua importância na construção da Igreja primitiva é tão grande que muitos estudiosos atribuem a ele o título de pai do cristianismo.

“Paulo desempenhou um papel maior na evangelização dos primeiros cristãos”, diz o biblista Jerome Murphy-O’Connor, professor da Escola Bíblica e Arqueológica de Jerusalém e um dos maiores estudiosos do santo. O historiador André Chevitarese, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), especialista em cristianismo e judaísmo antigos, concorda: **“O cristianismo, tal como existe hoje, deve muito a Paulo. Se não fosse o apóstolo, ele provavelmente não teria passado de mais uma seita judaica”.** [...] (Id., ibid.) (negrito meu)

69-AFINAL, PAULO ESPALHOU OU DETURPOU OS ENSINAMENTOS DE JESUS CRISTO?

A influência de Paulo é indiscutível. Mas, para uma corrente de historiadores e teólogos, ele deturpou os ensinamentos de Jesus Cristo – a ponto de a mensagem cristã que sobreviveu ao longo dos séculos ter origem não em Cristo, mas em Paulo. Esses pensadores julgam ser mais correto dizer que o que existe hoje é um “paulinismo”, não um cristianismo. “As cartas de São Paulo são uma fraude nos ensinamentos de Cristo. São comentários pessoais à parte da experiência pessoal de Cristo”, afirmou o líder pacifista indiano Mahatma Ghandi, em 1928. Opinião semelhante tem o prêmio Nobel da Paz de 1952, o alemão Albert Schweitzer,

que declarou: “Paulo nos mostra com que completa indiferença a vida terrena de Jesus foi tomada”. (Id., ibid.)

70- QUAIS AS PRINCIPAIS CRÍTICAS DA CORRENTE ANTIPAULINA?

As principais críticas da corrente antipaulina concentram-se em pontos polêmicos das cartas do apóstolo. Nelas, entre outras coisas, Paulo defende a obediência dos cristãos ao opressivo Império Romano, bem como o pagamento de impostos, faz apologia da escravidão, legitima a submissão feminina e **esboça uma doutrina da salvação distinta daquela que, segundo teólogos antipaulinos, teria sido defendida por Jesus. “A mentira que foi Paulo tem durado tanto tempo à base da violência. Sua conversão foi uma farsa”,** afirma Fernando Travi, fundador e líder da Igreja Essênia Brasileira. Os essênios eram uma das correntes do judaísmo há 2 mil anos, convertidos na primeira hora ao cristianismo. **“Ele criou uma religião híbrida. A prova disso é o mundo que nos cerca. Um mundo cheio de guerra, de sofrimentos e de desespero.”** (Id., ibid.) (negrito meu)

71- EM QUE LIVRO DO NOVO TESTAMENTO SE ENCONTRA O PRINCIPAL RELATO SOBRE PAULO?

O principal relato sobre ele está presente nos Atos dos Apóstolos, livro escrito pelo evangelista Lucas, que foi também dos maiores discípulos de Paulo. Seus relatos, no entanto, não são considerados um retrato fiel dos acontecimentos. “Os Atos devem ter sido escritos cerca de 15 a 20 anos após a morte de Paulo, quando ele já poderia estar caindo no esquecimento. Lucas, então, expressa uma visão romanceada do apóstolo, transformando-o em um herói ou, mais do que isso, em um modelo de discípulo”, afirma José Bortolini, padre da Congregação Pia Sociedade de São Paulo, mestre em exegese bíblica e autor do livro “Introdução a Paulo e suas Cartas”. Outra fonte de informação sobre o apóstolo são as cartas (ou epístolas) escritas por ele para as comunidades cristãs que tinha fundado. (Id., ibid.)

72- PAULO ERA JUDEU, GREGO E ROMANO?

Paulo era um judeu detentor de cidadania romana, criado em um ambiente culturalmente grego.

Ele nasceu em Tarso, na Ásia Menor, onde atualmente está a Turquia. Era uma cidade grande, com mais de 200 mil habitantes, por onde pas-

sava uma estrada que ligava a Europa à Ásia. Situada na província romana da Cilícia, a Tarso de então era predominantemente grega – um dos mais efervescentes centros de cultura do mundo helênico, chegando a rivalizar com Atenas. Mas também era cosmopolita. Abrigava um porto fluvial movimentado e se impunha como um importante polo comercial. Suas ruas estreitas viviam apinhadas de gente e suas casas abrigavam povos de várias regiões: egípcios, bretões, gauleses, núbios e sírios – além dos judeus (como a família de Paulo), que na época já haviam se assentado em várias cidades do império. (Id., *ibid.*)

73-A CIDADANIA ROMANA DE PAULO É UM PONTO CONTROVERSO?

A cidadania romana, citada nos escritos de Lucas, é um ponto controverso da biografia de Paulo. Tê-la garantia alguns privilégios, como o direito de participar das assembleias que decidiam questões sobre a vida e a organização da cidade e a isenção do pagamento de alguns impostos. Os cidadãos romanos também não podiam ser crucificados, caso fossem condenados à morte. Segundo Lucas, Paulo herdara a cidadania do pai ou do avô, que a teriam obtido por mérito ou comprado por uma volumosa quantia. Mas o apóstolo nunca se declarou romano em suas cartas. Para o biblista Murphy-O'Connor, o silêncio é compreensível: “Não havia razão para Paulo mencionar sua posição social em cartas a comunidades que ele desejava convencer de que ‘nossa pátria está nos céus’”, escreve o teólogo no livro *Paulo: Biografia Crítica*. Cidadão romano ou não, Paulo provavelmente fazia parte de uma elite – seu pai, especulasse, era dono de uma oficina onde se fabricavam tendas. Ele mesmo, aliás, dominava esse ofício. (Id., *ibid.*)

74-EM QUE ANO NASCEU PAULO?

O ano exato do nascimento de Paulo, bem como a data dos principais acontecimentos de sua vida, são, ainda hoje, motivo de controvérsia. Muitos historiadores supõem que ele tenha nascido por volta do ano 5 da era cristã. Era, portanto, alguns anos mais novo do que Jesus – cujo nascimento, segundo descobertas históricas recentes, é datado entre 6 e 4 a.C. Paulo foi educado na casa de seus pais, na sinagoga e na escola ligada a ela. Aos 15 anos, deixou Tarso e mudou-se para Jerusalém, onde se matriculou na escola de Gamaliel, um dos sábios mais respeitados do mundo judaico. Paulo teve uma formação acadêmica de primeira – nos

parâmetros atuais, algo equivalente a um doutorado em Harvard. [...] (Id., ibid.)

75-O QUE SINTETIZA E MOLDA A INFLUÊNCIA DE PAULO NA CONSOLIDAÇÃO DA DOCTRINA CRISTÃ?

As 13 cartas escritas por São Paulo sintetizam o pensamento do apóstolo, que viria a moldar a doutrina cristã. Elas foram redigidas entre os anos 50 e 60 e são os mais antigos documentos da história do cristianismo – os quatro Evangelhos canônicos de Mateus, Marcos, Lucas e João ficaram prontos apenas entre os anos 70 e 100. **A influência do apóstolo na consolidação da doutrina cristã pode ser medida pelo fato de suas epístolas representarem quase metade dos 27 livros do Novo Testamento.** [...] “Elas são resultado de experiências vivenciadas pelas comunidades paulinas”, afirma-o André Chevitarese. (Id., ibid.) (negrito meu)

76-TODAS AS CARTAS ATRIBUÍDAS A PAULO FORAM ESCRITAS POR ELE?

Uma corrente de biblistas defende que nem todas foram de fato escritas por Paulo – algumas teriam sido redigidas por seus discípulos após a morte do apóstolo. “Elas são muito diferentes em estilo literário e conteúdo”, afirma Pedro Vasconcellos, da PUC. [...] (Id., ibid.) [Segundo o escritor Bart D. Ehrman, as seguintes seis cartas não são de Paulo: Colossenses, Efésios, 2 Tessalonicenses, 1 e 2 Timóteo e Tito – cf. EHRMAN, 2006, p. 33, nota 5]

77-AS CARTAS DE PAULO SÃO TAMBÉM A PRINCIPAL CAUSA DE CONTROVÉRSIA SOBRE ELE?

Se são uma rica fonte de difusão da doutrina cristã, esses documentos são também a principal causa de controvérsia sobre o apóstolo. Na opinião de Fernando Travi, líder da Igreja Essênia Brasileira, a descoberta, no século passado, de escrituras datadas dos primeiros anos do cristianismo, como os Manuscritos do Mar Morto, o Evangelho dos 12 Santos (ou da Vida Perfeita) e o Evangelho Essênio da Paz, indica que boa parte do conteúdo das cartas de Paulo está em oposição aos ensinamentos de Jesus [...]. “Existem sérios indícios de que, como num plano de sabotagem, Paulo divulgou uma doutrina falsificada em nome do messias”, diz ele. Opinião

parecida tem o pastor batista americano Edgar Jones, autor do livro *Paulo: O Estranho*. “Jesus de Nazaré deve ser cuidadosamente diferenciado do Jesus de Paulo. Gerações e séculos passaram até que a corrente paulina com seu forte apelo em favor do Império Romano ganhasse ascendência sobre a corrente apostólica”, diz o teólogo. (Id., ibid.)

78-QUANDO AS IDEIAS DE PAULO FORAM DEFINITIVAMENTE INCORPORADAS À DOCTRINA CRISTÃ?

Até o século IV, o cristianismo dividia-se em duas correntes distintas, uma liderada pelos discípulos de Paulo e outra pelos seguidores dos apóstolos de Cristo. Quando o cristianismo se tornou a religião oficial do Império Romano, a corrente paulina saiu-se vitoriosa. “As ideias de Paulo, afáveis aos dominadores, foram definitivamente incorporadas à doutrina cristã”, diz Fernando. (Id., ibid.)

79-SEGUNDO PAULO, TODA AUTORIDADE VEM DE DEUS?

“Cada um se submeta às autoridades constituídas, pois não há autoridade que não venha de Deus, e as que existem foram estabelecidas por Deus. Aquele que se revolta contra a autoridade opõe-se à ordem estabelecida por Deus”, escreve Paulo. E continua: “É também por isso que pagais impostos, pois os que governam são servidores de Deus”. “Essa passagem revela que ele estava a serviço das autoridades romanas. Jesus, por sua vez, se insurgia contra as leis de Estado”, afirma Fernando. [...] (Id., ibid.)

80-QUE OUTRO PETARDO É DISPARADO PELOS CRÍTICOS DE PAULO?

Outro petardo disparado pelos críticos diz respeito à doutrina da salvação defendida por Paulo. Paulo diz que os pecados são perdoados se a pessoa acreditar que Jesus morreu na cruz por ela. **É a doutrina da salvação em que o herói derrama seu sangue e todos são perdoados por causa dele.** [...] (Id., ibid. (negrito meu)

81-SEM PAULO DE TARSO, A HISTÓRIA DA HUMANIDADE TERIA TOMADO OUTRO RUMO?

Sem Paulo, considerado por muitos o pai do cristianismo, a história da humanidade teria tomado outro rumo. A Idade Média, marcada pela força da Igreja Católica, ocorreria de outra forma e o mundo em que vivemos seria totalmente diferente. Nada seria como é. (Id., ibid.)

[Fim do artigo de Yuri Vasconcelos]

82-SEGUNDO O CRISTIANISMO PAULINISTA, JESUS É O NOSSO “BODE EXPIATÓRIO”?

Sim. Abordarei nesta resposta o mito antigo e bárbaro do perdão de nossas faltas por meio da oferta de sacrifícios expiatórios a Deus, com o **derramamento de sangue da vítima**, rito esse praticado não somente pelo povo hebreu, mas por muitos outros povos mais antigos. Mediante esse velho rito mítico de propiciação, ou seja, de sacrifícios sangrentos para aplacar a ira dos deuses, seres humanos (principalmente heróis, crianças e moças virgens) eram sacrificados para agradar aos deuses e obter deles favores e perdão dos pecados.

Foi esse mito que gerou a doutrina cristã mítica da salvação defendida por Paulo de Tarso e pelo cristianismo dogmático, ou seja, “Paulo diz que os pecados são perdoados se a pessoa acreditar que Jesus morreu na cruz por ela. É a doutrina da salvação em que o herói derrama seu sangue e todos são perdoados por causa dele” (VASCONCELOS, Yuri. O Homem que inventou Cristo. *SUPER* Interessante. Edição 195, dez, 2003).

Com o passar dos tempos, animais (como bois, bodes, cordeiros, ovelhas e pombas) substituíram os seres humanos nos sacrifícios expiatórios.

No judaísmo, anualmente, no Dia da Expição dos Pecados, conforme Levítico 16, um bode era sacrificado como oferecimento pelos pecados dos judeus e outro bode era enviado ao deserto, conduzindo os pecados do povo hebreu.

Foi sobretudo esse mito judaico do “bode expiatório” que deu origem à doutrina cristã dogmática (paulinista) da “expição” do “pecado original” pelo sacrifício de Cristo na cruz, ou seja, Jesus (o mítico) passou a ser interpretado como o bode (ou o cordeiro) expiatório final e definitivo pelos pecados de todos os seres humanos deste planeta.

Mais explicitamente, o Jesus mítico sempre foi visto pelos cristãos dogmáticos (paulinistas) como a personificação da prática mítica antiga de transferir os pecados de um grupo para um animal ou para um bode

expiatório humano, que seria banido ou mesmo sacrificado como meio de expurgar as faltas cometidas pelos membros da sociedade.

Esse animal, ou ser humano, era algumas vezes revestido de divindade e, assim, **um homem-deus** podia morrer como um bode expiatório e transformar-se num “redentor”. Por isso, o Jesus mítico, segundo o cristianismo paulinista, é “o Cordeiro de Deus”, o “redentor” da humanidade pelo seu sangue derramado na cruz.

A doutrina central do cristianismo dogmático da expiação dos pecados da humanidade pelo sangue de Cristo derramado na cruz é vista, com razão, por muitos escritores modernos como cruel, repugnante e masoquista (ou sadomasoquista).

“**Masoquista**” (ou “**sadomasoquista**”) é uma pessoa que busca o sofrimento, a humilhação, ou até mesmo a morte, sentindo muito prazer (cf. Dicionário HOUAISS da Língua Portuguesa, verbete **masoquismo**). Nesse sentido, refletamos sobre o que escreveu o escritor Richard Dawkins:

Agora o sadomasoquismo. Deus encarnou-se como homem, Jesus, para que pudesse ser torturado e executado em *expição* do pecado hereditário de Adão. Desde que Paulo expôs essa doutrina repugnante, Jesus vem sendo adorado como o *redentor* de todos os nossos pecados. Não apenas o pecado passado de Adão: pecados *futuros* também, decidam ou não as pessoas futuras cometê-los! [...] Se Deus quisesse perdoar nossos pecados, por que não perdoá-los, simplesmente, sem ter de ser torturado e executado em pagamento...? [...] Paulo... estava impregnado do velho princípio teológico judaico de que sem sangue não há expiação. [...] [Em suas epístolas], ele diz exatamente isso. Os estudiosos progressistas da ética hoje em dia já acham difícil defender qualquer tipo de teoria retributiva da punição, imagine então a teoria do bode expiatório – executar um inocente para pagar pelos pecados dos culpados. [...] E, para completar, Adão, o suposto executor do pecado original, nem existiu: [...] Ah, mas é claro, a história de Adão e Eva era apenas *simbólica*, não era? *Simbólica*? Então, para impressionar a si mesmo, Jesus fez-se ser torturado e executado, numa punição indireta por um pecado *simbólico* cometido por um indivíduo *inexistente*? (DAWKINS, 2007, p. 325, 326 e 327).

Mesmo não sendo ateu, concordo plenamente com o que escreveu este escritor ateu Richard Dawkins nessa citação. Como é

que Jesus pode ter morrido para pagar o pecado original, cometido por Adão, se nem Adão nem o pecado original existiram historicamente, mas apenas simbolicamente? E se a história de Adão e Eva é apenas *simbólica*, como defendem atualmente, com razão, muitos teólogos cristãos, como é que Jesus pode ter sido sacrificado na cruz para pagar uma culpa apenas *simbólica*, cometida por indivíduos *inexistentes*?

Essa argumentação lógica é mais do que suficiente para desmentir, à luz da “fé raciocinada”, o dogma cristão paulinista da redenção de nossos pecados pelo sangue de Cristo derramado na cruz. Essa doutrina mítica, cruel, repugnante e sadomasoquista é, portanto, totalmente falsa.

Como já esclareci na resposta de uma pergunta anterior, **“associando a morte do Unigênito de Deus à redenção de nossos pecados, Paulo de Tarso retrocedeu às primitivas religiões semíticas, em que os pais deviam imolar seus primogênitos”** (KERSTEN, 1986, p. 35) (negrito meu).

Em suma, reafirmo, à luz da fé raciocinada, que Jesus não é o nosso “bode expiatório”. Ele não foi morto para pagar nossos pecados. Somente o amor-caridade será capaz de nos redimir de nossos pecados, em múltiplas (re)encarnações, neste e em outros planetas, e não o sangue de Cristo derramado na cruz. O que nos salva, o que nos liberta, o que nos faz evoluir espiritualmente, não me cansarei de repetir, é somente a prática do amor-caridade, e não a fé em Cristo morto e ressuscitado, como defende o cristianismo dogmático (paulinista), há dois mil anos.

83-É VERDADE QUE AS PASSAGENS DO “SERVO SOFREDOR” (ISAÍAS 53) REFEREM-SE AO SOFRIMENTO DE JESUS?

Não. Várias passagens de Isaías, particularmente as referentes ao “servo sofredor” (Isaías 53), são normalmente interpretadas pelos cristãos paulinistas como se referindo ao sofrimento redentor de Jesus por nossos pecados. Isso, porém, não é “história lembrada” (verdade histórica), mas “profecia historicizada” (narrativa inventada pelos escritores cristãos para fazer cumprir determinadas escrituras do Antigo Testamento). Leiamos, a seguir, algumas passa-

gens do chamado Segundo Isaías que parecem referir-se ao suposto sofrimento redentor de Jesus:

“Ofereci o dorso aos que me feriam e as faces aos que me arrancavam os fios da barba; não ocultei o rosto às injúrias e aos escarros” (Isaías 50,6). [...]

“E no entanto, eram as nossas enfermidades que ele levava sobre si, as nossas dores que ele carregava” (Isaías 53,4). “Mas ele foi trespassado por causa de nossas transgressões, esmagado em virtude das nossas iniquidades. O castigo que havia de trazer-nos a paz caiu sobre ele, sim, por suas feridas fomos curados. Todos nós como ovelhas, andávamos errantes, seguindo cada um o seu próprio caminho, mas lahweh fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós. Foi maltratado, mas livremente humilhou-se e não abriu a boca, como um cordeiro conduzido ao matadouro” (Isaías 53,5-7). [...] “Deram-lhe sepultura com os ímpios, o seu túmulo está com os ricos” (Isaías 53,9).

Passagens como essas, do “servo sofredor” do chamado Segundo Isaías, marcaram o modo como os cristãos contaram erroneamente suas histórias da paixão de Jesus (veja EHRMAN, 2008, p. 74-77). Mateus, por exemplo, escreveu:

“E cuspiram-lhe no rosto e o esbofetearam. Outros lhe davam bordoadas” (Mateus 26,67); [...] “E cuspiando nele, tomaram o caniço e batiam-lhe na cabeça. Depois de caçoarem dele, despiram-lhe a capa escarlate e tornaram a vesti-lo com as suas próprias vestes, e levaram-no para o crucificar” (Mateus 27,30-31). [...] “Chegada a tarde, veio um homem rico de Arimateia, chamado José, o qual também se tornara discípulo de Jesus. E dirigindo-se a Pilatos, pediu-lhe o corpo de Jesus. Então Pilatos mandou que lhe fosse entregue. José, tomando o corpo, envolveu num lençol limpo e o pôs em seu túmulo novo, que talhara na rocha” (Mateus 27,57-60).

Não é por acaso que os relatos da crucificação e morte de Jesus sejam tão parecidos com Isaías 53: Mateus, baseado em Marcos, estava pensando no “servo sofredor” de Isaías 53, enquanto escrevia sobre o sofrimento de Jesus, embora saibamos que as referidas passagens de Isaías 53 não se referem a Jesus, mas a Israel, que tinha sido levado para o exílio de Babilônia, cerca de seis séculos antes do nascimento de Jesus. O próprio Isaías afirma claramente que o “servo” de lahweh é Israel: “Tu és meu servo, Israel” (Isaías 49,3); “E tu, Israel, meu servo” (Isaías 41,8).

Como esclarece o escritor Bart D. Ehrman,

em seu contexto original, Isaías 53 estava insistindo na ideia de que o sofrimento dos exilados na Babilônia tinha “pagado” os pecados da nação e de que, conseqüentemente, agora poderia haver a salvação. O povo seria perdoado e retornaria à sua terra, onde teria um relacionamento restaurado com Deus. O sofrimento do exílio, portanto, era sofrimento substitutivo: a dor e a infelicidade de um contavam como uma espécie de sacrifício por outro. (EHRMAN, 2008, p. 125)

A afirmação de Mateus de que José de Arimateia depositou Jesus “em seu túmulo novo, que talhara na rocha”, é um acréscimo, pois não se encontra em nenhum outro evangelista. Além disso, tudo indica mesmo que Mateus quis simplesmente fazer cumprir-se aqui, como em muitas outras passagens de seu Evangelho, mais uma “profecia historicizada”, para provar que Jesus era a figura do “servo sofredor” de Isaías 53: “Deram-lhe sepultura com os ímpios, o seu túmulo está com os ricos” (Isaías 53,9).

Em suma, a passagem de Isaías 53 passou a ser interpretada pelos escritores cristãos do Novo Testamento como se referindo ao sacrifício redentor de Cristo na cruz. Paulo, por exemplo, fala da “redenção realizada em Cristo Jesus: Deus o expôs como instrumento de propiciação, por seu próprio sangue, mediante a fé” (Romanos 3, 24-25). Convém esclarecer que o termo “propiciação” significa um ritual com que se procura agradar uma divindade, para conseguir seu perdão; é “um sacrifício ou oferenda que se faz para aplacar a ira dos deuses” (Dicionário HOUAISS, verbete **propiciação**).

84-O QUE É A DOCTRINA PAULINA DO “AUTOESVAZIAMENTO” DE DEUS NA PESSOA DE JESUS?

É a doutrina mítica segundo a qual Deus “autoesvaziou-se” temporariamente de seus atributos divinos, ao encarnar-se em Jesus, a fim de que ele sofresse e morresse na cruz para pagar os nossos pecados.

A crença mítica no “autoesvaziamento” temporário de Deus, para encarnar-se num ser humano, era comum a muitas outras culturas religiosas bem mais antigas do que o cristianismo. Segundo esse mito antigo, Deus pode “autoesvaziar-se” temporariamente de seus atributos divinos e encarnar-se na forma de um ser humano,

assumindo todas as nossas imperfeições e limitações, o chamado mito da *kenosis*, ou do “autoesvaziamento” de Deus.

Este chamado mito da *kenosis*, ou do “autoesvaziamento” de Deus, é idêntico ao mito do “Deus encarnado”, comum, conforme já vimos, a muitas outras religiões, e não exclusivamente ao cristianismo, em que Deus supostamente se encarna num ser humano, que passa a ser chamado de “avatar” ou “salvador”, o qual vem ao mundo para nos redimir ou nos salvar, inclusive com seu derramamento de sangue.

No cristianismo exclusivista paulinista, conforme já sabemos, Jesus é visto como o único salvador da humanidade, a única encarnação de Deus na história, o único “avatar” enviado por Deus a este mundo para nos redimir de nossos pecados mediante seu sangue derramado na cruz. Para os cristãos dogmáticos paulinistas, **SÓ JESUS SALVA!**

Como já vimos, mas convém repetir, os estudos comparativos das religiões comprovam que quase todas as crenças tradicionais do mundo repousam em um mito central de um Salvador (um “avatar”), ou seja, um filho de um rei/deus celestial que desce para o mundo de trevas inferior, sofrendo, morrendo e ressuscitando, antes de voltar ao seu mundo superior de origem (cf. HARPUR, 2008, p. 50-51).

A história nos diz como esse rei/deus conquista a vitória sobre os seus inimigos, tem um cortejo triunfante e é entronizado nas alturas. [...] **Os pesquisadores dedicados ao estudo comparativo das religiões fizeram listas de trinta a cinquenta desses avatares ou salvadores.** Kersey Graves escreveu um livro intitulado *The World's Sixteen Crucified Saviors* [**Os 16 Salvadores Crucificados no Mundo**]. Frank e Gandy mostram que a religião cristã e as religiões de mistério dos períodos anteriores e contemporâneo compartilham praticamente todas as mesmas crenças, doutrinas, rituais e ritos (HARPUR, *ibid.*) (negrito meu).

Convém esclarecer também que o mito da salvação cristã, segundo nos esclarece o escritor Ambrogio Donini, se origina da fórmula antiga de um escravo que adquire a sua liberdade:

O preço do resgate pode ser pago diretamente, ou por um terceiro, sob várias formas, em favor do escravo. A concepção total do mito da salvação cristã já está contida nesta fórmula. [...] Sendo o homem um pecador e incapaz

de libertar-se pagando à divindade o preço do seu resgate, intervém um “redentor”, o qual paga por ele com a sua paixão e a sua morte: esta é a essência da doutrina soteriológica entre os primeiros escritores cristãos gregos, latinos e sírios. [...] Para alguns, o “preço do resgate” é pago a Satanás, que tinha o homem em seu poder (DONINI, p. 203).

O apóstolo Paulo, em sua carta aos Filipenses (Filipenses 2, 6-11), expõe a chamada doutrina da *kenosis* de Cristo, ou seja, a do seu “autoesvaziamento”, afirmando que todos os cristãos devem ter a mesma atitude de autossacrifício (*kenosis*) que Jesus,

*o qual, subsistindo na forma de Deus,
não se aferrou à sua igualdade com Deus,
mas aniquilou-se a si mesmo
para assumir a condição de servo,
e se fez semelhante aos homens;
foi ainda mais humilde,
a ponto de aceitar a morte,
e morte na cruz.*

*Porém Deus o exaltou
e lhe deu o nome
que está acima de todos os nomes,
para que, ao nome de Jesus,
todas as criaturas,
nos céus, e na terra, e debaixo da terra,
e toda língua o aclame
como o Senhor [kyrios]
para a glória de Deus Pai. (Filipenses 2, 6-11) (versão extraída de
ARMSTRONG, 2008, p. 124-125)*

Conforme venho argumentando, à luz da filosofia espírita da “fé raciocinada”, o que nos salva, ou melhor, o que nos liberta e nos faz evoluir espiritualmente, é a prática do amor-caridade, a qual inclui, obviamente, a “kenosis”, no sentido de “desapego”, “humildade”, “mansidão”, “amor”, “perdão”, mas não a “kenosis” no sentido mítico da crença num avatar ou salvador exclusivista, como o Cristo da fé, que supostamente veio ao mundo para nos salvar, nos redimir, mediante sua morte expiatória com derramamento de seu sangue na cruz.

Para Paulo, como já vimos, a salvação não vem pelas obras de amor-caridade, mas exclusivamente pela fé em Cristo morto e ressuscitado. Segundo essa sua doutrina, se uma pessoa pudesse se

salvar apenas pelo cumprimento da lei judaica (incluindo obviamente a Lei do Amor), então não teria sido preciso que o Deus-Jesus se “autoesvaziasse” e viesse morrer na cruz. Logo, o fato de o Deus-Jesus ter se “autoesvaziado” e morrido na cruz tinha de significar, no raciocínio de Paulo, que Deus queria mesmo que ele morresse, pois, para Paulo, **“a salvação exigia sofrimento. Ainda mais que isso, exigia o horrendo sofrimento da crucificação”** (EHRMAN, 2008, p. 128) (negrito meu).

Como aceitar essa doutrina absurda, repugnante, sadista, masoquista e sadomasoquista, ou seja, essa chamada “teologia do sangue”, pela qual o Deus antropomórfico dos cristãos parece ter tido prazer com o sofrimento de seu próprio Filho Jesus morto na cruz? O Deus verdadeiro pode deleitar-se com o sofrimento dos outros? Além disso, Deus poderia morrer? Alguns teólogos defendem a tese de que Jesus morreu como homem, e não como Deus, mas esses mesmos teólogos paulinistas se contradizem ao ensinar que **não se pode separar o lado humano de Jesus do seu lado divino!** Logo, segundo essa visão, Jesus teria morrido como homem e Deus. Por isso, “a Igreja Católica, durante milênios, dedicou-se a tachar os judeus de **assassinos de Deus**” (ARIAS, 2001, p. 92) (negrito meu).

Por influência de religiões pagãs mais antigas, os teólogos cristãos paulinistas sempre defenderam a tese absurda de que Deus, tendo ficado aborrecido, por causa do suposto “pecado original”, decidiu enviar seu próprio Filho Jesus Cristo para sofrer e morrer na cruz a fim de pagar nossa culpa original e nos salvar.

Para concluir a resposta da presente pergunta, reafirmo que, segundo o ponto de vista que defendo, não é a crença num avatar ou salvador externo, ou seja, num Deus encarnado, que se “autoesvaziou” de seus atributos divinos e morreu crucificado, como no caso do Cristo da fé, que nos redime, que nos salva, ou melhor, que nos liberta e nos faz evoluir espiritualmente, mas unicamente a prática do amor-caridade: **FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO**, como prega o Espiritismo. O “Jesus histórico” também pregou que não queria sacrifícios, mas a prática do amor-caridade: **“Misericórdia é que eu quero, e não sacrifício”** (Mateus 9,13) (negrito meu).

85- PAULO DE TARSO FOI O PRINCIPAL “PREGADOR APOCALÍPTICO” DO NOVO TESTAMENTO?

Com certeza. No Novo Testamento, existiram, pelo menos, três grandes “pregadores apocalípticos”: João Batista, o Cristo da fé e Paulo de Tarso, mas Paulo é considerado o principal dentre os três pregadores apocalípticos.

86- MAS O QUE ERA UM “PREGADOR APOCALÍPTICO”

Um “pregador ou profeta apocalíptico” era aquele que pregava, no dizer do famoso teólogo e ex-padre católico John Dominic Crossan, a chamada “**escatologia apocalíptica**”, ou seja, “**uma intervenção divina iminente e cataclísmica para restaurar a paz no mundo desordenado**” (CROSSAN, John Dominic. *Quem Matou Jesus?*, p. 65) (negrito meu).

87- POR QUE PAULO É CONSIDERADO O PRINCIPAL “PREGADOR APOCALÍPTICO”?

Paulo é considerado o principal pregador apocalíptico, porque ele pregava (mais do que qualquer outro) que o fim do mundo estava bem próximo, o qual ocorreria ainda na mesma era em que ele vivia, e que já tinha sido iniciado pela morte e ressurreição de Jesus (cf. EHRMAN, 2008, p. 209ss).

O fim iminente de todas as coisas era uma fonte de fascinação constante para os primeiros cristãos, que de modo geral esperavam que Deus logo interviria nos assuntos do mundo para destruir as forças do mal e estabelecer seu reino, com Jesus à frente, aqui na Terra. (EHRMAN, 2006, p. 35).

Como foi esclarecido na Introdução deste livrinho, a Primeira Carta de Paulo aos Tessalonicenses, geralmente datada do ano 49 d.C., foi o primeiro escrito cristão, por sinal, **a carta em que Paulo mais prega sua doutrina apocalíptica, segundo a qual Jesus estava perto de voltar dos céus para fazer o julgamento da Terra.**

Dois mil anos já se passaram e esta famosa profecia paulina ainda não se cumpriu, nem vai se cumprir, pois a humanidade, na visão espírita (que sigo), não terá um fim, mas uma *transformação*,

na época de sua regeneração. Será o fim do mundo velho, a decadência das ideias antigas.

Leiamos ainda as respostas das próximas quatro perguntas, dadas por Bart D. Ehrman, para comprovarmos o caráter fortemente apocalíptico da doutrina cristã mítica de Paulo de Tarso (“Paulinismo”).

88-SEGUNDO PAULO, POR QUE FICAMOS DOENTES, ENVELHECEMOS E MORREMOS?

Sendo um apocaliptista judeu, Paulo acreditava que este mundo físico no qual vivemos é controlado por forças do mal, e que nossos corpos estão eles mesmos sujeitos a essas forças. **Por isso ficamos doentes, envelhecemos, morremos.** Mas Deus vai intervir e derrubar tais forças. **E quando isso acontecer nossos corpos serão transformados, não estando mais sujeitos ao ataque de doenças, envelhecimento e morte. Teremos corpos eternos e viveremos com Deus para sempre.** (EHRMAN, 2008, p. 211) (Negrito meu)

89-SEGUNDO PAULO, O FIM DOS TEMPOS ESTAVA PRESTES A OCORRER?

Para Paulo, este era um acontecimento que se daria muito rapidamente. De fato, assim como Jesus [o mítico] tinha previsto a seus discípulos que “alguns dos que aqui estão não provarão da morte antes de verem que o Reino de Deus se fortaleceu”, **também Paulo previa que o fim dos tempos, a ressurreição dos mortos e a transformação dos corpos ocorreriam enquanto alguns – inclusive ele – ainda estivessem vivos para ver.** (EHRMAN, 2008, p. 211-212) (Negrito meu)

90-PARA PAULO, QUANDO VIRÁ A SOLUÇÃO PARA O NOSSO SOFRIMENTO?

Para Paulo, a solução para a dor e o sofrimento no mundo vem pelo fim dos tempos, quando todos seremos transformados e levados para o glorioso Reino de Deus, no qual não haverá mais infelicidade, angústia e morte. É um acontecimento futuro, mas é iminente. (Id., ibid., p. 212) (Negrito meu)

91-PARA PAULO, QUAL A PROVA DO FIM DOS TEMPOS?

A prova? Jesus foi erguido dentre os mortos, de modo que a ressurreição já começou. [...] Por todos os seus escritos Paulo pressupõe que o fim dos tempos começou com a ressurreição de Jesus e que logo chegará ao clímax. Esse clímax envolverá o próprio Jesus voltando dos céus, iniciando a ressurreição dos mortos. Em nenhum outro ponto esse ensinamento é mais claro do que na primeira carta preservada escrita pela mão de Paulo, o livro de 1 Tessalonicenses. (EHRMAN, *ibid.*, p. 212-213) (negrito meu)

92-O JESUS MÍTICO DE PAULO TAMBÉM FOI UM GRANDE “PROFETA APOCALÍPTICO”?

Sim. Como já esclareci em meu livro “Catecismo Ecumênico” e em várias matérias de meu *blog* (ver APÊNDICE C), particularmente nas Matérias 131, 195 e 236 (publicadas respectivamente nos dias 26/9/2008, 9/11/2009 e 15/7/2010), o Jesus mítico paulino (mas não o Jesus histórico) também foi um grande profeta apocalíptico.

Nos Evangelhos, quando interpretados literalmente, o Jesus mítico, também chamado de “Cristo da fé”, se atribuía, com frequência, o título mítico de “Filho do Homem”, em seu sentido apocalíptico e/ou messiânico, ou seja, alguém dotado do poder de perdoar pecados ou votado ao sofrimento. Exemplo:

“De fato, aquele que, nesta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e de minhas palavras, também **o Filho do Homem** se envergonhará dele quando vier na glória do seu Pai com os santos anjos.” (Marcos 8, 38; ver também Marcos 13,26; 14,62; Mateus 16,27; Lucas 9,26; 12,8-10; Mateus 10, 32-33) (negrito meu)

De acordo com os pesquisadores do Seminário de Jesus (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, *The Five Gospels*, p. 77), essas passagens evangélicas atribuídas a Jesus são derivadas do chamado Pequeno Apocalipse de Daniel 7 e, por conseguinte, não são de autoria do Jesus histórico, mas postas nos lábios do Jesus mítico pelos escritores do Novo Testamento.

93-QUE DISTINÇÃO EXISTE ENTRE “ESCATOLOGIA APOCALÍPTICA” E “ESCATOLOGIA SAPIENCIAL”?

O renomado teólogo e ex-padre católico John Dominic Crossan, idealizador e cofundador do **Seminário de Jesus** e autor de 24 livros sobre o Jesus histórico (por isso mesmo chamado por alguns de “o Papa” do Jesus histórico), distingue, no Novo Testamento, “escatologia apocalíptica” (como a de João Batista, a do Cristo da fé e a de Paulo de Tarso) de “escatologia sapiencial” (a mensagem central do Jesus histórico), nos seguintes termos:

A escatologia apocalíptica anuncia que Deus fez a nós somente (algum grupo específico) uma revelação especial e secreta sobre uma intervenção divina iminente e cataclísmica para restaurar a paz no mundo desordenado [...]; a *escatologia sapiencial* é o que, finalmente, se tornou a mensagem de Jesus. [...] Envolve um modo de vida para agora, em vez de uma esperança de vida para o futuro. Um exemplo de desafio do estilo de vida radical da escatologia sapiencial é, no mundo antigo, Diógenes, da Grécia, vivendo em seu barril, e, no mundo moderno, Gandhi, da Índia, dizendo não à violência. A escatologia apocalíptica é a negação do mundo com destaque para a intervenção divina *futura e iminente*; a escatologia sapiencial é a negação do mundo com ênfase na intervenção divina *presente e imanente*. **Na escatologia apocalíptica, estamos esperando que Deus aja. Na escatologia sapiencial, Deus está esperando que nós ajamos.** (CROSSAN, John Dominic. *Quem Matou Jesus?*, p. 65-67.) (Negrito meu)

94-SEGUNDO CROSSAN, O QUE JESUS QUERIA DIZER COM A EXPRESSÃO O “REINO DE DEUS”?

Jesus chamava seu programa de a presença do Reino de Deus, mas esta expressão deve ser interpretada principalmente à luz do que ele próprio fazia e do que desafiava seus companheiros a fazer. Ela não significava para Jesus, como podia significar para os outros, a iminente intervenção apocalíptica de Deus para consertar um mundo tomado pela maldade e pela injustiça. Significava a presença do Reino de Deus aqui e agora, na reciprocidade da comida compartilhada e na cura livre, em vidas, isto é, do igualitarismo radical tanto em níveis socioeconômicos (alimentação) como religioso-políticos (cura). (CROSSAN, John Dominic. *Quem Matou Jesus?*, p. 68.) (Negrito meu)

95- O “JESUS HISTÓRICO” FOI UM “PREGADOR APOCALÍPTICO”?

Não. Segundo os pesquisadores do Seminário de Jesus, o “Jesus histórico”, diferentemente de João Batista, do Cristo da fé e de Paulo de Tarso (principal apocaliptista), não foi um pregador apocalíptico. Foi o “Jesus mítico” (o também chamado “Cristo da fé”, “Cristo confessional”, “Jesus canônico”, “Cristo cósmico”) que, tendo sido um profeta apocalíptico, defensor, como João Batista e Paulo de Tarso, da **escatologia apocalíptica**, prometeu, durante suas inúmeras pregações míticas (na Palestina), que retornaria brevemente à Terra, por ocasião do suposto fim do mundo e do Juízo Final, enquanto ainda estivessem vivos alguns de seus apóstolos, a fim de julgar a humanidade, enviando os bons para o céu e os maus para o castigo eterno (cf. Mateus 25,31-46), profecia que não se cumpriu; logo, ele **ERROU**, a maior prova bíblica, conforme expresso em meu livro “Catecismo Ecumênico” e em várias matérias de meu *blog*, de que o “Cristo da fé” não era, nem é, Deus, pois Deus não pode errar. Este erro, reafirmo, não foi cometido pelo “Jesus histórico”, mas pelo “Jesus mítico” (um grande profeta apocalíptico), o qual, interpretado literalmente, pregava, como João Batista e Paulo de Tarso, a chamada “escatologia apocalíptica”, ou seja, “uma intervenção divina iminente e cataclísmica” (CROSSAN, John Dominic. *Quem Matou Jesus?*, p. 65).

96- ADORAR JESUS É UM CULTO PAULINISTA DE IDOLATRIA?

Sim. Sem querer agredir a fé cristã paulinista (a qual merece todo o nosso respeito), mas apenas expressar meu atual ponto de vista sobre a verdadeira identidade (ou natureza) de Jesus, defendendo a tese cristológica de que, se Jesus não é *literalmente* uma pessoa divina, conforme argumento em minhas obras ecumênicas, prestar-lhe um culto de adoração, como fazem os cristãos paulinistas, é, indubitavelmente, um **culto de idolatria**, ou seja, é **adorar uma pessoa inteiramente humana** (o Jesus histórico) como se fosse **uma pessoa totalmente divina** (o Jesus mítico ou o Cristo da fé). Aliás, Deus, como também já vimos, não pode ser *literalmente* conceituado como *pessoa* (e menos ainda como três pessoas, conforme o

dogma da Trindade), porque toda pessoa é, por definição, limitada e finita, enquanto o verdadeiro Deus é *impessoal, ilimitado e infinito*.

Convém esclarecer, porém, que, para quem, **honestamente**, acredita que Jesus é *literalmente* Filho de Deus e Deus encarnado (Segunda Pessoa da Santíssima Trindade), não há nenhum problema em prestar-lhe um culto de adoração, pois, como esclareço em minhas obras ecumênicas, Deus não está preocupado com o nosso modo de interpretá-Lo, nem com o nosso modo de ver Jesus, ou seja, se o vemos como **uma pessoa inteiramente divina** (o Cristo da fé cristã dogmática) ou como **uma pessoa totalmente humana** (o Jesus histórico). O que Deus quer é que sejamos *sinceros e honestos* em nossas crenças, mas sem discriminar os seguidores de outras religiões, pois **quem discrimina o próximo não o ama**.

97-SERÁ QUE DEUS ESTÁ MESMO PREOCUPADO COMO NÓS O CONCEBEMOS?

De modo algum. Nesse sentido, faço minhas as palavras de dois grandes espiritualistas orientais (**Râmakrishna** e **Ramacháraka**), em que eles ressaltam a multiplicidade de aspectos da divindade ou ao fato de que Deus não está preocupado como nós o concebemos ou o adoramos. Ele quer, sim, que levemos uma vida honesta e sincera.

Palavras de Râmakrishna (apud ABHEDÂNANDA, 1995, p. 20):

Deus é um, porém tem muitos aspectos e o mesmo Uno é adorado pelas diferentes nações sob vários nomes e formas; **Ele é pessoal, impessoal e mais além de ambos; Ele é com nome e forma e, todavia, inominado e sem forma** (negrito meu).

Palavras de Ramacháraka (1998, p. 81):

Os homens fizeram um deus de quase tudo no mundo material e caíram de joelhos perante sua própria criação, para adorá-lo. Por quê? **Por causa do seu limitado poder de interpretação**. Quando, porém, adoravam um pau, uma pedra, uma imagem, uma estátua ou as divindades antropomórficas [ou seja, deuses em formas humanas], adoravam inconscientemente, e, na realidade, aquele *Algo* que era a causa da intuição religiosa em sua alma. E, como diz acertadamente um dos Vedas hindus, **o Altíssimo aceita toda essa adoração, quando se Lhe tributa com intenções honestas**. “A verdade é uma só, embora os

homens lhe deem muitos nomes”, diz o velho e sábio iogue da antiguidade (negrito meu).

Aproveito essa citação de Ramacháraka, para reafirmar aos cristãos dogmáticos paulinistas, os quais, “**por causa do seu limitado poder de interpretação**”, ainda veem Jesus e o adoram (honestamente e sinceramente) como uma divindade, que Deus aceita toda essa concepção cristã da natureza de Cristo (mesmo que seja mítica e literalmente errônea), bem como a adoração que os cristãos (honestamente e sinceramente) tributam a ele, contanto que eles não se julguem superiores aos seguidores das religiões que não veem Jesus (nem o adoram) miticamente como uma divindade.

O mal, convém repetir, não é os cristãos (honestamente e sinceramente) prestarem um culto de adoração a Jesus, como se ele fosse realmente Deus encarnado. O grande mal desse culto de idolatria ao Jesus mítico é criar e alimentar nos cristãos dogmáticos a convicção exclusivista, espiritualmente arrogante e falsa, segundo a qual somente a fé no Deus-Jesus, morto e ressuscitado, é que nos salva, e quem não adere a essa fé (cega) está condenado ao inferno eterno. Todas as religiões que não veem Jesus (nem o adoram) como uma divindade, são avaliadas pelos cristãos paulinistas como falsas, mentirosas.

Além disso, para os cristãos dogmáticos e exclusivistas, só tem a vida eterna quem come a carne do Filho do Homem e bebe o seu sangue, ritos pagãos repugnantes de **antropofagia** (comer o Homem-Jesus) e de **teofagia** (comer o Deus-Jesus):

“Em verdade, em verdade, vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna e eu o ressuscitarei no último dia. **Pois a minha carne é verdadeira comida e o meu sangue, verdadeira bebida**” (João 6,53-55) (negrito meu).

Esses versículos bíblicos não são de autoria do Jesus histórico, mas do evangelista João, obviamente baseado no mito pagão paulinista do Deus-Jesus como vítima oferecida em sacrifício pelos nossos pecados, mito esse muito comum nas chamadas religiões de mistério, bem mais antigas do que o cristianismo dogmático.

Concluindo as respostas das duas últimas questões, reafirmo que não há nenhum mal em os cristãos dogmáticos paulinistas verem

e adorarem Jesus (honestamente e sinceramente) como uma divindade, contanto que eles não se julguem superiores aos seguidores das religiões que não interpretam Jesus (nem o adoram) mítica e erroneamente como uma divindade. Para se saber, à luz da fé raciocinada, o que é verdade e o que é mentira em crenças religiosas, só vejo uma saída: o diálogo ecumênico e inter-religioso, aberto e sincero.

98-ONDE SE ENCONTRA NA BÍBLIA A SÍNTESE DOS ENSINAMENTOS AUTÊNTICOS DE JESUS?

A síntese dos ensinamentos autênticos de Jesus se encontra no chamado **Sermão da Montanha** (Mateus 5-7), que é, sem dúvida alguma, a alma do Evangelho e o cerne da doutrina pluralista e racional de Jesus, em oposição à doutrina exclusivista e mítica de Paulo de Tarso (“**paulinismo**”).

Para entender bem esta verdade (e para encerrar este livrinho ecumênico), nada melhor do que a leitura de algumas passagens da obra do ex-padre católico Huberto Rohden, *O Sermão da Montanha* (ROHDEN, 2007).

O Sermão da Montanha é, de fato, o núcleo da doutrina autêntica do Jesus histórico, doutrina pluralista, racional, sem dogmas míticos e exclusivistas, indispensável à libertação do ser humano. “Se se perdessem todos os livros sacros da humanidade, e só se salvasse *O Sermão da Montanha*, nada estaria perdido” (Mahatma Gandhi, citado por Rohden, na referida obra, p. 12).

Se os cristãos não mais confundissem seus dogmas ou mitos exclusivistas e divisionistas com os verdadeiros ensinamentos de Jesus, resumidos no *Sermão da Montanha*, não mais haveria tantas divisões e brigas entre eles, como vem ocorrendo há dois mil anos. Essa verdade é muito bem expressa por Huberto Rohden, nos seguintes termos:

Há séculos que as igrejas cristãs do Ocidente se acham divididas em partidos, e, não raro, se digladiam ferozmente – por causa de quê? Por causa de determinados dogmas que elas identificam com a doutrina de Jesus – infalibilidade pontifícia, batismo, confissão, eucaristia, pecado original, redenção pelo sangue de Jesus, unicidade e infalibilidade da Bíblia etc. No entanto, seria possível evitar todas essas polêmicas e controvérsias – bastaria que todos os setores do Cristianismo fizessem do Sermão da Montanha o seu credo único e universal. Essa

mensagem suprema do Cristo não contém uma só palavra de colorido dogmático-teológico – o Sermão da Montanha é integralmente espiritual, cósmico, ou melhor, “místico-ético”; não é uma teoria em que o homem deva “crer”, mas uma realidade que ele deve “ser”. [...] Quem é proclamado “bem-aventurado” feliz? Quem é chamado “filho de Deus”? Quem é que “verá a Deus”? De quem é o “reino dos céus”? Será de algum crente no dogma A, B ou C? Será o adepto da teologia desta ou daquela igreja ou seita? Será o partidário de um determinado credo eclesástico? Nem vestígio disso! (ROHDEN, op. cit., p. 15) [...]

Os homens bem-aventurados, os cidadãos do reino dos céus, são os “pobres pelo espírito”, são os “puros de coração”, são os “mansos”, os que “sofrem perseguição por causa da justiça”, são os “pacificadores”, são os “misericordiosos” e “os que choram”, são os que “amam aos que os odeiam” e “fazem bem aos que lhes fazem mal” (ROHDEN, p. 16).

No dia e na hora em que a cristandade resolver aposentar as suas teologias humanas e proclamar a divina sabedoria do *Sermão da Montanha* como credo único e universal, acabarão todas as dissensões, guerras de religião e excomunhões de hereges e dissidentes. Isso, naturalmente, supõe que esse documento máximo de espiritualidade, como Mahatma Gandhi o chama, seja experiencialmente vivido, e não apenas intelectualmente analisado. (ROHDEN, *ibid.*).

99- POR QUE GANDHI AFIRMA QUE NADA ESTARIA PERDIDO SE TODOS OS LIVROS RELIGIOSOS DA HUMANIDADE PERECESSEM E SÓ RESTASSE O SERMÃO DA MONTANHA?

*Se todos os livros religiosos da humanidade perecessem e só se salvasse o Sermão da Montanha, nada estaria perdido. Nele se encontram o Oriente e o Ocidente, o Brahmanismo e o Cristianismo e a alma de todas as grandes religiões da humanidade, porque é a síntese da mística e da ética, que ultrapassa todas as filosofias e teologias meramente humanas. O que o Nazareno disse, nessa mensagem suprema de seu Evangelho, representa o patrimônio universal das religiões [...]. Se o Evangelho é o coração da Bíblia, o Sermão da Montanha é a alma do Evangelho (ROHDEN, *ibid.*).*

100-QUAL A SÍNTESE DO CÓDIGO DE MORAL (OU DE ÉTICA) UNIVERSAL ENSINADO POR JESUS NO SERMÃO DA MONTANHA?

1. **A humildade e o desapego:** “Bem-aventurados os pobres em espírito!” (Mateus 5,3), ou seja, felizes os humildes e desapegados dos bens materiais.
2. **A pureza da alma ou espírito:** “Bem-aventurados os puros de coração” (Mateus 5,8).
3. **A mansidão:** “Bem-aventurados os mansos...” (Mateus 5,4).
4. **A caridade:** “Bem-aventurados os misericordiosos” (Mateus 5,7).
5. **A justiça:** “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça” (Mateus 5,6).
6. **A paz:** “Bem-aventurados os que promovem a paz” (Mateus 5,9).
7. **O sofrimento:** “Bem-aventurados os aflitos” (Mateus 5,5). “Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça” (Mateus 5,10).
8. **O amor aos inimigos:** “Amai os vossos inimigos” (Mateus 5,44).
9. **A oração pelos perseguidores:** “Orai pelos que vos perseguem” (Mateus 5,44).
10. **A reconciliação e o perdão:** “Se estiveres para trazer a tua oferta ao altar e ali te lembrares de que o teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa a tua oferta ali diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão; e depois virás apresentar a tua oferta” (Mateus 5,23-24).
11. **A reencarnação:** “Ninguém deixará de pagar até o último centavo” (Mateus 5,26; Lucas 12,59), ou seja, até o espírito se tornar purificado através de múltiplas (re)encarnações, ensinamento este que nega radicalmente os dogmas cristãos paulinistas da ressurreição dos mortos, do inferno eterno, da salvação pelo sangue de Cristo derramado na cruz, da crença na unicidade de nossa existência no plano físico e do sacramento católico da confissão, ou seja, do perdão gratuito de nossos pecados. Jesus e seus discípulos também reconhecem João Batista como sendo a reencarnação do profeta Elias: “Eu, porém, vos digo que Elias já veio, e não o reconheceram, antes fizeram com ele tudo quanto quiseram. [...] E, então, os discípulos entenderam que lhes falava a respeito de João Batista” (Mateus 17, 10-13). “E se quereis reconhecer, ele mesmo é Elias, que estava para vir: Quem tem ouvidos (para ouvir), ouça” (Mateus 11,14-15). Em João 3,3-10, Je-

sus mostra que todos temos que nascer **de novo**, ou seja, **reencarnar**, e não nascer **do alto**, como erroneamente traduzido por quem não crê na reencarnação: “Quem não nascer **de novo**, não pode ver o Reino de Deus” (João 3,3) (negrito meu). “Disse-lhe Nicodemos: ‘Como pode um homem nascer, sendo já velho? Poderá entrar uma segunda vez no seio de sua mãe e (re)nascer?’ [ou seja, **reencarnar**]” (João 3,4)? Em face desta pergunta de Nicodemos, a tradução “nascer do alto”, feita por quem não crê na reencarnação, fica totalmente sem nexos. Respondeu-lhe Jesus: “Em verdade, em verdade, te digo: quem não nascer **da água e do Espírito** não pode entrar no Reino de Deus” (João 3,5) (negrito meu). Esta tradução, como nos esclarece o escritor espírita Severino Celestino da Silva (SILVA, 2000, p. 226), está incorreta, pois, no texto original grego, não há artigo diante das palavras “**água**” e “**espírito**”; portanto, o texto fala em nascer “**de água e de espírito**”, e não nascer **da água do batismo, nem do espírito**, mas **de água** (materialmente, com o corpo denso/físico) e **de espírito** (pela reencarnação do espírito). Na época em que a Bíblia foi escrita, a água era o símbolo da natureza material, como o espírito o era da natureza inteligente. Por isso, as expressões: “Se o homem não nasce da água e do Espírito, ou melhor, **de água e de espírito**”, significam, pois: “Se o homem não renasce com seu corpo e sua alma”. Em suma, a expressão original grega é “**nascer de água e de espírito**”, que significa “nascer de novo” (**reencarnar**), e não “nascer do alto”.

Para concluir a última resposta deste meu 4º livro ecumênico, reafirmo que o *Sermão da Montanha* (Mateus 5-7) contém, de fato, as principais virtudes e os principais ensinamentos do código pluralista de moral (ou de ética) universal ensinado e vivido por Jesus (e por muitos outros líderes religiosos do mundo). Em nenhum versículo do *Sermão da Montanha*, Jesus prega a doutrina paulinista da salvação pela fé, mas a doutrina essencialmente moral e ética, segundo a qual os pobres em espírito, os humildes, os desapegados, os mansos, os caridosos, os justos, os que promovem a paz, os que sofrem por amor à justiça, os que amam o próximo (inclusive os que amam os inimigos), os que oram pelo próximo (inclusive os que oram pelos seus perseguidores) e os que procuram reconciliar-se com seus inimigos e perdoar-lhes as ofensas, esses todos é que estão disponíveis para o Reino dos Céus, através de múltiplas (re)encarnações no plano físico.

Eis aí, portanto, o resumo central do *Sermão da Montanha*, o coração do verdadeiro cristianismo que há de durar eternamente, em oposição frontal ao cristianismo dogmático e mítico, fundado por Paulo de Tarso (“**PAULINISMO**”), o qual vem sofrendo em todo o mundo um alarmante declínio ou colapso, nas últimas décadas, principalmente na velha Europa – sede do catolicismo – pelo fato de os cristãos dogmáticos paulinistas preferirem encobrir seus erros doutrinários, em vez de discuti-los abertamente através do diálogo ecumênico e inter-religioso.



CONCLUSÃO

Neste livrinho (*Paulinismo: a doutrina de Paulo em oposição à de Jesus*), defendi o ponto de vista segundo o qual o cristianismo de Paulo pouco ou nada tem a ver com o de Jesus. Argumentei que a doutrina de Paulo de Tarso é irracional, exclusivista, mítica e fundamentalista, enquanto a doutrina de Jesus de Nazaré (ou seja, do Jesus histórico) é racional, pluralista, um código de moral (ou de ética) universal, resumido na lei do amor, a única forma de religiosidade capaz de unir todas as religiões e todas as pessoas.

Conforme elucidado, até o século IV, o cristianismo dividia-se em duas correntes distintas, uma liderada pelos discípulos de Paulo e outra pelos seguidores dos apóstolos de Jesus. Quando, nesse mesmo século IV, o cristianismo tornou-se a religião oficial do Império Romano, a corrente paulina, ou melhor, **paulinista**, saiu-se vitoriosa. As ideias religiosas pagãs de Paulo, afáveis aos dominadores romanos, tornaram-se definitivamente o que hoje conhecemos como a religião cristã dogmática.

Como foi esclarecido nesta obra, “**paulinismo**” é um termo usado por diversos autores, desde o século passado, para referir-se ao cristianismo de Paulo de Tarso, em oposição ao cristianismo de Jesus (o “cristianismo das origens”). Esse termo é geralmente considerado pejorativo pelos cristãos dogmáticos, uma vez que carrega a implicação de que o cristianismo como é conhecido hoje é uma corrupção dos ensinamentos originais e autênticos de Jesus.

Mais explicitamente, a fé paulina é radicalmente diferente daquela encontrada em outras partes do Novo Testamento, mas é a fé cristã que vem dominando o mundo há dois mil anos. Por isso, vários pensadores contemporâneos julgam ser mais correto dizer que o que existe hoje é um “**paulinismo**”, e não o cristianismo autêntico do Jesus histórico.

Vimos também que as principais críticas da corrente antipaulina concentram-se em pontos polêmicos das epístolas atribuídas ao apóstolo Paulo. Nelas, entre outras coisas, Paulo defende, como vimos nesta obra, a obediência dos cristãos ao opressivo Império

Romano (afirmando que toda autoridade vem de Deus), bem como o pagamento de impostos, faz apologia da escravidão, legitima a submissão feminina e esboça uma doutrina exclusivista e mítica da salvação, através da morte e ressurreição de Cristo, distinta daquela que, segundo os teólogos antipaulinos, foi realmente defendida por Jesus (o Jesus histórico), ou seja, a nossa salvação, ou melhor, a nossa libertação (ou evolução espiritual), como ensina a Doutrina Espírita, não é fruto da fé na morte e ressurreição de Cristo, mas de nossas obras de amor-caridade, através de múltiplas (re)encarnações no plano físico.

Paulo de Tarso, influenciado pelo conhecimento pagão que tinha de várias outras religiões, bem mais antigas do que o cristianismo, transformou, com exclusividade, o “Jesus histórico” (**uma pessoa inteiramente humana**) no “Jesus mítico” (**uma pessoa totalmente divina**), o próprio Deus encarnado, o único Filho de Deus, nascido por obra e graça do Espírito Santo, o único mediador entre Deus e os homens, também chamado de “Cristo confessional”, “Cristo da fé”, “Cristo cósmico”, “Jesus canônico” e “Jesus ou Cristo mítico”, uma figura celeste, o Filho Unigênito de Deus, o único salvador da humanidade pecadora (mediante sua morte e ressurreição), o único Messias, o único Senhor e o fundador de uma nova e verdadeira religião (ou igreja).

Conforme esclarecido, a partir do final do século XVIII, com o surgimento dos estudos histórico-críticos dos Evangelhos, tornou-se comum fazer uma distinção muito constrangedora para a maioria dos cristãos entre o **Cristo da fé** e o **Jesus (ou Cristo) histórico**. Os próprios cristãos pesquisadores, particularmente os protestantes liberais, começaram a postular, ao longo dos seus estudos, que se trata de dois personagens distintos, ou melhor, de **duas maneiras antagônicas de ver a mesma pessoa de Jesus**: o “Cristo da fé”, visto como uma figura celeste a quem se atribui um papel mítico, sendo o próprio Deus que se encarnou miraculosamente no ventre de Maria, para salvar a humanidade, que fundou uma nova religião e uma igreja exclusivistas, e o “Jesus histórico”, visto como um personagem real, uma pessoa inteiramente humana, um profeta (um sábio), que nunca atribuiu a si mesmo os títulos míticos e exclusivistas de único Deus encarnado ou de único salvador da humanidade, mas

que veio ensinar ao homem uma forma de vida capaz de o libertar do mal e conquistar o Reino de Deus, **mediante a vivência de um código de leis morais universais**, resumido no *Sermão da Montanha* (Mateus 5-7).

Diante das concepções contraditórias acerca da pessoa de Jesus, quero reafirmar que defendi neste livro a tese de que o **Cristo (ou Jesus) histórico (uma pessoa totalmente humana)** é o **Jesus real – o Verdadeiro Jesus de Nazaré** – um dentre os muitos mensageiros de Deus, enviado à Terra para pregar um código de moral (ou de ética) universal, resumido na lei do amor, a única forma de religiosidade capaz de unir todas as pessoas e todas as crenças, e cuja prática é realmente indispensável para a evolução espiritual da humanidade. Somente a prática do amor-caridade, repito, nos fará evoluir espiritualmente.

Sem ter pretendido agredir a fé cristã dogmática (a qual merece todo o nosso respeito), nem diminuir o valor histórico do cristianismo e da Igreja Católica, mas apenas contribuir para o diálogo ecumênico e inter-religioso, bem como para o conhecimento da verdade que nos liberta (*“Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”*), abordei, sobretudo, a maior polêmica cristã de todos os tempos, que sempre foi (e continua sendo) sobre a verdadeira identidade (ou natureza) de Jesus. Nesse sentido, defendi a corrente cristológica segundo a qual **Jesus é só homem**, em contraposição à corrente cristã paulinista, segundo a qual **Jesus é Deus e homem**.

Reafirmo, neste meu 4º livro ecumênico, que não pretendi hostilizar ou agredir o cristianismo dogmático paulinista, mas apenas incentivar o diálogo inter-religioso em busca da verdade que nos liberta.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABHEDÂNANDA, Swâmi. *O Evangelho de Râmakrishna*. São Paulo: Pensamento, 1995.
- A *BÍBLIA de Jerusalém*. São Paulo: Edições Paulinas, 1981.
- ANDRADE, Jayme. *O Espiritismo e as igrejas reformadas*. 4. ed. São Paulo: EME, 1995.
- ARIAS, Juan. *Jesus, esse grande desconhecido*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- ARMOND, Edgard. *Religiões e filosofias*. 3. ed. São Paulo: Aliança, 1999.
- ARMSTRONG, Karen. *Uma História de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BAIGENT, Michael; LEIGH, Richard; LINCOLN, Henry. *O Santo graal e a linhagem sagrada*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1993.
- BARRERA, Pablo. Fragmentação do sagrado e crise das tradições na pós-modernidade. In: TRASFERETTI, José & GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes (Orgs.). *Teologia na Pós-Modernidade*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- BLAVATSKY, Helena P. *Glossário teosófico*. 4. ed. São Paulo: Ground, 2000.
- BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- _____. *Igreja: charisma e poder: ensaios de eclesiologia militante*. Edição revista. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.
- CASSARO, Richard Russell. O paralelismo com Osíris. In: KENYON, J. Douglas (org.). *O que a Bíblia não nos contou: a história secreta sobre as heresias da religião ocidental*. São Paulo: Pensamento, 2008.
- CHAVES, José Reis. *A Face oculta das religiões: uma visão racional da Bíblia*. 2. ed. São Paulo: Editora Bezerra de Menezes, 2006.
- COMBY, Jean. *Para ler a história da Igreja I: das origens ao século XV*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- COMMELIN, P. *Mitologia grega e romana*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

- CROSSAN, John Dominic. *Quem Matou Jesus? As raízes do antissemitismo na história evangélica da morte de Jesus*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- DAWKINS, Richard. *Deus, um delírio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- DONINI, Ambrogio. *Breve história das religiões*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965.
- EHRMAN, Bart D. *O Que Jesus disse? O que Jesus não disse?: quem mudou a Bíblia e por quê*. São Paulo: Prestígio, 2006.
- _____. *O Problema com Deus: as respostas que a Bíblia não dá ao sofrimento*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. 6. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.
- ELSBURG, Robert (Ed.) *Gandhi e o cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1996.
- FUNK, Robert W.; HOOVER, Roy W., and THE JESUS SEMINAR. *The Five Gospels: what did Jesus really say? The search for the authentic words of Jesus*. New York: Macmillan Publishing Company, 1993.
- FUNK, Robert W., and THE JESUS SEMINAR. *The Acts of Jesus: what did Jesus really do? The search for the authentic deeds of Jesus*. New York: Harper Collins, and Harper San Francisco, 1998.
- GANDON, Odile. *Deus e heróis da mitologia grega e latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- GRIESE, Franz. *La Desilusión de un sacerdote: la verdad científica sobre la religión cristiana*. 2. ed. reformada y aumentada. Buenos Aires: Editorial Cultura Laica, 1957.
- HARPUR, Tom. *O Cristo dos pagãos: a sabedoria antiga e o significado espiritual da Bíblia e da história de Jesus*. São Paulo: Pensamento, 2008.
- HART, Michael H. *As 100 maiores personalidades da história: uma classificação das pessoas que mais influenciaram a História*. 10. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2005.
- HICK, John (Org.). *The Myth of God incarnate*. London: SCM Press, 1977.
- _____. *Philosophy of religion*. 4. ed. Upper Saddle River, New Jersey: Prentice Hall, 1990.

- HICK, John & KNITTER, Paul (Orgs.). *The Myth of Christian uniqueness, toward a pluralistic theology of religions*. New York: Orbis Book, 1987.
- HISLOP, Dr. John S. *Meu Baba e eu: vivências com o mestre indiano Sri Sathya Sai Baba*. Rio de Janeiro: Nova Era, 2003.
- HOONAERT, Eduardo. *Origens do cristianismo: uma leitura crítica*. Brasília: Editora Ser, 2006.
- JOMANO. *Onde está Deus*. São Paulo: Elevação, 2001.
- KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo. A Codificação da doutrina espírita: obras completas de Allan Kardec*. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1997.
- KENYON, J. Douglas (org.). *O que a Bíblia não nos contou: a história secreta sobre as heresias da religião ocidental*. São Paulo: Pensamento, 2008.
- KERSTEN, Holger. *Jesus viveu na Índia: a desconhecida história de Cristo antes e depois da crucificação*. 17. ed. São Paulo: Best Seller, 1986.
- KREPPOLD, Guido. *Entendendo os dogmas: a roupagem humana das verdades de fé cristãs*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- KÜNG, Hans. *A Igreja Católica*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- LEWIS, H. Spencer. *A Vida mística de Jesus*. 7. ed. Curitiba-Paraná: Biblioteca da Ordem Rosacruz – AMORC, 1997.
- MATHER, George A.; NICHOLS, Larry A. *Dicionário de religiões, crenças e ocultismo*. São Paulo: Vidas, 2000.
- MIRANDA, Hermínio C. *Cristianismo: a mensagem esquecida*. Matão, São Paulo: O Clarim, 1988.
- PAULA, Caco de. O Iluminado. *Super Interessante*, Edição 174, p. 40, 2002.
- PEDREIRA, Eduardo Rosa. *Do Confronto ao encontro: uma análise do cristianismo em suas posições ante os desafios do diálogo inter-religioso*. São Paulo: Paulinas, 1999.
- RAMACHÁRAKA, Yogue. *A Vida depois da morte*. São Paulo: Pensamento, 1998.
- RAMATIS. *O Evangelho à luz do cosmo*. Psicografia de Hercílio Maes. 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1996.
- RENAN, Ernest. *Paulo: o 13º apóstolo*. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- RIFFARD, Pierre A. *O Esoterismo*. São Paulo: Mandarim, 1996.

- RINALDI, Natanael; ROMEIRO, Paulo. *Desmascarando as seitas*. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.
- ROHDEN, Huberto. *O Sermão da Montanha*. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- _____. *Bhagavad Gita*. 11. ed. São Paulo: Martin Claret. s.d.
- SILVA, Severino Celestino da. *Analisando as Traduções Bíblicas: refletindo a essência da mensagem bíblica*. 2. ed., João Pessoa-Paraíba, 2000.
- SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. *Dicionário enciclopédico das religiões*. Petrópolis: Vozes, 1995. v. 1 e 2.
- SCHURÉ, Édouard. *Krishna: Coleção Os Grandes Iniciados: esboço da história secreta das religiões*. São Paulo: Martin Claret Editores, 1986.
- SOUZA, José Pinheiro de. *Entrevistas com Jesus: reflexões ecumênicas*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2005.
- _____. *Entrevistas com Jesus: reflexões ecumênicas*. 2. ed. revista e ampliada. Publicação disponível em <http://www.pinheiro.souza.nom.br>, Fortaleza, 2007.
- _____. *Mitos Cristãos: desafios para o diálogo religioso*. Divinópolis (MG): GEEC Publicações, 2007.
- _____. *Catecismo ecumênico: 200 perguntas e respostas à luz da "fé raciocinada"*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2010.
- TABOR, James D. *A Dinastia de Jesus: a história secreta das origens do cristianismo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- VASCONCELOS, Yuri. O Homem que inventou Cristo. *SUPER Interessante*. Edição 195, dez. 2003.
- YOUNG, Frances. A Cloud of witnesses. In: HICK, John (Org.). *The Myth of God incarnate*. London: SCM Press, 1977.

APÊNDICE A

RESUMO DO “PAULINISMO”

Resumirei neste Apêndice A alguns dos pontos principais da doutrina de Paulo de Tarso (**Paulinismo**).

Paulinismo é o termo usado, desde o século passado, por diversos estudiosos do cristianismo, para expressar o ponto de vista segundo o qual a religião ocidental dominante deste planeta, repleta de dogmas e de mitos exclusivistas e divisionistas, inicialmente pregada por Paulo de Tarso em suas cartas (ou em cartas a ele atribuídas), por ser radicalmente oposta aos ensinamentos originais e autênticos de Jesus (do “Jesus histórico” em contraposição ao “Cristo da fé”), é um “**PAULINISMO**”, e não um “**CRISTIANISMO**”.

Sem pretender hostilizar ou agredir o cristianismo tradicional (o qual merece todo o nosso respeito, como qualquer outra religião), mas apenas incentivar o diálogo inter-religioso em busca da verdade que nos liberta (“*Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará*”), argumento que concordo plenamente com o uso do termo “paulinismo”, para expressar o que conhecemos hoje como “cristianismo”, em oposição aos ensinamentos autênticos de Jesus, e foi por isso mesmo que resolvi escrever o presente livrinho (“Paulinismo: a doutrina de Paulo em oposição à de Jesus”), no qual argumento que a doutrina de Paulo de Tarso (**paulinismo**) é não somente oposta à de Jesus, mas é também a causa dos principais erros da teologia cristã dogmática.

Convém esclarecer que os Evangelhos canônicos (Mateus, Marcos, Lucas e João) são quase todos baseados na doutrina central de Paulo de Tarso da salvação pela fé em Cristo morto e ressuscitado. Também o livro dos Atos dos Apóstolos é, quase todo, uma defesa do lugar central de Paulo como o “décimo terceiro” apóstolo.

As 13 cartas de Paulo foram escritas entre os anos 50-60 d.C. O Evangelho de Marcos (o mais antigo de todos os Evangelhos canônicos) foi escrito por volta do ano 70 d.C., após a morte de Paulo, e é um primeiro transmissor da mensagem pregada por Paulo. Tanto Mateus quanto Lucas, que usaram Marcos como sua prin-

cipal fonte narrativa, passaram adiante o núcleo da mensagem de Marcos, pregada antes por Paulo. O Evangelho de João, pelo menos em teologia, também reflete a essência da concepção que Paulo tinha do Jesus mítico: Cristo como divino e preexistente Filho de Deus, que assumiu a forma humana, morreu na cruz pelos pecados do mundo e ressuscitou para a glória celestial à direita de Deus, tornou-se a mensagem cristã central (**PAULINISMO**).

A maioria dos textos do Novo Testamento, incluindo obviamente as epístolas de Paulo, são narrativas lendárias, míticas, e não históricas, como já dizia o famoso teólogo protestante alemão Rudolf Bultmann (1864-1976), o qual defendia a ideia de que os Evangelhos, se interpretados *literalmente*, nada mais são que uma coleção de mitos, e não de verdades históricas absolutas, como defendem, há dois mil anos, os cristãos paulinistas, os quais interpretam os textos bíblicos **literalmente como verdades históricas absolutas e exclusivas do cristianismo**.

A doutrina central do cristianismo dogmático (**paulinismo**) é centrada no “Jesus mítico” (um personagem celeste/divino), e não no “Jesus histórico” (um personagem inteiramente humano). Ou seja, o Jesus de Paulo é o mítico, e não o histórico, e foi Paulo mesmo quem transformou o Jesus histórico no Jesus mítico (**Deus encarnado**), a fim de satisfazer interesses romanos (já que ele era cidadão romano) e para igualar Jesus a outras divindades cultuadas no Império Romano. Em minhas obras ecumênicas, defendo (com muitos outros autores) a tese de que Jesus foi mesmo endeusado pelas mãos de Paulo de Tarso.

1- QUAL O MAIOR ERRO DOUTRINÁRIO DO CRISTIANISMO DOGMÁTICO PAULINISTA?

Na minha visão (e na de muitos outros estudiosos críticos do cristianismo), o maior erro doutrinário do cristianismo paulinista é **o dogma da divindade de Jesus**, segundo o qual Jesus é *literalmente* Deus encarnado, uma pessoa totalmente divina, com duas naturezas (a divina e a humana).

O dogma da divindade de Jesus é, indubitavelmente, o fundamento de todo o cristianismo tradicional (**paulinismo**) e é a maior

causa dos erros doutrinários do cristianismo. Se esse dogma é literalmente falso, como, de fato, argumento que o é, falsos são também todos os demais dogmas ou mitos cristãos que dependem dessa crença literal na divindade de Cristo, tais como: a trindade, o nascimento miraculoso de Jesus, sua morte expiatória, sua ressurreição dos mortos, sua unicidade salvífica e da religião (ou igreja) por ele supostamente instituída, seu retorno físico por ocasião do suposto juízo final, o batismo das crianças, a maternidade divina e a virgindade perpétua de sua mãe etc.

Segundo o ponto de vista que defendo, a crença de que Jesus é literalmente Deus encarnado, Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, não é uma verdade histórica, mas um mito, por sinal, o mito cristão fundamental, do qual, repito, dependem todos os demais dogmas ou mitos do cristianismo tradicional (**paulinismo**).

Argumento que o Jesus histórico nunca declarou ser uma pessoa divina (no sentido literal da palavra). As passagens evangélicas que lhe atribuem tal declaração (por ex., Mateus 26,63-64; Marcos 14,62; João 10,30;14,9-10) foram criações dos evangelistas para enaltecer a sua pessoa e para dar credibilidade exclusiva ao cristianismo dogmático.

Nas palavras do escritor inglês John Hick (o maior teólogo pluralista do mundo),

o Jesus histórico não advogou para si ser Deus, Filho de Deus, segunda pessoa da Trindade, encarnado, e a doutrina da encarnação é uma criação da Igreja, apenas finalmente definida no Concílio de Calcedônia no ano 451, depois de mais de quatro séculos de muitas lutas e brigas entre as maiores lideranças do cristianismo primitivo (HICK, 1977, p. ix-x).

O Jesus histórico não pode ter cometido a blasfêmia de ter declarado ser “Filho de Deus” – no sentido *literal, natural* – como dogmatizaram os cristãos, fundamentados na mitologia de muitos povos antigos, principalmente na mitologia greco-romana, em que as encarnações e filiações divinas (no sentido natural/biológico) eram vistas como fenômenos normais.

Convém lembrarmos que, como o Cristo da fé, também Hórus (do Egito) era visto como Deus encarnado, o Filho de Deus, o Salvador do mundo, nascido de um parto virginal e filho de uma mãe

divina. Como o Cristo da fé, também Hórus era “o Senhor da luz” [...], “o Caminho, a Verdade e a Vida” (HARPUR, 2008, p. 88 e 93).

No sentido analógico/metafórico/honorífico/simbólico, ninguém comete blasfêmia ao chamar Jesus de “Filho de Deus”. Aliás, nesse sentido, todos nós somos “filhos de Deus”, uns apenas mais adiantados que outros na carreira evolutiva, por serem mais antigos, ou por já terem trabalhado mais no caminho da perfeição.

2-COMO EXPLICAR O ENDEUSAMENTO DE JESUS?

O costume mitológico de “divinizar” (“deificar” ou “endeusar”), isto é, de transformar em “deuses” ou em “descendentes de deuses”, personagens importantes da História (como reis, imperadores, guerreiros, líderes religiosos etc.) era muito comum entre os povos antigos, uma vez que todos eram mitológicos. Na Grécia, por exemplo, como afirma o mitólogo Odile Gandon,

para aumentar a importância dos ancestrais, reis ou chefes guerreiros cujos feitos eram contados, cada cidade, cada região do mundo helênico transformava-os em descendentes de um deus ou de uma deusa (GANDON, 2000, p. 15).

Por conseguinte, a “divinização” que os cristãos atribuíram a Jesus tem explicação na velha estratégia mítica utilizada por todos os povos antigos de enaltecer as qualidades de uma pessoa que se destacava das demais por suas ações. Assim, os reis, os imperadores, os heróis, os grandes profetas e os grandes líderes religiosos eram tão enaltecidos, a ponto de as pessoas os transformarem num “filho de Deus”, ou numa “encarnação da divindade”, não no sentido metafórico ou honorífico, mas no sentido biológico da palavra. Na verdade, ainda hoje, em alguns países, por exemplo, no Nepal, monarcas são considerados literalmente um “deus encarnado” ou um “filho de Deus”. Na Índia, o grande mestre Sai Baba também era visto por seus seguidores como “Deus encarnado”.

Do mesmo modo, os escritores cristãos da Igreja primitiva (sobretudo Paulo e João), influenciados pela cultura mitológica dominante da época (a cultura greco-romana), onde era muito comum a crença em “encarnações divinas” e em “filiação divina”, não no sentido adotivo (metafórico, analógico, honorífico, simbólico), mas no

sentido natural (físico/biológico), para enaltecer ao máximo a pessoa de Jesus e as suas ações e, sobretudo, para dar credibilidade ao cristianismo nascente, absolutizaram-no, endeusando-o e fazendo-o superexclusivista, o único “Filho de Deus”, o único Deus encarnado (no sentido natural dessas expressões), o único salvador da humanidade, o único mediador entre Deus e os homens, o único fundador da verdadeira religião, o único que verdadeiramente ressuscitou dos mortos etc., como bem expresso em passagens do Novo Testamento como estas: **“E não há salvação em nenhum outro, pois não existe debaixo do Céu outro nome dado aos homens, pelo qual tenhamos de ser salvos (Atos 4,12) . “Pois Deus é um só, e um só também o Mediador entre Deus e os homens: esse homem, que é Cristo Jesus, que se entregou à morte para resgatar a todos” (1 Timóteo 2,6).** (negrito meu)

3- EXISTEM PROVAS BÍBLICAS DE QUE CRISTO NÃO É DEUS?

Com certeza. Existem, de fato, várias passagens bíblicas que comprovam claramente que Cristo não é literalmente Deus encarnado, como as que apresento a seguir:

1. Se Cristo fosse Deus mesmo, ele não poderia ser **o mediador entre Deus e os homens, “porquanto há um só Deus, e um só mediador entre Deus e os homens, um homem, Cristo Jesus” (1 Timóteo 2,5)** (negrito meu). Essa passagem bíblica nos fornece duas provas claras de que Cristo não é Deus: a primeira prova é a de que ele é apenas **mediador** entre Deus e os homens (e não o próprio Deus, **“porquanto há um só Deus”**); e a segunda prova é a de que o mediador Cristo é só homem (**“um homem, Cristo Jesus”**).
2. Nos Evangelhos de Marcos e Lucas, temos a seguinte passagem, ou melhor, o seguinte diálogo (entre certo homem de posição e Jesus), que também comprova que Cristo não é Deus: **“Bom Mestre, que devo fazer para herdar a vida eterna?”** Jesus respondeu: **“Por que me chamas bom? Ninguém é bom, senão só Deus!”** (Marcos 10, 17-18; Lucas 18, 18-19) (negrito meu). Cristo, nessa sua resposta ao homem de posição, nega-lhe que seja **“Bom”** e, logo, que seja **Deus**, pois **“Ninguém é bom, senão só Deus!”**
3. Cristo também não pode ser Deus, porque ele mesmo, em várias passagens evangélicas, expressa uma aberta inferioridade e su-

bordinação em relação ao Pai: INFERIORIDADE no SABER, no PODER e no SER (cf. GRIESE, 1957, p. 23-24):

- a) **INFERIORIDADE NO SABER:** “Daquele dia e daquela hora ninguém sabe, nem mesmo os anjos do céu, nem tampouco o Filho, mas somente o Pai” (Mateus 24,38; Marcos 13,32).
- b) **INFERIORIDADE NO PODER:** “O poder de sentar-se à minha direita ou à minha esquerda não é de minha competência, mas somente de meu Pai” (Mateus 20,23). “Eu não posso fazer nada por mim mesmo” (João 5,30). “Desci do céu, não para fazer a minha própria vontade, mas para fazer a vontade daquele que me enviou” (João 6,38).
- c) **INFERIORIDADE NO SER:** “O Pai é maior do que eu” (João 14,28). Em várias outros trechos do mesmo Evangelho de João, ele mostra que Cristo não era Deus, mas um “enviado de Deus” (João 4,34; 5,24; 6,44; 7,29; 8,26; 12,45; 17,3) e é claro que um enviado é sempre inferior àquele que o enviou. Jesus também teria afirmado: “Subirei ao meu Pai e ao vosso Pai, ao meu Deus e ao vosso Deus” (João 20, 17); e também teria dito: “Eu rogarei ao Pai” (João 14,16 e 16,26) e o que roga é obviamente inferior ao rogado.

A maior prova bíblica, contudo, de que Cristo não é Deus refere-se ao fato de que ele (o Cristo da fé) **ERROU**, ao prometer que retornaria ao mundo, enquanto ainda estivessem vivos alguns de seus apóstolos, profecia que não se cumpriu. Logo, Cristo não é Deus, pois Deus não pode errar. A matéria completa sobre esse erro de Cristo se encontra na resposta da Pergunta nº 155 de meu livro *Catecismo Ecumênico* e no meu *blog* – **Blog do Pinheiro: Diálogo Inter-Religioso** – (www.jpinheirosouza.blog.uol.com.br) (datas da publicação: 25 e 31/8/2008 e 22/6/2009).

4- POR QUE JESUS NÃO É LITERALMENTE “FILHO DE DEUS”?

Porque Deus não é literalmente “pai” de ninguém. Simbolicamente (metaforicamente), podemos dizer que Jesus é “Filho de Deus”, mas literalmente, não, pois Deus, sendo puro espírito, infinito, imaterial, não pode “gerar filho”. Nesse contexto, convém citar o que diziam vários escritores dos primeiros séculos do cristianismo, como, entre outros, Celso (séc. I) e Porfírio (séc. II): “A Encarnação

é um absurdo. Deus, o perfeito, o imutável, não pode rebaixar-se a ponto de se tornar uma criancinha” (apud COMBY, 1996, p. 35).

A grande maioria dos cristãos continua defendendo, contudo, o dogma mítico e errôneo segundo o qual Jesus é *literalmente* “Filho de Deus”, isto é, “Filho de Deus” no sentido *natural*, e não no sentido *analógico* ou *metafórico*.

5- QUE TIPO DE LINGUAGEM USAMOS PARA FALAR SOBRE DEUS?

A linguagem religiosa para falar sobre Deus é tipicamente *analógica* ou *metafórica*, pois o ser humano só pode falar sobre Deus fazendo uso dos recursos limitados que sua linguagem lhe oferece: analogias, comparações, parábolas, alegorias, metáforas, imagens, símbolos etc., uma vez que Deus não pode ser *literalmente* definido por meio de nossos limitados conceitos humanos.

Mais explicitamente, como já diziam os filósofos e teólogos escolásticos, particularmente Santo Tomás de Aquino (cf. HICK, 1990, p. 83-84), toda linguagem humana sobre Deus é sempre *analógica* (fundada na “analogia”), ou seja, é a expressão do desconhecido e do inexprimível em termos do conhecido.

Por conseguinte, não podemos confundir sentido figurado/metafórico com sentido literal da linguagem humana. Com base nessa distinção, Jesus não é *literalmente* Deus nem “Filho de Deus”, uma pessoa totalmente divina, com duas naturezas, como foi dogmatizado no Concílio de Niceia, no ano 325 da era cristã, e confirmado no Concílio de Calcedônia, no ano 451. Como pode Jesus ser *literalmente* “Filho de Deus”, se Deus também não é *literalmente* “Pai” de ninguém, no sentido *biológico*, a não ser no reino da mitologia?

E se Deus não é *literalmente* “Pai”, ninguém pode ser *literalmente* “filho de Deus”.

6- QUAL É O SEGUNDO MAIOR ERRO DO CRISTIANISMO PAULINISTA?

Na minha visão, o segundo maior erro do cristianismo paulinista é o chamado **mito da unicidade cristã**, segundo o qual o cristianismo é uma religião “exclusiva”, “excepcional” e “única”, o que não é verdade, pois, como comprovo em todas as minhas obras ecumênicas,

particularmente neste livrinho, o cristianismo não é uma religião “exclusiva”, “excepcional” e “única”, pois ele tem muito em comum com muitas outras religiões, bem mais antigas do que o cristianismo: os mesmos ritos, os mesmos mitos, as mesmas lendas etc.

Na resposta da Pergunta nº 58 deste livro, cito um autor inglês, chamado Gerald Massey, que

isolou 180 exemplos de semelhança muito próxima ou identidade real entre Hórus, o Cristo do velho Egito, e o Jesus do Evangelho.

O Egito foi verdadeiramente o berço da figura do Jesus dos Evangelhos. Ali já existia a história de como o filho divino “deixou as cortes celestiais”, conforme Massey descreve, e desceu à terra como o bebê Hórus. Nascido de uma virgem (por meio de quem “ele se fez carne”, ou entrou na matéria), ele depois se tornou um substituto da humanidade, desceu ao Hades como o ressuscitador dos mortos, capaz de perdoá-los e redimi-los (HARPUR, p. 88) (negrito meu).

Como já dizia o escritor anticatólico Celso (séc. II), “a religião cristã nada contém exceto o que os cristãos têm em comum com os pagãos; nada novo” (apud HARPUR, Tom. *O Cristo dos Pagãos*, p. 43).

Os estudos comparativos das religiões revelam que quase todas as crenças tradicionais do mundo repousam em uma história central do filho de um rei celestial que desce para um mundo de trevas inferior, sofrendo, morrendo e ressuscitando, antes de voltar ao seu mundo superior de origem. Representada em um ritual dramático tocante, multifacetado, a história nos diz como esse rei/deus conquista a vitória sobre seus inimigos, tem um cortejo triunfante e é entronizado nas alturas. **Os pesquisadores dedicados ao estudo comparativo das religiões fizeram listas de trinta a cinquenta desses avatares ou salvadores**, incluindo Osíris, Hórus, Krishna, Baco, Orfeu, Hermes, Balder, Adônis, Hércules, Átis, Mitra, Tamuz da Síria, Tor (filho de Odin), Bedru do Japão, Deva Tat do Sião, e muitos outros (HARPUR, p. 50-51) (negrito meu).

Duas das divindades mais populares da Grécia antiga, cuja história, seus ritos e suas festas antecipam efetivamente, sob muitos aspectos, a religião cristã, são precisamente “Deméter” (a “mãe” de Deus) e “Dioniso” (o “filho” de Deus). Aliás, o termo “Dioniso” (da língua trácio-frígia – “**dioniso**”) significa etimologicamente “filho de deus” – “**dio-niso**” (cf. DONINI, p. 145, nota 26). A história de Dioniso,

o deus libertador, o “filho de deus”, é muito semelhante à história do “Cristo da fé”, o Filho de Deus e o libertador (salvador) da humanidade, conforme o cristianismo paulinista.

Em suma, o cristianismo dogmático e mítico (**paulinismo**) é quase todo de origem pagã, uma vez que é cópia, repetição ou plágio de temas ou ideias estabelecidas ao longo de muitos séculos ou milênios antes de Cristo, como comprova o escritor Tom Harpur (ex-pastor anglicano), em sua obra *O Cristo dos Pagãos: a sabedoria antiga e o significado espiritual da Bíblia e da história de Jesus* (HARPUR, 2008).

Tom Harpur esclarece que, como o Cristo da fé, também Hórus (do Egito) era visto como Deus encarnado, o Filho de Deus, o Salvador do mundo, nascido de um parto virginal e filho de uma mãe divina. Como o Cristo mítico, também Hórus era “o Senhor da Luz” [...], “o Caminho, a Verdade e a Vida” (HARPUR, p. 88 e 93).

Sigmund Freud, fundador da psiquiatria moderna, já dizia que a Bíblia judaico-cristã era um “plágio total” das mitologias sumérias e egípcias. Segundo a Doutora Anna Bônus Kingsford, “os livros sagrados hebraicos são todos de origem egípcia”. **Havia até mesmo um Jesus mítico nas tradições egípcias muitos milhares de anos antes de Cristo. O nome dele era lusu, ou lusa, com o significado de “o Filho divino que virá para curar ou salvar”** (HARPUR, p. 19) (negrito meu).

7- O PAULINISMO CONFUNDE MITO COM VERDADE HISTÓRICA?

Com certeza. Outro grande erro do paulinismo é **confundir mito com verdade histórica**, ou seja, **transformar verdades míticas**, comuns a muitas outras religiões, **em verdades históricas absolutas e exclusivas do cristianismo**, como por exemplo, a interpretação literal paulinista de Jesus com Deus encarnado, Filho de Deus e Deus o Filho, Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, nascido miraculosamente de uma virgem.

Este erro é também chamado de **historicização e interpretação literal de mitos**. Os mitos devem ser interpretados simbolicamente, e não literalmente.

8-É MESMO CORRETO DISTINGUIR O “JESUS HISTÓRICO” DO “JESUS MÍTICO”?

Sim. Em todas as minhas obras ecumênicas, defendo a tese de que é preciso distinguir (com muitos outros autores, desde o final do século XVIII) **duas maneiras antagônicas de ver a mesma pessoa de Jesus**: o “Jesus (ou Cristo) histórico” (**uma pessoa inteiramente humana**) e o “Jesus (ou Cristo) mítico” (**uma pessoa totalmente divina**), também chamado de “Cristo da fé”, “Cristo confessional”, “Cristo cósmico”, “Jesus canônico”, uma figura celeste, o Filho Unigênito de Deus, o único salvador da humanidade pecadora pelo seu sangue derramado na cruz, o único Messias, o fundador de uma nova e verdadeira religião ou igreja (o cristianismo dogmático).

Mais precisamente, a partir do final do século XVIII, com o surgimento dos estudos histórico-críticos dos Evangelhos, tornou-se comum fazer uma distinção muito constrangedora para a maioria dos cristãos entre o **Cristo da fé** e o **Jesus (ou Cristo) histórico**. Os próprios cristãos pesquisadores, particularmente os protestantes liberais, começaram a postular, ao longo dos seus estudos, que se trata de dois personagens distintos, ou melhor, de **duas maneiras antagônicas de ver a mesma pessoa de Jesus**: o “Cristo da fé”, visto como uma figura celeste a quem se atribui um papel mítico, sendo o próprio Deus que se encarnou miraculosamente no ventre de Maria, para salvar a humanidade, que fundou uma nova religião e uma igreja exclusivistas, e o “Jesus histórico”, visto como um personagem real, uma pessoa inteiramente humana, um profeta (um sábio), que nunca atribuiu a si mesmo os títulos míticos e exclusivistas de único Deus encarnado ou de único salvador da humanidade, mas que veio ensinar ao homem uma forma de vida capaz de o libertar do mal e conquistar o Reino de Deus, **mediante a vivência de um código de leis morais universais**, resumido no *Sermão da Montanha* (Mateus 5-7).

Com base nas duas maneiras antagônicas de ver Jesus, repito que a doutrina de Paulo de Tarso (**paulinismo**), ou seja, a doutrina central do cristianismo dogmático, é centrada no “Jesus mítico” (um personagem celeste/divino), e não no “Jesus histórico” (um perso-

nagem inteiramente humano). Ou seja, o Jesus de Paulo é o mítico, e não o histórico, e foi Paulo mesmo quem transformou o Jesus histórico no Jesus mítico (**Deus encarnado**), a fim de satisfazer interesses romanos (já que ele era cidadão romano) e para igualar Jesus a outras divindades cultuadas no Império Romano. Em suma, Jesus foi endeusado pelas mãos de Paulo de Tarso.

9- QUAL É MESMO A DOCTRINA CENTRAL DE PAULO?

A doutrina central de Paulo é a da salvação da humanidade pela fé em Cristo morto e ressuscitado: **“Porque se confessares com tua boca que Jesus é Senhor e creres em teu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo”** (Romanos 10,9) (negrito meu). “O justo viverá pela fé” (Romanos 1,17). “Ninguém será justificado pelas obras da lei” (Romanos 3, 20). “Nós sustentamos que o homem é justificado pela fé, sem as obras da lei” (Romanos 3,28). A Epístola aos Romanos é considerada a síntese da doutrina de Paulo e do cristianismo paulinista.

10- E QUAL É A DOCTRINA CENTRAL DE JESUS?

Jesus, ao contrário de Paulo, não pregava a salvação, ou melhor, a libertação ou evolução espiritual da humanidade, pela fé (pela crença), mas pelas boas ações, ou seja, mediante a prática de um código de moral (ou de ética) universal, resumido na lei do amor, como bem sintetizado no *Sermão da Montanha* (Mateus 5-7): a humildade, o desapego, a pureza da alma ou espírito, a mansidão, a caridade, a justiça, a paz, o sofrimento, o amor aos inimigos, a oração pelos perseguidores, a reconciliação, o perdão e a **reencarnação**. O *Sermão da Montanha* é considerado o resumo dos ensinamentos autênticos de Jesus, ou seja, do cristianismo verdadeiro que há de durar eternamente, em oposição ao cristianismo paulinista, o qual vem sofrendo em todo o mundo um alarmante declínio ou colapso, nas últimas décadas, principalmente na velha Europa – sede do catolicismo – pelo fato de os cristãos dogmáticos paulinistas preferirem encobrir seus erros doutrinários, em vez de discuti-los abertamente através do diálogo ecumênico e inter-religioso.

11- O QUE O JESUS HISTÓRICO DISSE E FEZ?

É muito importante saber distinguir nos Evangelhos canônicos aquilo que foi dito e/ou feito pelo Jesus histórico daquilo que foi dito e/ou feito pelo Jesus mítico.

De acordo com os pesquisadores do Seminário de Jesus, instituição americana, composta por muitos pesquisadores, que há anos se dedicam ao estudo do Jesus histórico, apenas 18% (dezoito por cento) do total de palavras atribuídas a Jesus nos Evangelhos são consideradas autênticas, e somente 16% (dezesesseis por cento) do total de ações atribuídas a Jesus nos Evangelhos são, de fato, consideradas autênticas (cf. FUNK & THE JESUS SEMINAR, 1998, p. 1).

Nas passagens evangélicas do Jesus mítico, encontramos a mesma doutrina de Paulo de Tarso. Exemplo: “Em verdade, em verdade, vos digo: quem escuta a minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna e não vem a juízo, mas passou da morte à vida” (João 5,24).

Em contraposição a essa passagem evangélica do Jesus mítico, existe a seguinte passagem do Jesus histórico: “Nem todo aquele que me diz ‘Senhor, Senhor’ entrará no Reino dos Céus, mas sim, aquele que pratica a vontade de meu Pai que está nos céus” (Mateus 7,21).

Outro versículo evangélico falsamente atribuído a Jesus é este: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulas, **batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo**” (Mateus 28,19) (negrito meu).

Esta passagem, intercalada no Evangelho de Mateus, com a finalidade de provar a autenticidade da doutrina paulina da Trindade, não é de autoria do Jesus histórico, mas do evangelista Mateus.

O mesmo se diga de inúmeras outras passagens evangélicas, como a da suposta fundação da Igreja por Jesus: “Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei **minha Igreja**, e as portas do Inferno nunca prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do Reino dos céus e o que ligares na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus (Mateus 16, 18-19) (negrito meu).

Esta passagem não se encontra em nenhum outro evangelho e em nenhum outro escrito canônico ou apócrifo do Novo Testamento, o que constitui uma das maiores provas de sua inautenticidade. Atualmente, vários teólogos (incluindo católicos) negam que o Jesus histórico tenha instituído uma igreja.

12- HÁ MESMO DOIS CRISTIANISMOS?

Sim. Em todas as minhas obras ecumênicas, defendo também a tese de que é preciso distinguir **duas modalidades antagônicas de cristianismo**: 1) **o cristianismo de Jesus (ou de Cristo)**, também chamado de “cristianismo das origens”, um código de moral universal, resumido na lei do amor, pluralista, unificador, no dizer Allan Kardec, “o terreno onde todos os cultos podem se reencontrar, a bandeira sob a qual todos podem se abrigar, quaisquer que sejam suas crenças, porque jamais foi objeto de disputas religiosas, sempre e por toda parte levantadas pelas questões de dogma” (KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Introdução, 1º parágrafo), e 2) **o cristianismo dos cristãos (PAULINISMO)**, caracterizado, sobretudo, por um conjunto de dogmas (ou **mitos**) exclusivistas e divisionistas, fragmentado em centenas de igrejas e seitas, objeto de inúmeras controvérsias e de numerosos conflitos ao longo de sua história.

Diante desses **dois cristianismos**, ou melhor, dessas **duas modalidades antagônicas de cristianismo**, argumento, em todas as minhas obras ecumênicas, que **o cristianismo dos cristãos**, também chamado de **cristianismo dogmático e mítico** (porque fundamentado em dogmas e mitos), é, sobretudo, obra de **Paulo de Tarso (PAULINISMO)**, e não de Jesus de Nazaré, cuja doutrina autêntica não contém nenhum dogma de fé, mas resume-se, como já foi dito, num código de moral (ou de ética) universal, sintetizado na lei do amor, como bem expresso no chamado *Sermão da Montanha* (Mateus 5-7).

13- QUAL A SÍNTESE DA DOCTRINA DE JESUS NO SERMÃO DA MONTANHA?

O resumo do código de moral (ou de ética) universal ensinado por Jesus no Sermão da montanha é este:

1. **A humildade e o desapego:** “Bem-aventurados os pobres em espírito!” (Mateus 5,3), ou seja, felizes os humildes e desapegados dos bens materiais.
2. **A pureza da alma ou espírito:** “Bem-aventurados os puros de coração” (Mateus 5,8).
3. **A mansidão:** “Bem-aventurados os mansos...” (Mateus 5,4).
4. **A caridade:** “Bem-aventurados os misericordiosos” (Mateus 5,7).
5. **A justiça:** “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça” (Mateus 5,6).
6. **A paz:** “Bem-aventurados os que promovem a paz” (Mateus 5,9).
7. **O sofrimento:** “Bem-aventurados os aflitos” (Mateus 5,5). “Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça” (Mateus 5,10).
8. **O amor aos inimigos:** “Amai os vossos inimigos” (Mateus 5,44).
9. **A oração pelos perseguidores:** “Orai pelos que vos perseguem” (Mateus 5,44).
10. **A reconciliação e o perdão:** “Se estiveres para trazer a tua oferta ao altar e ali te lembrares de que o teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa a tua oferta ali diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão; e depois virás apresentar a tua oferta” (Mateus 5,23-24).
11. **A reencarnação:** “Ninguém deixará de pagar até o último centavo” (Mateus 5,26; Lucas 12,59), ou seja, até o espírito se tornar purificado através de múltiplas (re)encarnações, ensinamento este que nega radicalmente os dogmas cristãos paulinistas da ressurreição dos mortos, do inferno eterno, da salvação pelo sangue de Cristo derramado na cruz, da crença na unicidade de nossa existência no plano físico e do sacramento católico da confissão, ou seja, do perdão gratuito de nossos pecados.

Em suma, reafirmo que o *Sermão da Montanha* (Mateus 5-7) contém, de fato, as principais virtudes e os principais ensinamentos do código pluralista de moral (ou de ética) universal ensinado e vivido por Jesus (e por muitos outros líderes religiosos do mundo).

14- EM ALGUM VERSÍCULO DO *SERMÃO DA MONTANHA*, JESUS PREGA A DOUTRINA PAULINISTA DA SALVAÇÃO PELA FÉ?

De modo algum. Em nenhum versículo do *Sermão da Montanha*, Jesus prega a doutrina paulinista exclusivista da salvação so-

mente pela fé, mas a doutrina essencialmente moral e ética, segundo a qual a nossa salvação, ou melhor, a nossa libertação ou evolução espiritual, é fruto de nossos próprios esforços ao longo de múltiplas (re)encarnações no plano físico, em contraposição à doutrina cristã paulinista, segundo a qual a salvação é de graça, basta crer em Cristo morto e ressuscitado, e os nossos pecados serão perdoados gratuitamente.

No *Sermão da Montanha*, Jesus prega que os pobres em espírito, os humildes, os desapegados, os mansos, os caridosos, os justos, os que promovem a paz, os que sofrem por amor à justiça, os que amam o próximo (inclusive os que amam os inimigos), os que oram pelo próximo (inclusive os que oram pelos seus perseguidores) e os que procuram reconciliar-se com seus inimigos e perdoar-lhes as ofensas, esses todos é que estão disponíveis para o Reino dos Céus, através de múltiplas (re)encarnações no plano físico.

Eis aí, portanto, o resumo central do *Sermão da Montanha*, o coração do verdadeiro **cristianismo de Jesus**, que há de durar eternamente, em oposição frontal ao **cristianismo dogmático e mítico dos cristãos**, fundado por Paulo de Tarso (“**PAULINISMO**”), o qual, como já disse, mas faço questão de repetir, vem sofrendo em todo o mundo um alarmante declínio ou colapso, nas últimas décadas, principalmente na velha Europa – sede do catolicismo – pelo fato de os cristãos dogmáticos paulinistas preferirem encobrir seus erros doutrinários, em vez de discuti-los abertamente através do diálogo ecumênico e inter-religioso.

15-QUAIS SÃO OS PRINCIPAIS PONTOS POLÊMICOS DA DOCTRINA DE PAULO (PAULINISMO), EM OPOSIÇÃO AOS ENSINAMENTOS AUTÊNTICOS DE JESUS?

Apresentarei a seguir 30 pontos polêmicos da doutrina de Paulo de Tarso, todos extraídos de suas cartas (ou de cartas a ele atribuídas), em oposição aos ensinamentos autênticos de Jesus, alguns acompanhados de comentários meus ou de outros autores:

- 1) A doutrina central de Paulo de Tarso, como já vimos, mas convém repetir, é a da salvação gratuita pela fé em Jesus morto e ressuscitado:** “Porque se confessares com tua boca que Jesus é Senhor e creres em teu coração que Deus o ressuscitou dentre os

mortos, serás salvo” (Romanos 10,9). “Crê no Senhor Jesus, e serás salvo, tu e os teus” (Atos 16,31). “A justiça de Deus opera pela fé em Jesus Cristo, em favor de todos os que creem – pois não há diferença, sendo que todos pecaram e todos estão privados da glória de Deus – e são justificados gratuitamente, por sua graça, em virtude da redenção realizada em Cristo Jesus: Deus o expôs como instrumento de propiciação [=sacrifício para aplacar a ira de Deus], por seu próprio sangue, mediante a fé” (Romanos 3, 22-25). “O justo viverá pela fé” (Romanos 1,17). “Ninguém será justificado pelas obras da Lei” (Romanos 3,20). “Nós sustentamos que o homem é justificado pela fé, sem as obras da Lei” (Romanos 3,28).

- 2) **Paulo é intolerante para com aqueles que ensinam uma doutrina diferente da sua “sã doutrina”:** “Se alguém ensinar uma outra doutrina... é porque é cego, nada entende, é um doente à procura de controvérsias e discussões de palavras” (1Timóteo 16, 3-4). “É preciso que o episcopo seja de tal modo fiel na exposição da palavra que seja capaz de ensinar a sã doutrina como também de refutar os que a contradizem” (Tito 1,9). “...não fiquem dando ouvidos a fábulas judaicas ou a mandamentos de homens desviados da verdade” (Tito 1,14). “Quanto a ti, fala do que pertence à sã doutrina” (Tito 2,1). “Se alguém – ainda que nós mesmos ou um anjo do céu – vos anunciar um Evangelho diferente do que vos anunciamos, seja anátema [=excomungado/condenado]” (Gálatas 1,8). “É preciso evitar as discussões de palavras: elas não servem para nada, a não ser para a perdição dos que as ouvem” (2Timóteo 2,14). “Pois virá um tempo em que alguns não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, segundo os seus próprios desejos, como que sentindo comichão nos ouvidos, se rodearão de mestres. Desviarão os seus ouvidos da verdade, orientando-os para as fábulas” (2Timóteo 4,3-4).
- 3) **Paulo acredita no diabo e entrega a Satanás os que naufragam na fé:** “Timóteo, meu filho, ... alguns, rejeitando a boa consciência, vieram a naufragar na fé. Dentre esses se encontram Himeneu e Alexandre, os quais entreguei a Satanás, a fim de que aprendam a não mais blasfemar” (1Timóteo 1, 18-20). “Revesti-vos da armadura de Deus, para poderdes resistir às insídias do diabo” (Efésios 6,11).
- 4) **Paulo prega um Deus irado:** “Ninguém vos engane com palavras vãs, porque por essas coisas vem a ira de Deus” (Efésios 5,6). “...justificados por seu sangue [o sangue de Cristo], seremos por ele salvos da ira [de Deus]” (Romanos 5,9). “Que a ira [de Deus] caia sobre eles [os judeus]” (1Tessalonicenses 2,16). Eu pergunto: o verdadeiro Deus pode ter ira, raiva, vingança? O Deus de Paulo é,

portanto, semelhante ao Deus Javé do Antigo Testamento: um ser superexclusivista, zangado, intolerante e vingativo, cuja ira se manifesta implacavelmente contra os ímpios e pecadores, que não têm como escapar do seu severo juízo final, tal como se lê na Epístola aos Romanos. Este não é o Deus de Amor, revelado por Jesus no Novo Testamento. O Jesus de Paulo (**Deus e Homem**) é também inteiramente diferente do “Jesus histórico” (**apenas homem**). Em outros termos, o Jesus de Paulo é o “Jesus mítico”, o “Cristo da fé” (**uma pessoa totalmente divina**), e não o “Jesus histórico” (**uma pessoa inteiramente humana**).

- 5) **Paulo está convicto de que o pecado entrou no mundo por meio de um só homem (Adão) e que a morte é consequência do pecado de Adão:** “Eis porque por meio de um só homem o pecado *entrou no mundo* e, pelo pecado, a morte, e assim a morte passou a todos os homens, porque [em Adão] todos pecaram...” (Romanos 5,12). Eu pergunto: Adão existiu?
- 6) **Paulo crê que no “batismo” morremos com Cristo, mas, como Cristo ressuscitou, também nós seremos ressuscitados:** “Não sabeis que todos os que fomos batizados em Cristo Jesus, é na sua morte que fomos batizados? Pois pelo batismo nós fomos sepultados com ele na morte para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós vivamos vida nova” (Romanos 6, 3-4). “Mas se morremos com Cristo, temos fé de que também viveremos com ele, sabendo que Cristo, uma vez ressuscitado dentre os mortos, já não morre, a morte não tem mais domínio sobre ele” (Romanos 6,8-9).
- 7) **Paulo prega que os impuros e os avarentos não herdarão o Reino de Deus:** “Nenhum fornicário ou impuro ou avarento – que é um idólatra – tem herança no Reino de Cristo e de Deus” (Efésios 5,5).
- 8) **Paulo condena os perturbadores:** “Aquele, porém, que vos perturba, sofrerá a condenação, seja lá quem for” (Gálatas 5,10).
- 9) **Paulo prega a submissão das mulheres aos maridos:** “As mulheres estejam sujeitas aos seus maridos, como ao Senhor, porque o homem é cabeça da mulher, como Cristo é cabeça da Igreja e o salvador do corpo. Como a Igreja está sujeita a Cristo, estejam as mulheres em tudo sujeitas aos seus maridos” (Efésios 5, 22-24).
- 10) **Paulo proíbe as mulheres de falarem nas assembleias:** “Como acontece em todas as igrejas dos santos, estejam caladas as

mulheres nas assembleias, pois não lhes é permitido tomar a palavra” (1Coríntios 14,34).

- 11) **Paulo condena os homossexuais:** “Os efeminados não herdarão o Reino de Deus” (1Coríntios 6,10).
- 12) **Paulo aconselha aos solteiros e às viúvas que não se casem:** “É bom ao homem não tocar em mulher” (1Coríntios 7,1). “Digo às pessoas solteiras e às viúvas que é bom ficarem como eu. Mas, se não podem guardar a continência, casem-se...” (1Coríntios 7,8-9).
- 13) **Paulo condena os judeus:** “Que a ira de Deus acabe por cair sobre eles [os judeus]” (1Tessalonicenses 2,16).
- 14) **Paulo condena quem não ama o Senhor:** “Se alguém não ama o Senhor, seja anátema” (1Coríntios 16,22).
- 15) **Paulo especifica** “os que não herdarão o Reino de Deus: os que praticam a fornicção, impureza, libertinagem, idolatria, feitiçaria, ódio, rixas, ciúmes, ira, discussões, discórdia, divisões, invejas, bebedeiras, orgia e coisas semelhantes a estas...” (Gálatas 5,19-21). Eu pergunto: Será que existe alguém neste planeta que não pratique nenhuma dessas ações?
- 16) **Paulo ensina que a Igreja Católica é** “a Igreja de Deus, que ele adquiriu para si pelo sangue de seu próprio Filho” (Atos 20,28).
- 17) **Segundo Paulo,** “Cristo foi o primeiro a ressuscitar dentre os mortos” (Atos 26,23).
- 18) **Para o apóstolo Paulo, Cristo** “é a Imagem do Deus invisível, o Primogênito de toda criatura, porque nele foram criadas todas as coisas, nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis: Tronos, Soberanias, Principados, Autoridades, tudo foi criado por ele e para ele. Ele é antes de tudo e tudo nele subsiste. Ele é a Cabeça da Igreja, que é o seu corpo. Ele é o Princípio, o Primogênito dos mortos, pois nele aprovou a Deus fazer habitar toda a Plenitude e reconciliar por ele e para ele todos os seres, os da terra e os dos céus, realizando a paz pelo sangue da sua cruz” (Colossenses 1,15-20).
- 19) **Paulo declara que** “a Igreja é a coluna e o fundamento da verdade” (1Timóteo 3,15).
- 20) **Paulo está convicto de que** “se Cristo não ressuscitou, vazia é a nossa pregação, vazia também é a vossa fé (1Coríntios 15,14).

- 21) **Paulo prega que muita gente não herdará o Reino de Deus:** “Então não sabeis que os injustos não herdarão o Reino de Deus? Não vos iludais! Nem os impudicos [=os que não têm pudor], nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os depravados, nem os efeminados, nem os sodomitas [=aqueles que praticam coitos imorais], nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os injuriosos herdarão o Reino de Deus” (1Coríntios 6,9-10).
- 22) **Paulo faz apologia da escravidão:** “Eras escravo quando foste chamado? Não te preocupes com isto. Ao contrário, ainda que te pudesses tornar livre, procura antes tirar proveito da tua condição de escravo” (1Coríntios 7,21). “Servos, obedecei, com temor e tremor, em simplicidade de coração, a vossos senhores nesta vida, como a Cristo” (Efésios 6,5).
- 23) **Paulo prega a dependência da mulher em relação ao homem:** “Pois o homem não foi tirado da mulher, mas a mulher, do homem. E o homem não foi criado para a mulher, mas a mulher para o homem” (1Coríntios 11,8-9).
- 24) **Paulo ensina que toda autoridade vem de Deus e que, portanto, todo homem deve submeter-se às autoridades constituídas, senão será condenado:** “Todo homem se submeta às autoridades constituídas, pois não há autoridade que não venha de Deus, e as que existem foram estabelecidas por Deus. De modo que aquele que se revolta contra a autoridade, opõe-se à ordem estabelecida por Deus. E os que se opõem atrairão sobre si a condenação” (Romanos 13,1-2). “É também por isso que pagais impostos, pois os que governam são servidores de Deus” (Romanos 13,6).
- 25) **Para Paulo, a Igreja é o corpo “místico” de Cristo, crucificado segundo a carne e vivificado pelo Espírito** (cf. 1Coríntios 15,23).
- 26) **Para Paulo, Cristo é a Cabeça da Igreja, das Potências angélicas e o Senhor do universo inteiro (Kyrios)** (cf. Efésios 1,23).
- 27) **Para Paulo, Deus entregou seu Filho para reconciliar consigo os pecadores** (cf. Romanos 5,8; 8, 32-39). **Ou seja, segundo Paulo, Deus, para salvar a humanidade pecadora, exigiu o horrendo sofrimento da crucificação de Jesus. Para Paulo, o lado humano de Jesus não pode ser separado do seu lado divino:** “Pois nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade” (Colossenses 2,9). **Sendo assim, Cristo, sendo Deus**

e homem, na unidade de sua personalidade completa (que Paulo jamais divide), ao morrer na cruz, não se despojou de sua natureza divina. Ou seja, ele não morreu apenas como homem, mas como homem e Deus. Por isso, é que os judeus sempre foram tachados pelos cristãos paulinistas como “assassinos de Deus”. Eu pergunto: Deus pode morrer? Como aceitar essa doutrina absurda, repugnante, sadista, masoquista e sadomasoquista, ou seja, essa chamada “teologia do sangue”, pela qual o Deus antropomórfico dos cristãos parece ter tido prazer com o sofrimento de seu próprio Filho Jesus morto na cruz? O Deus verdadeiro pode deleitar-se com o sofrimento dos outros? Alguns teólogos defendem a tese de que Jesus morreu apenas como homem, e não como Deus, mas esses mesmos teólogos paulinistas se contradizem ao ensinar que não se pode separar o lado humano de Jesus do seu lado divino! Logo, segundo essa visão, Jesus teria morrido como homem e Deus. Por influência de religiões pagãs mais antigas, os teólogos cristãos paulinistas sempre defenderam a tese absurda de que Deus, tendo ficado aborrecido, por causa do suposto “pecado original”, decidiu enviar seu próprio Filho Jesus Cristo para sofrer e morrer na cruz a fim de pagar nossa culpa original e nos salvar. Segundo o ponto de vista que defendo, não é a crença num avatar ou salvador externo, ou seja, num Deus encarnado, que morreu crucificado, como no caso do Cristo da fé, que nos redime, que nos salva, ou melhor, que nos liberta e nos faz evoluir espiritualmente, mas unicamente a prática do amor-caridade: FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO, como prega o Espiritismo. O “Jesus histórico” também pregou que não queria sacrifícios, mas a prática do amor: **“Misericórdia é que eu quero, e não sacrifício”** (Mateus 9,13) (negrito meu).

- 28) Na carta aos Filipenses, Paulo expõe sua doutrina do chamado “autoesvaziamento” de Jesus nos seguintes termos:** “Ele tinha a condição divina, e não considerou o ser igual a Deus como algo a que se apegar ciosamente. Mas autoesvaziou-se a si mesmo, e assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana. E achado em figura de homem, humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz! Por isso Deus o sobreexaltou com o Nome que é sobre todo nome, de modo que, ao nome de Jesus, se dobre todo joelho dos seres celestes, dos terrestres e dos que vivem sob a terra, e, para glória de Deus, o Pai, toda língua confesse: Jesus é o Senhor” (Filipenses 2,6-11).

- 29) **Paulo pregava que o fim do mundo estava bem próximo, o qual ocorreria ainda na mesma era em que ele vivia, e que já tinha sido iniciado pela morte e ressurreição de Jesus:** “Eis que vos dou a conhecer um mistério: nem todos morreremos, mas todos seremos transformados. Num instante, num abrir e fechar de olhos, ao som da trombeta final, pois a trombeta tocará, e os mortos ressurgirão incorruptíveis, e nós seremos transformados” (1Coríntios 15,51-52). “Por isso vos declaramos, segundo a palavra do Senhor: que os vivos, os que ainda estivermos lá para a Vinda do Senhor, não passaremos à frente dos que morreram. Quando o Senhor, ao sinal dado, à voz do arcanjo e ao som da trombeta divina, descer do céu, então os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; em seguida nós, os vivos que estivermos lá, seremos arrebatados com eles nas nuvens para o encontro com o Senhor, nos ares” (1Tessalonicenses 4,15-17). Dois mil anos já se passaram e esta famosa profecia paulina ainda não se cumpriu, nem vai jamais se cumprir, pois a humanidade, na visão espírita (que sigo), não terá um fim, mas uma *transformação*, na época de sua **regeneração**. Será o fim do mundo velho, a decadência das ideias antigas.
- 30) **Paulo prega em suas epístolas o velho princípio teológico judaico de que sem sangue não há expiação:** “A justiça de Deus opera pela fé em Jesus Cristo, em favor de todos os que creem – pois não há diferença, sendo que todos pecaram e todos estão privados da glória de Deus – e são justificados gratuitamente, por sua graça, **em virtude da redenção realizada em Cristo Jesus: Deus o expôs como instrumento de propiciação, por seu próprio sangue, mediante a fé**” (Romanos 3, 22-25) (negrito meu). “**Paulo diz que os pecados são perdoados se a pessoa acreditar que Jesus morreu na cruz por ela. É a doutrina da salvação em que o herói derrama seu sangue e todos são perdoados por causa dele**” (VASCONCELOS, 2003). “**Associando a morte do Unigênito de Deus à redenção de nossos pecados, Paulo de Tarso retrocedeu às primitivas religiões semíticas, em que os pais deviam imolar seus primogênitos**” (KERSTEN, 1986, p. 35) (negrito meu).

APÊNDICE B

12 ANOS NAS CASAS DE DOM BOSCO

José Pinheiro de Souza*

Os 12 anos que vivi nas casas de Dom Bosco representam para mim 12 anos de dádivas especiais de Deus, que jamais poderei esquecer.

Foi com os salesianos que obtive, praticamente, quase toda a minha educação intelectual (desde o 2º ano primário, até o 2º ano de faculdade), bem como minha formação cultural, cívica, moral e religiosa.

Tentarei resumir brevemente agora os 12 anos de minha vida nas casas de Dom Bosco, delongando-me um pouco sobre as recordações inesquecíveis do meu primeiro dia no seminário salesiano.

1951: aos 13 anos de idade, entrava (contra minha vontade) no aspirantado salesiano de Juazeiro do Norte (CE.), de nome Escola Agrícola São José (apelidado de “São José dos Bodes”). Entrei lá por ordem expressa de minha mãe, que queria ter um filho padre, custasse o que custasse. Minha intenção inicial era a de fugir de lá, assim que pudesse.

Foi precisamente no dia 26 de julho, por volta das quatro horas da tarde, que minha mãe me internou naquela casa. Havia apenas dois salesianos lá: o Diretor, Padre Tiago Avico (italiano) e o Assistente, Clérigo Milton (“cônsul”). O número de aspirantes era de 30 a 40, aproximadamente.

Fiquei tão amatutado naquela primeira tarde (lembro-me como se fosse hoje) que não conseguia falar uma palavra, mas apenas

* Texto extraído e adaptado de um artigo meu, publicado no livro *Ação Fraterna Salesiana: aspirantado salesiano de Carpina, 50 anos: memória afetiva dos salesianos do Nordeste do Brasil/colab. Francisco Felipe Filho... [et al.]. – [Recife]: Fundação Antônio dos Santos Abranches, 2010, p. 69-72.*

balançar a cabeça quando alguém me fazia uma pergunta. Por isso, peguei logo o apelido de “Lagartixa”.

Às cinco horas, fomos ao dormitório para vestir o calção, a fim de irmos tomar banho no único banheiro, que ficava a uns 200 metros, fora do dormitório. Comecei a tirar a roupa e, quando já estava pelado, o Clérigo Milton depressa correu ao meu encontro e me cobriu com o cobertor, dizendo-me também que, depois de vestir o calção, amarrasse a toalha na cintura.

Nunca tinha vestido um calção, nem tomado banho de chuveiro, pois em meu sítio natal sempre tomávamos banho nos açudes e em trajes de Adão e Eva.

Fiquei muito desajeitado ao me ver dentro daquele longo e grosso calção de mescla (que mais se parecia com ceroulas). Mas o jeito era seguir o regulamento da Casa, e assim fui ficar na fila do banheiro, esperando minha vez para tomar meu primeiro banho de chuveiro.

Quando chegou a minha vez, entrei no banheiro, mas cadê saber abrir o chuveiro? Fiquei matutando lá dentro, sem saber o que fazer. Dei umas pancadas no chuveiro, mas só caíram alguns pingos d’água que mal deram para molhar-me um pouquinho. Tive vergonha de sair e dizer que não sabia abrir o chuveiro. Depois de algum tempo, o Seu Milton bateu na porta e disse: “Tá na hora de sair”.

Dei um pulo pra fora e saí, sem ter tomado banho algum. Graças a Deus que Seu Milton não notou que eu não tinha tomado banho. Voltei para o dormitório, a fim de tirar o calção e vestir-me para o jantar.

Antes de entrarmos no refeitório, fizemos uma fila e ouvi que todos rezavam uma oração numa língua (o latim) que eu não entendia: era o *Angelus Domini nuntiavit Mariae* (*O Anjo do Senhor anunciou a Maria*).

Ao entrarmos no refeitório, Seu Milton me indicou o lugar na mesa onde eu devia ficar. Sentei-me logo na cadeira, mas ele me disse: “Não, porque ainda temos que rezar”.

Acostumado a jantar só mungunzá, estranhei bastante ao ver na mesa sopa, café e pão. Comi e bebi pouco, pois estava ainda muito inibido.

Depois do jantar, houve recreio. Não brinquei nada: fiquei só observando, de longe, o que faziam os aspirantes. Aproximadamente às sete e meia, tocou a sineta para terminar o recreio e começar o estudo.

Não sabendo ainda o que fazer naquele salão de estudos, fiquei simplesmente observando os outros, até que Seu Milton me deu um livrinho de histórias, que só folheei para lá e para cá, dado que ainda lia pouco (e mal tinha concluído o 1º ano primário).

Por volta das nove horas, terminou o estudo e começaram as orações da noite. Após o Boa-Noite, fomos dormir. Pouco consegui dormir, pois estava como que inebriado com tudo o que tinha visto acontecer naquela tarde aventureira do meu primeiro dia de seminário.

Era, de fato, um mundo totalmente novo que surgia para mim. Dia após dia, fui, contudo, acostumando-me a tudo e comecei a gostar muito do seminário salesiano. A ideia inicial de fugir dele começou a desaparecer de minha mente. Comecei a progredir nos estudos e a participar ativamente de todas as atividades: brincados, esportes, passeios, teatrinhos, música etc.

Dois meses depois, escrevi para minha mãe dizendo-lhe que estava adorando e que queria ser padre salesiano. Minha mãe deve ter pulado de contente.

1953: Fiquei em Juazeiro do Norte até dezembro de 1952. Em janeiro de 1953, fui transferido para o aspirantado de Recife, onde fiz o curso ginasial de 53 a 56.

1957: Fui para Jaboação, fazer o Noviciado.

1958: No dia 31 de janeiro, tornei-me salesiano e, em fevereiro, fui para Natal, cursar o 1º ano de Filosofia.

1959: Deixa de funcionar o Curso de Filosofia de Natal, sendo todos os seminaristas, estudantes de filosofia, transferidos para São João del Rei, Minas Gerais, ou para Lorena, São Paulo. Eu, porém, adoeci e tive que ficar em Natal por mais um ano, como assistente dos alunos da escola primária.

1960: Deveria ter ido para São João del Rei ou para Lorena, a fim de continuar o curso de Filosofia, mas o Padre Inspetor, não

encontrando nenhum outro clérigo para completar o 'time' de Salvador, mandou-me como assistente dos aprendizes de lá. Fiz assim no Liceu Salesiano de Salvador meu segundo ano de tirocínio.

1961: Fui para São João del Rei, a fim de cursar o 2º ano de Filosofia e o 1º ano da Faculdade de Letras Anglo-Germânicas.

1962: Devido a problemas de saúde, o Padre Inspetor achou por bem transferir-me para Lorena, São Paulo, onde fiz o 3º ano de Filosofia e o 2º ano da Faculdade de Letras.

1963: Fui para o Ginásio Domingos Sávio, na cidade de Baturité, Ceará, onde fiz meu 3º e último ano de tirocínio, e onde vivi meu último ano como membro da Congregação Salesiana, pois, em janeiro de 1964, deixei a Congregação de Dom Bosco para ingressar no atual estado civil em que me encontro.

De Baturité para cá, já se foram 47 anos. Puxa, como o tempo voa! E agora eu, mesmo tendo deixado a Congregação Salesiana, há 47 anos, e também tendo deixado o próprio catolicismo, há 15 anos, me pergunto sinceramente: o que devo fazer para retribuir a Deus, a Jesus e a Dom Bosco o que deles recebi, durante tanto tempo? Acredito que a melhor maneira de retribuir-lhes um pouco pelas tantas bênçãos e graças recebidas ao longo de meus 72 anos, é tentar viver um pouco, todos os dias, **A RELIGIÃO DE DEUS E DE JESUS, O AMOR-CARIDADE.**

APÊNDICE C

**SUMÁRIO DAS MATÉRIAS PUBLICADAS NO *BLOG DO PINHEIRO*,
POR DATA DE PUBLICAÇÃO: (NOME DO *BLOG*: *BLOG DO PINHEIRO*:
DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO. ENDEREÇO DO *BLOG*:
www.jpinheirosouza.blog.uol.com.br)**

- 1 – INAUGURANDO O *BLOG DO PINHEIRO* (1/4/2008)
- 2 – SITE DO PINHEIRO, PARA QUEM QUISER ADQUIRIR O LIVRO *ENTREVISTAS COM JESUS: REFLEXÕES ECUMÊNICAS* (1/4/2008)
- 3 – ARTIGO DO JORNALISTA PAULO EDUARDO MENDES SOBRE O LIVRO *MITOS CRISTÃOS*, PUBLICADO NO JORNAL DIÁRIO DO NORDESTE (1/4/2008)
- 4 – SITE DA EDITORA PANORAMA ESPÍRITA, PARA QUEM QUISER ADQUIRIR O LIVRO *MITOS CRISTÃOS* (1/4/2008)
- 5 – MITOS E MITOS CRISTÃOS (2/4/2008)
- 6 – O GRANDE MAL DA INTERPRETAÇÃO LITERAL DOS MITOS (2/4/2008)
- 7 – CAPA DO LIVRO *ENTREVISTAS COM JESUS* (3/4/2008)
- 8 – ARTIGO DO JORNALISTA PAULO EDUARDO MENDES SOBRE O LIVRO *ENTREVISTAS COM JESUS* (3/4/2008)
- 9 – CAPA DO LIVRO *MITOS CRISTÃOS* (3/4/2008)
- 10 – ETIMOLOGIA DE “RELIGIÃO” E A VERDADEIRA RELIGIÃO (3/4/2008)
- 11 – É POSSÍVEL E LÍCITO AVALIAR MITOS? (5/4/2008)
- 12 – O MITO DO NASCIMENTO VIRGINAL DE JESUS (5/4/2008)
- 13 – FÉ CEGA X FÉ RACIOCINADA (6/4/2008)
- 14 – HÁ DOIS CRISTIANISMOS? (7/4/2008)
- 15 – JESUS MÍTICO X JESUS HISTÓRICO (8/4/2008)
- 16 – SIMPATIZANTE DO ESPIRITISMO (9/4/2008)
- 17 – E-MAIL DE WANDER SENA (10/4/2008)
- 18 – ESPIRITISMO KARDECISTA X CENTROS ESPÍRITAS DE UMBANDA (13/4/2008)
- 19 – DIVISÕES NO ESPIRITISMO (14/4/2008)
- 20 – OS LIVROS DO PINHEIRO SÃO “ANTICRISTÃOS”? (15/4/2008)
- 21 – JESUS NASCEU EM BELÉM? (16/4/2008)
- 22 – JESUS É UMA PESSOA DIVINA? (17/4/2008)

- 23 – O DEUS DA BÍBLIA JUDAICO-CRISTÃ (18/4/2008)
- 24 – O MITO DA TRINDADE CRISTÃ (19/4/2008)
- 25 – A BÍBLIA COMO “PALAVRA DE DEUS”? (22/4/2008)
- 26 – CONTRADIÇÕES NA BÍBLIA (23/4/2008)
- 27 – ALTERAÇÕES NA BÍBLIA (24/4/2008)
- 28 – O MITO DA UNICIDADE CRISTÃ (25/4/2008)
- 29 – DEUS É “PESSOA”, “PAI” E “FILHO”? (28/4/2008)
- 30 – INERRÂNCIA DA BÍBLIA? (29/4/2008)
- 31 – PENSAMENTOS ECUMÊNICOS (30/4/2008)
- 32 – JESUS RESSUSCITOU? (1/5/2008)
- 33 – SÓ JESUS SALVA? (2/5/2008)
- 34 – JESUS FUNDOU UMA IGREJA? (3/5/2008)
- 35 – PAULINISMO (5/5/2008)
- 36 – A MAIOR POLÊMICA CRISTÃ DE TODOS OS TEMPOS (6/5/2008)
- 37 – VALOR DOS MITOS (7/5/2008)
- 38 – MILAGRES NA VISÃO ESPÍRITA (8/5/2008)
- 39 – O MITO DO DEUS ENCARNADO (9/5/2008)
- 40 – A TRANSIÇÃO DE “FILHO DE DEUS” PARA “DEUS O FILHO” (10/5/2008)
- 41 – O MITO DO PECADO ORIGINAL (12/5/2008)
- 42 – O MITO DO BATISMO (13/5/2008)
- 43 – O MITO DO PARTO VIRGINAL (14/5/2008)
- 44 – O MITO DA SALVAÇÃO (15/5/2008)
- 45 – INTERPRETAÇÃO LITERAL DOS MITOS? (16/5/2008)
- 46 – INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA (19/5/2008)
- 47 – DEMITIZAÇÃO OU DEMITOLOGIZAÇÃO (20/5/2008)
- 48 – SUMÁRIO DAS MATÉRIAS PUBLICADAS ATÉ A PRESENTE DATA (21/5/2008)
- 49 – O MITO DA CEIA EUCARÍSTICA (22/5/2008)
- 50 – DOM HÉLDER REENCARNACIONISTA (23/5/2008)
- 51 – O JESUS HISTÓRICO E O MÍTICO (ARTIGO DE REIS CHAVES) (24/5/2008)
- 52 – A VERDADEIRA RELIGIÃO (26/5/2008)
- 53 – O MITO DO JUÍZO FINAL (27/5/2008)
- 54 – O MITO DO INFERNO ETERNO (28/5/2008)
- 55 – A RELIGIÃO DE JESUS E A DOS CRISTÃOS (29/5/2008)
- 56 – O ESPIRITISMO É UMA RELIGIÃO? (30/5/2008)
- 57 – O MITO DA “MÃE DE DEUS” (2/6/2008)
- 58 – O MITO DE SATANÁS E DOS DEMÔNIOS (3/6/2008)

- 59 – UM (E NÃO O) ESPÍRITO SANTO (4/6/2008)
- 60 – “EU E O PAI SOMOS UM” (5/6/2008)
- 61 – ORIGEM DOS MITOS CRISTÃOS (6/6/2008)
- 62 – POLISSEMIA DO TERMO “MITO” (7/6/2008)
- 63 – CONCEITO DE “MITOS CRISTÃOS” (9/6/2008)
- 64 – RELIGIÃO E CIÊNCIA (10/6/2008)
- 65 – POR QUE SOFREMO? (11/6/2008)
- 66 – MEU DEUS E MEU JESUS (12/6/2008)
- 67 – CRENÇAS X AMOR (13/6/2008)
- 68 – NÃO IMPORTA O CAMIMNHO (16/6/2008)
- 69 – PLURALISMO X EXCLUSIVISMO (17/6/2008)
- 70 – FORA DA IGREJA NÃO HÁ SALVAÇÃO? (18/6/2008)
- 71 – O ECUMENISMO E O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO (19/6/2008)
- 72 – CRÍTICAS AO ECUMENISMO CATÓLICO (20/6/2008)
- 73 – O LIVRO *ENTREVISTAS COM JESUS* (Apresentação por Cid Carvalho) (21/6/2008)
- 74 – O LIVRO *ENTREVISTAS COM JESUS* (Opiniões de leitores) (23/6/2008)
- 75 – FORA DO AMOR NÃO HÁ SALVAÇÃO (24/6/2008)
- 76 – DIVERGÊNCIAS RELIGIOSAS (25/6/2008)
- 77 – DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II (26/6/2008)
- 78 – FÉ E RAZÃO (27/6/2008)
- 79 – PALESTRA SOBRE O LIVRO *MITOS CRISTÃOS* (27/6/2008)
- 80 – SUMÁRIO DAS MATÉRIAS PUBLICADAS ATÉ A PRESENTE DATA (28/6/2008)
- 81 – O DOCUMENTO *DIÁLOGO E ANÚNCIO* (30/6/2008)
- 82 – “REVOLUÇÃO COPERNICANA” EM MINHA FÉ (1/7/2008)
- 83 – POR QUE ME TORNEI REENCARNACIONISTA (2/7/2008)
- 84 – ARGUMENTOS A FAVOR DA REENCARNAÇÃO (3/7/2008)
- 85 – REENCARNAÇÃO X MITOS CRISTÃOS (4/7/2008)
- 86 – OBJEÇÕES À REENCARNAÇÃO (5/7/2008)
- 87 – ADEPTOS DA REENCARNAÇÃO NO MUNDO (7/7/2008)
- 88 – EQUIVALÊNCIA FUNCIONAL DAS RELIGIÕES (8/7/2008)
- 89 – RELIGIÃO X SEITA (9/7/2008)
- 90 – E OS “HEREGES” TINHAM RAZÃO (10/7/2008)
- 91 – MITRAÍSMO E CRISTIANISMO (11/7/2008)
- 92 – KRISHNA E CRISTO (14/7/2008)
- 93 – BUDA E JESUS (15/7/2008)
- 94 – O AMOR ACIMA DAS CRENÇAS (17/7/2008)
- 95 – CONCEITO DE DEUS (18/7/2008)

- 96 – “A FÉ SEM OBRAS É MORTA” (21/7/2008)
- 97 – POR QUE TANTAS RELIGIÕES E SEITAS? (22/7/2008)
- 98 – RESUMO DOS PRINCIPAIS MITOS CRISTÃOS (24/7/2008)
- 99 – POR QUE DEIXEI A FÉ CATÓLICA (25/7/2008)
- 100 – O SEMINÁRIO DE JESUS (28/7/2008)
- 101 – JESUS NÃO É UM SÓ? (29/7/2008)
- 102 – O CRISTIANISMO DE JESUS NÃO É UM SÓ? (30/7/2008)
- 103 – JESUS NUNCA SE DISSE DEUS (31/7/2008)
- 104 – GANDHI E O CRISTIANISMO (1/8/2008)
- 105 – O CRISTIANISMO DE PAULO E O DE JESUS (4/8/2008)
- 106 – O DEUS VIOLENTO DO ANTIGO TESTAMENTO (5/8/2008)
- 107 – O “PAI” DOS FUNDAMENTALISTAS (6/8/2008)
- 108 – OS DOIS CRISTIANISMOS (7/8/2008)
- 109 – COMBATE AO FUNDAMENTALISMO (11/8/2008)
- 110 – ALGUMAS PROVAS DA IDENTIDADE DE TEXTOS SAGRADOS DA ÍNDIA E DA BÍBLIA JUDAICO-CRISTÃ (12/8/2008)
- 111 – A DOCTRINA MÍTICA DE PAULO DE TARSO (22/8/2008)
- 112 – A MAIOR PROVA DE QUE CRISTO NÃO É DEUS (25/8/2008)
- 113 – O MITO DO RETORNO DE CRISTO (1/9/2008)
- 114 – O MITO DO MESSIAS (2/9/2008)
- 115 – MITOS MARIANOS (3/9/2008)
- 116 – O MITO DA INFALIBILIDADE PAPAL (4/9/2008)
- 117 – OS MILAGRES EUCARÍSTICOS COMPROVAM O DOGMA DA TRANSUBSTANCIAÇÃO? (5/9/2008)
- 118 – POR QUE DOCTRINAS VIRARAM DOGMAS? (9/9/2008)
- 119 – JESUS FOI MORTO PELOS JUDEUS? (10/9/2008)
- 120 – O MITO DO “POVO ELEITO” (11/9/2008)
- 121 – SUMÁRIO DAS MATÉRIAS PUBLICADAS ATÉ A PRESENTE DATA (12/9/2008)
- 122 – ORIGEM DA CEIA EUCARÍSTICA CATÓLICA (15/9/2008)
- 123 – ORIGEM PAGÃ DA IGREJA CATÓLICA (16/9/2008)
- 124 – O PECADO ORIGINAL NA VISÃO ESPÍRITA (17/9/2008)
- 125 – O RETORNO DE JESUS NA VISÃO ESPÍRITA (18/9/2008)
- 126 – O JUÍZO FINAL NA VISÃO ESPÍRITA (19/9/2008)
- 127 – OS GÊNIOS NA VISÃO ESPÍRITA (22/9/2008)
- 128 – AS REVELAÇÕES DO MENINO BORIS (23/9/2008)
- 129 – JESUS EXCLUSIVISTA X JESUS PLURALISTA (24/9/2008)
- 130 – JESUS: CAMINHO, VERDADE E VIDA (25/9/2008)
- 131 – TÍTULOS MÍTICOS ATRIBUÍDOS A JESUS (26/9/2008)
- 132 – PLURALISMO X SINCRETISMO RELIGIOSO (29/9/2008)

- 133 – CRISTIANISMO X MOVIMENTO NOVA ERA (30/9/2008)
- 134 – COMENTÁRIOS AO *BLOG DO PINHEIRO* (1/10/2008)
- 135 – JESUS INSTITUIU A CONFISSÃO? (6/10/2008)
- 136 – DECLÍNIO DA IGREJA CATÓLICA (13/10/2008)
- 137 – CRISTIANISMO X MAÇONARIA (20/10/2008)
- 138 – CRISTIANISMO X ORDEM ROSACRUZ (27/10/2008)
- 139 – CRISTIANISMO X LBV (3/11/2008)
- 140 – CRISTIANISMO X ISLAMISMO (10/11/2008)
- 141 – CRISTIANISMO X HINDUÍSMO (17/11/2008)
- 142 – CRISTIANISMO X BUDISMO (24/11/2008)
- 143 – CRISTIANISMO X CONFUCIONISMO (1/12/2008)
- 144 – CRISTIANISMO X TAOÍSMO (8/12/2008)
- 145 – CRISTIANISMO X TEOSOFIA (15/12/2008)
- 146 – O MITO DO NASCIMENTO DE DEUS (22/12/2008)
- 147 – NASCIMENTO DO FILHO DE DEUS (29/12/2008)
- 148 – QUEM ENDEUSOU JESUS? (5/1/2009)
- 149 – POR QUE PAULO MITIFICOU JESUS? (12/1/2009)
- 150 – CONSTANTINO TORNOU-SE CRISTÃO? (19/1/2009)
- 151 – O HOMEM QUE INVENTOU CRISTO (26/1/2009)
- 152 – A PÁGINA NEGRA DO CRISTIANISMO (2/2/2009)
- 153 – O PAPA DO JESUS HISTÓRICO (9/2/2009)
- 154 – MAIS PROFECIAS HISTORICIZADAS (16/2/2009)
- 155 – INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DOS MITOS (24/2/2009)
- 156 – JESUS É O OU UM SALVADOR? (2/3/2009)
- 157 – O DEUS JESUS: VERDADE OU MITO? (9/3/2009)
- 158 – PAULO FOI O APÓSTOLO DO AMOR? (16/3/2009)
- 159 – A FÉ CEGA PAULINA (23/3/2009)
- 160 – SALVAÇÃO PELA FÉ OU PELAS OBRAS? (30/3/2009)
- 161 – O SERMÃO DA MONTANHA (1/4/2009)
- 162 – SUMÁRIO DAS MATÉRIAS PUBLICADAS ATÉ A PRESENTE DATA (2/4/2009)
- 163 – ERROS DO CRISTIANISMO DOGMÁTICO (TÍTULO DE MEU NOVO LIVRO ECUMÊNICO, EM ANDAMENTO) (7/5/2009)
- 164 – O MAIOR ERRO DO CRISTIANISMO DOGMÁTICO (8/5/2009)
- 165 – CRISTO NÃO É DEUS (9/5/2009)
- 166 – A CEIA EUCARÍSTICA: RITO DE ANTROPOFAGIA E TEOFAGIA (10/5/2009)
- 167 – O PAPA É INFELÍVEL? (11/5/2009)
- 168 – METÁFORAS PARA FALAR DE DEUS (18/5/2009)

- 169 – ERROS DO CRISTIANISMO DOGMÁTICO (PREFÁCIO)
(25/5/2009)
- 170 – O SEGUNDO MAIOR ERRO DO CRISTIANISMO DOGMÁTICO
(1/6/2009)
- 171 – ERROS DO CRISTIANISMO DOGMÁTICO (INTRODUÇÃO)
(8/6/2009)
- 172 – SALVAÇÃO X EVOLUÇÃO (15/6/2009)
- 173 – CRISTO ERROU (22/6/2009)
- 174 – A BÍBLIA CONDENA O ESPIRITISMO? (29/6/2009)
- 175 – OS ESPÍRITAS NÃO SÃO CRISTÃOS? (6/7/2009)
- 176 – POR QUE SE DIZ QUE LUTERO É A REENCARNAÇÃO
DE PAULO? (13/7/2009)
- 177 – PALESTRA: FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO
(20/7/2009)
- 178 – COMENTÁRIO AO *BLOG DO PINHEIRO* (18/7/2009)
- 179 – A CARIDADE NA VERDADE (CARTA ENCÍCLICA DE BENTO
XVI) (27/7/2009)
- 180 – JESUS É NOSSO BODE EXPIATÓRIO? (3/8/2009)
- 181 – TEXTOS BÍBLICOS REENCARNACIONISTAS (10/8/2009)
- 182 – QUEM FUNDOU A IGREJA CATÓLICA? (17/8/2009)
- 183 – O SOFRIMENTO DE JESUS NA VISÃO ESPÍRITA (24/8/2009)
- 184 – DIÁLOGO ENTRE CATÓLICOS E ESPÍRITAS (TEMA:
OBJEÇÕES À REENCARNAÇÃO) (31/8/2009)
- 185 – DIÁLOGO ENTRE CATÓLICOS E ESPÍRITAS (TEMA: A CEIA
EUCARÍSTICA CATÓLICA) (4/9/2009)
- 186 – CATECISMO ECUMÊNICO (14/9/2009)
- 187 – A QUESTÃO DA VERDADE (18/9/2009)
- 188 – *BLOG DO PINHEIRO*: UM ANO E MEIO DE ANIVERSÁRIO
(1/10/2009)
- 189 – CONCLUSÃO DO LIVRO CATECISMO ECUMÊNICO (1/10/2009)
- 190 – O MITO DA RESSURREIÇÃO DE LÁZARO (5/10/2009)
- 191 – ORIGEM PAGÃ DO CRISTIANISMO DOGMÁTICO (13/10/2009)
- 192 – CATECISMO ECUMÊNICO: APRESENTAÇÃO (19/10/2009)
- 193 – HÁ QUATRO CRISTOS (26/10/2009)
- 194 – O MITO DO DEUS HOMEM, JESUS (3/11/2009)
- 195 – JESUS FOI UM PROFETA APOCALÍPTICO? (9/11/2009)
- 196 – A RELIGIÃO DO FUTURO: AMOR A DEUS E AO PRÓXIMO
(16/11/2009)
- 197 – ARGUMENTOS A FAVOR DA REENCARNAÇÃO (23/11/2009)
- 198 – ADORAR JESUS: CULTO DE IDOLATRIA (30/11/2009)

- 199 – INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DA BÍBLIA (7/12/2009),
- 200 – VALOR DA INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DOS MITOS (14/12/2009)
- 201 – O VERDADEIRO SENTIDO DO NATAL (17/12/2009)
- 202 – SUMÁRIO DAS MATÉRIAS PUBLICADAS ATÉ A PRESENTE DATA (27/12/2009)
- 203 – A IGREJA É A DONA DA VERDADE? (12/1/2010)
- 204 – O MITO DE NASCIMENTOS VIRGINAIS (16/1/2010)
- 205 – CRISTIANISMO EXCLUSIVISTA X CRISTIANISMO PLURALISTA (21/1/2010)
- 206 – VERDADE ABSOLUTA X VERDADE RELATIVA (27/1/2010)
- 207 – “CATÓLICOS CONSERVADORES” X “CATÓLICOS PROGRESSISTAS” (3/2/2010)
- 208 – O CREDO APOSTÓLICO REFERE-SE AO JESUS HISTÓRICO? (10/2/2010)
- 209 – SEMELHANÇAS ENTRE CRISTO E OSÍRIS (19/2/2010)
- 210 – QUAL É A RELIGIÃO DE DEUS? (25/2/2010)
- 211 – A REENCARNAÇÃO É UM FATOS (3/3/2010)
- 212 – 12 ANOS NAS CASAS DE Dom Bosco (10/3/2010)
- 213 – CONVITE LANÇAMENTO DE LIVRO (24/3/2010)
- 214 – BLOG DO PINHEIRO: SEGUNDO ANIVERSÁRIO (1/4/2010)
- 215 – CARTA CORAJOSA (12/4/2010)
- 216 – ALGUMAS FOTOS DO LANÇAMENTO DO LIVRO “CATECISMO ECUMÊNICO” (16/4/2010)
- 217 – “CATECISMO ECUMÊNICO”: ARTIGO DE PAULO EDUARDO MENDES (17/4/2010)
- 218 – MINIPALESTRA SOBRE O LIVRO “CATECISMO ECUMÊNICO” NA NOITE DE SEU LANÇAMENTO (21/4/2010)
- 219 – PALAVRAS DE SALIM IBRAIM SAID NA NOITE DE LANÇAMENTO DO LIVRO “CATECISMO ECUMÊNICO” (4/5/2010)
- 220 – APRESENTAÇÃO DO LIVRO “CATECISMO ECUMÊNICO” NA NOITE DE SEU LANÇAMENTO PELO JORNALISTA PAULO EDUARDO MENDES (16/4/2010)
- 221 – É O SANGUE DE CRISTO QUE NOS REDIME? (9/5/2010)
- 222 – O MITO DO “ESVAZIAMENTO” DE DEUS (14/5/2010)
- 223 – TRÊS PREGADORES APOCALÍPTICOS (17/5/2010)
- 224 – LANÇAMENTO DO ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DO CEARÁ (21/5/2010)

- 225 – FOTOS DO LANÇAMENTO DO ATLAS LINGUÍSTICO DO ESTADO DO CEARÁ (22/5/2010)
- 226 – A VERDADE É UMA SÓ (25/5/2010)
- 227 – “CREDO QUIA ABSURDUM”? (28/5/2010)
- 228 – A MAIOR PROVA DA REENCARNAÇÃO (8/6/2010)
- 229 – MAIS EVIDÊNCIAS A FAVOR DA REENCARNAÇÃO (16/6/2010)
- 230 – PROVAS FÍSICAS DA REENCARNAÇÃO (17/6/2010)
- 231 – JOSÉ SARAMAGO ERA ATEU? (21/6/2010)
- 232 – APRESENTAÇÃO DO LIVRO “ENCONTRO COMIGO” DE EDMILSON MICHILES (25/6/2010)
- 233 – O DOGMA DO PECADO ORIGINAL (30/6/2010)
- 234 – O INFERNO ETERNO EXISTE? (5/7/2010)
- 235 – CRIACIONISMO NÃO, EVOLUCIONISMO SIM! (8/7/2010)
- 236 – SENTIDOS DE “FILHO DO HOMEM” NA BÍBLIA (15/7/2010)
- 237 – MAIS PROVAS FÍSICAS DA REENCARNAÇÃO (23/7/2010)
- 238 – LEMBRANÇAS DE VIDAS PASSADAS: UMA VARIEDADE DE EXPLICAÇÕES (30/7/2010)
- 239 – PAULINISMO: a doutrina de Paulo em oposição à de Jesus (100 perguntas e respostas) (6/8/2010)
- 240 – A CAPA DO LIVRO “PAULINISMO” (8/8/2010)
- 241 – PAULINISMO: ALGUNS PONTOS POLÊMICOS (13/8/2010)
- 242 – AS 100 PERGUNTAS DO LIVRO “PAULINISMO” (22/8/2010)
- 243 – JESUS É UM E NÃO O SALVADOR (27/8/2010)